



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

ILANNA PINHEIRO DA COSTA MEDEIROS

TOPA – TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARENTAL PARA PAIS NO
PROCESSO DE PÓS ADOÇÃO

SEROPÉDICA
2026





ILANNA PINHEIRO DA COSTA MEDEIROS

TOPA – TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARENTAL PARA PAIS NO PROCESSO
DE PÓS ADOÇÃO

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Psicologia**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Área de Concentração Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

SEROPÉDICA

2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M488t Medeiros, Ilanna Pinheiro da Costa , 1993-
T.O.P.A - treinamento de orientação parental para
pais no processo de pós adoção / Ilanna Pinheiro da
Costa Medeiros. - Seropédica, 2026.
233 f. : il.

Orientadora: Ana Claudia de Azevedo Peixoto.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Psicologia ,
2026.

1. Psicologia. 2. Parentalidade. 3. Adoção. I.
Peixoto, Ana Claudia de Azevedo, ---, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa
de Pós- Graduação em Psicologia III. Título.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E ORIENTAÇÃO**

TERMO N° 207/2026 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.00.23)

N° do Protocolo: 23083.016728/2026-23

Seropédica-RJ, 13 de abril de 2026.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ILANNA PINHEIRO DA COSTA MEDEIROS

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, no Curso de Pós-Graduação em psicologia, área de Concentração em Clínica, Saúde e Educação na contemporaneidade.

TESE APROVADA EM 26/03/2026

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto - UFRRJ
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Luciene Miguez Naiff - UFRRJ

Prof. Dr. Marcelo Princeswall - UFRRJ

Prof. DrSávio Renato Bittencourt Soares Silva-FGV

Prof.^a Dr.^a Karla da Costa Seabra- UERJ

Documento não acessível publicamente

(Assinado digitalmente em 13/04/2026 10:25)

ANA CLAUDIA DE AZEVEDO PEIXOTO

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptPO (12.28.01.00.00.00.00.23)

Matricula: ###082#2

DeptPO (12.28.01.00.00.00.00.23)

Matricula: ###021#5

(Assinado digitalmente em 13/04/2026 15:11)

MARCELO PRINCESWAL

CHEFE DE DEPARTAMENTO - TITULAR

(Assinado digitalmente em 13/04/2026 13:27)

LUCIENE ALVES MIGUEZ NAIFF

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptPO (12.28.01.00.00.00.00.23)

Matricula: ###656#1

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.337-##

(Assinado digitalmente em 17/04/2026 20:32)

KARLA DA COSTA SEABRA

(Assinado digitalmente em 13/04/2026 10:42)

SÁVIO RENATO BITTENCOURT SOARES SILVA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.427-##

DEDICATÓRIA

*Dedico esta tese às famílias que, no pós-adoção, constroem o vínculo todos os dias, com
amor, coragem e persistência.*

AGRADECIMENTOS

Não há nenhuma palavra aqui escrita que não tenha sido acompanhada e/ou direcionada por Deus. Logo, agradeço não só por toda a inspiração e direcionamento, mas a cada aconchego dado em amor e graça; as lágrimas derramadas em oração e canções; a cada palavra lida, pregação escutada... A cada brisa do vento que me lembraram: você não está sozinha. A Ele que é o autor da vida, que é tão grandioso e mesmo assim cabe dentro do meu coração. O TOPA não é meu, ele é do reino; chegou através de mim, mas não pode parar em mim.

A minha família, que me sustentou em oração e amor. Bruno, você é casa, abrigo. Obrigada por permanecer por todos estes anos ao meu lado e não me deixar desistir; em seu peito derramei muitas lágrimas, em você achei regulação emocional quando tudo estava desmoronando. Obrigada por pegar minhas ideias e sonhos e fazer dessas coisas suas também. Eu nunca vou me esquecer dos dias que eu chorava por não conseguir acessar os pais e você foi atrás de perfis de adoção no instagram para falar sobre o TOPA como se ele fosse seu (e é). Aos meus pais que sempre acreditaram em mim mesmo quando não compreendiam a totalidade dos meus estudos; vocês me sustentaram em oração e com amor me conduziram para momentos de descanso mesmo quando eu achava que não poderia. A filha de vocês é doutora!

Aos amigos, que foram a alegria neste processo; obrigada por todas as vezes que perguntaram “como as coisas estão no doutorado?” ou “posso te ajudar em algo?”; obrigada pela compreensão de minha ausência. Ninguém faz nada sozinho e da nossa relação muitas coisas surgiram! Em destaque, agradeço a Gabriella Ramalho, esta tese é sua!!! Você pegou na minha mão, você literalmente escreveu pra mim e comigo, você não me deixou desistir. Obrigada amiga, por cada “surto” acolhido, por todas as vezes que você leu e releu este trabalho..., Por sua imensa alegria em ver meus pequenos passos. Obrigada!

Relacionamentos e vínculos se constroem de muitas formas, e posso dizer que formei vínculos com as instituições que me acolheram e “compraram” a minha ideia. Agradeço imensamente a equipe da Vara da Infância e Adolescência e juventude de Nova Iguaçu, em específico ao Igor que abriu as portas para o topa. Da mesma forma, agradeço ao Quintal de Ana, Família Acolhedora NI e a Associação Vida Plena de Mesquita.

Neste sentido, agradeço ao LEVICA e toda esta relação tão duradoura. Sou infinitamente grata a tudo que aprendi com as pessoas que compunham esse grupo. Todos os nossos trabalhos, projetos e eventos me deram conhecimento genuíno e duradouro para minha atuação profissional. Por falar em grupo, não posso deixar de destacar a participação da minha equipe no TOPA. Thaimine, você foi luz e abrigo! Obrigada por fazer tudo com tanta presteza

e carinho; obrigada por sempre dar o seu melhor! Sarah, agradeço toda a sua criatividade e capricho; nossas ideias estão eternizadas! Da mesma forma, agradeço à minha orientadora e parceira de longa caminhada, Ana Claudia; nossa relação se construiu, moldou e modificou; mas, chegamos até aqui. Obrigada!

Agradeço infinitamente a cada família que acreditou neste programa. Vocês não me conheciam, não sabiam o que estava sendo proposto, não receberam nada “em troca” e mesmo assim embarcaram comigo. Obrigada por responderem a esta viagem e por não me deixarem sozinha. O TOPA é de vocês.

Finalizo agradecendo a mim, eu não desisti, eu continuei mesmo quando tudo era extremamente difícil e doloroso; eu me lembrei durante todo este percurso que sou capaz e de que as coisas chegam através de mim mas, não podem e nem vão para em mim. O TOPA é um auto lembrete de que: eu consigo!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“O que eu sou?
Sou Ana, sou Pedro, sou João
Sou Lara, sou Dara, sou Sebastião
Sou tantos, sou eu
Sou ninguém, sou só
Por ser real, não caibo na sua fantasia
Sou criança com bagagem
Sou cria de um lugar que não escolhi”

Michelle Villaça Lino

RESUMO

MEDEIROS, Ilanna Pinheiro da Costa. TOPA – treinamento de orientação parental para pais no processo de pós adoção. 2026. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2026.

A construção da parentalidade não é linear ou que ocorre a partir de um único viés. A adoção é um desses caminhos que permite a execução de uma parentalidade diferente, com suas especificidades e semelhanças. Essa tese visou implementar o Treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos no pós-adoção (TOPA). Para responder a esse objetivo, três estudos foram realizados sendo estes inter-relacionados. O primeiro artigo consiste em uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional sobre treinamentos parentais no pós-adoção, cujos resultados fundamentaram a construção do TOPA; o segundo artigo detalha a construção do treinamento, suprimindo uma lacuna frequente na literatura acadêmica, que muitas vezes apresenta protocolos sem descrever minuciosamente seu desenvolvimento; o terceiro artigo relata a aplicação do TOPA., descrevendo o recrutamento dos participantes, o processo de intervenção e a análise de seus efeitos. Como resultados, o estudo (I) sugeriu que existem programas de pós-adoção, porém que carecem de maior amplitude nas temáticas, especificamente sobre o trauma da devolução e que auxiliem no cotidiano com seus filhos. No estudo (II), foi apresentado toda a estrutura do treinamento e como resultados, um treinamento composto por seis encontros de aproximadamente 90 minutos, que incluem atividades psicoeducativas, dinâmicas de grupo e *role plays*, além da aplicação de instrumentos de avaliação pré e pós-intervenção; destinando-se a pais adotivos de crianças de até seis anos e pode ser implementado nos formatos presencial, online ou híbrido. O estudo (III) é a aplicação deste treinamento e traz os achados mais relevantes; o mesmo indica que o TOPA constitui uma estratégia de apoio às famílias adotivas, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos parentais. Os achados reforçam a necessidade de ações contínuas de orientação no período pós-adotivo, visando à prevenção de rupturas e à promoção da proteção integral da infância.

Palavras chave: adoção, parentalidade, educação parental, treinamento.

ABSTRACT

MEDEIROS, Ilanna Pinheiro da Costa. TOPA – Parental Guidance Training for Parents in the Post-Adoption Process. 2026. 234 p. Thesis (Doctorate in Psychology). Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2026.

The construction of parenthood is neither linear nor based on a single perspective. Adoption represents one possible pathway to the exercise of parenthood, presenting both specific characteristics and similarities in relation to biological parenting. This dissertation aimed to implement the Post-Adoption Parenting Orientation Training for Adoptive Parents (TOPA). To achieve this objective, three interrelated studies were conducted. The first study consisted of an integrative review of national and international literature on post-adoption parenting training programs, whose findings supported the development of TOPA. The second study detailed the construction process of the training program, addressing a frequent gap in academic literature, which often presents intervention protocols without thoroughly describing their development. The third study reported the application of TOPA, describing participant recruitment, the intervention process, and the analysis of its effects. Regarding the results, Study I indicated that post-adoption programs do exist; however, they present limited thematic scope, particularly concerning the trauma related to adoption disruption and the need for practical support in everyday parenting challenges. Study II presented the structure of the training program, consisting of six sessions of approximately 90 minutes, including psychoeducational activities, group dynamics, role plays, and pre- and post-intervention assessment instruments. The program is intended for adoptive parents of children up to six years of age and can be implemented in face-to-face, online, or hybrid formats. Study III demonstrated that TOPA constitutes a support strategy for adoptive families, contributing to the strengthening of parental bonds. The findings highlight the need for continuous guidance and support actions in the post-adoption period, aiming to prevent relational disruptions and to promote comprehensive child protection.

Keywords: adoption; parenthood; parent education; training.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 – Fluxograma da Revisão Integrativa da Literatura	30
Quadro 1 – Principais recursos utilizados nos artigos encontrados.....	40
Quadro 2 – Sistematização do TOPA.....	65
Gráfico 1 – Avaliação sobre o treinamento	100
Gráfico 2 – Avaliação sobre o material disponibilizado	101
Quadro 3 – Resultados do IEP pré e pós-TOPA	101
Tabela 1 – Resultados do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008) nos seis encontros do TOPA	104

LISTA DE SIGLAS

APA – American Psychological Association
BVS – Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas
CNJ – Conselho Nacional de Justiça
CNS – Conselho Nacional de Saúde
DNCr – Departamento Nacional da Criança
DSM-V – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ECA – Estatuto da Criança e Adolescente
EUA – Estados Unidos da América
FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
GAA – Grupos de Apoio à Adoção
IEP – Inventário de Estilos Parentais
LEVICA – Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes
MCA – Módulo Criança e Adolescente
MPRJ – Ministério Público do Rio de Janeiro
MS – Ministério da Saúde
NTDC – National Training and Development Curriculum
ONG – Organização Não Governamental
PNCFC – Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária
PRISMA – Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses
RI – Revisão Integrativa
SAM – Serviço de Assistência a Menores
SciELO – Scientific Electronic Library Online
SNAA – Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento
TCC – Teoria Cognitiva Comportamental
TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TOPA – Treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1. INTRODUÇÃO	17
2. ESTUDO 1: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE PROGRAMAS FOCADOS NO PROCESSO DE PÓS-ADOÇÃO	22
2.1. INTRODUÇÃO	23
2.3. RESULTADOS	29
2.3.1. Parentalidade	31
2.3.2. Mitos da Adoção	35
2.3.3. Compreensão do Trauma	37
2.3.4. Técnicas e Recursos Utilizados	40
2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
2.5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
3. ESTUDO 2: E AÍ, TOPA? CONSTRUÇÃO DO TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARENTAL PARA PAIS ADOTIVOS	50
3.1. INTRODUÇÃO	51
3.2. DESENVOLVIMENTO DO TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS ADOTIVOS – TOPA	56
3.3. ESTRUTURA DOS ENCONTROS	59
3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
3.5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
4. ESTUDO 3: APLICAÇÃO DO TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS ADOTIVOS NO PÓS-ADOÇÃO	73
4.1. INTRODUÇÃO	74
4.2. MÉTODO	77
4.3. PARTICIPANTES	77
4.4. INSTRUMENTOS	77
4.5. QUESTÕES ÉTICAS	79
4.6. PROCEDIMENTOS	79
4.7. RESULTADOS E DISCUSSÃO DA APLICAÇÃO DO TOPA	80
4.7.1. Análise dos Resultados do Inventário de Estilos Parentais pré e pós-aplicação	99
4.7.2. Análise dos Resultados do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008)	102
4.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
4.9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS INTEGRADAS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS	113
APÊNDICE A	123
APÊNDICE B	125
APÊNDICE C	127
APÊNDICE D	128
APÊNDICE E	132

APÊNDICE F	134
APÊNDICE G	208
APÊNDICE H	226
APÊNDICE I	232

APRESENTAÇÃO

A temática apresentada começa muito antes de mim. Isto se dá ao fato de que tenho uma família da qual a ambiguidade entre ser ninho e lugar de voo; ser amada e às vezes odiada, ser tão parecida e tão diferente são questões basais. Afinal, minha família é uma família que possui igualdades e diferenças como muitas outras. Ser família é valor de vida lá em casa e por isso este tema ressurge em minha caminhada acadêmica.

Ao refletir sobre estes dez anos acadêmicos, relembro que a temática sempre esteve em minhas apresentações, cursos e jornadas; no estágio ela se fortaleceu e estruturou em mim a psicóloga clínica e pesquisadora. Foram muitas famílias! Por mim, comigo, através de mim... E todas elas me ensinaram. O estágio dentro da Associação Vida Plena de Mesquita me concedeu a oportunidade de aproximação destas temáticas; foi através dele que conheci famílias diferentes e tão semelhantes a minha; ali compreendi o quanto histórias podem ser atravessadas por violências tão íntimas, quanto a familiar. Compreendi que muitas vezes as famílias têm o desejo de “estruturar-se” (será que alguma é?) mas, que por muitas vezes não sabem como fazer e acabam por reviver suas histórias pregressas. Este movimento ainda muito cru, se desenvolveu no meu trabalho de conclusão de curso, onde pela primeira vez escrevi - e publiquei - sobre famílias. Já no mestrado, quis divergir, acredito que era a adolescência acadêmica, eu precisava diferenciar, fugir deste tema que sempre me acompanhou. Mas, como movimento adolescente, mesmo querendo fugir, eu não consegui, pesquisei profissionais que atendiam crianças e adolescentes e o impacto que a despreparação profissional causa na revitimização. A pesquisa com profissionais me motivou, abriu perspectivas e me deu o título de mestre.

Porém, a temática se tornava cada vez mais distante, por não trabalhar na rede, eu não conseguia compreender as realidades e nesse ínterim, meu trabalho clínico se fortalecia e cada vez mais famílias chegavam até mim. Recebi uma família que me conheceu através da Associação Vida Plena de Mesquita, pessoas estas que já haviam sido atendidas por nós como LEVICA. Agora, eles enfrentavam outros desafios com seus filhos adotivos, nitidamente havia angústia e confusão na possibilidade de devolução; foi a partir do trabalho de psicoeducação e fortalecimento da parentalidade que juntos enfrentamos a situação. Ademais, a proximidade contínua com o estágio do LEVICA me forneciam dados sobre o números de famílias que chegavam até lá para acompanhamento da possibilidade de devolução. Todas estas tinham minimamente a mesma questão: não compreendiam os comportamentos dos seus filhos, não

sabiam como lidar e o que fazer com certas questões referentes a sua parentalidade. No final, estavam perdidos e viam na devolução uma possibilidade.

Logo, não posso dizer que a temática de famílias um dia esteve longe de mim ou do meu caminho acadêmico. Porém, volto através desta tese a falar de algo que sempre me tocou; principalmente por entender que na família temos a fonte de saúde e doença. Lidar com a parentalidade tem sido um desafio, infelizmente, em nossa sociedade pessoas não conseguem compreender a importância da informação sobre a parentalidade. Acabam repetindo ciclos e criando seus filhos como foram criados.

Este trabalho se costura a partir de muitas vivências e tem de mim as múltiplas facetas que posso ter; aqui está a Ilanna pessoa, psicóloga clínica e pesquisadora. Mas, acima de tudo está alguém que tem o desejo de auxiliar estas famílias com uma faísca de possibilidade de permanecerem. Sei que a pretensão de modificar estruturas familiares é algo muito grande, não almejo transformar nada nem ninguém; porém, se caso alguém repensar alguma de suas práticas, revisitarem sua história na tentativa de fazer diferente, se fortalecerem o vínculo familiar, este trabalho será visto por mim como um grande sucesso.

Este trabalho não começa em mim e certamente não quero que termine comigo ou com o final desta tese. Talvez, seja o início de outras coisas para que outras costuras assim como essas possam ser feitas e refeitas. Sigo na constante lembrança de ser pequenina e também gigante, carregando comigo, os que me trouxeram até aqui, os que caminharam comigo e os que virão através de mim.

1. INTRODUÇÃO

Contextualização Teórica

Ao longo da história, a noção de família e a forma como ela é formada foram se modificando, e novas configurações familiares passaram a ocupar seus espaços na sociedade. Atualmente, o conceito de família se ampliou e não se restringe mais à formação “tradicional”, com filhos biológicos. Vista por diferentes prismas, a família não é apenas um fator biológico, mas é formada por vínculos, funcionando como um sistema cujos membros se interrelacionam e se influenciam mutuamente. Além disso, no Brasil, a família continua sendo a base da sociedade e conta com proteção especial do Estado (Bronfenbrenner, [1979]1996; Brasil, 1988; Souza, Beleza, Andrade, 2012).

Esse conceito também abrange as famílias adotivas. Embora desempenhem um papel essencial na sociedade, muitas vezes são alvo de discriminação e preconceito, desde a ideia do “sangue ruim” até a suposição de que a criança ou adolescente poderia retornar à família biológica. Tais mitos se perpetuam e levam muitas pessoas a desacreditar no processo de adoção (Borges; Scorsolini-Comin, 2020; Goes, 2015). Cabe ressaltar que, os mitos também podem ser vistos como temores proporcionais ao processo adotivo, por questões de desconhecimento, falta de proximidade com a temática e com outras famílias que vivenciaram o processo. Ademais, a popularização de “fake news” sobre histórias adotivas malsucedidas, filhos adotivos que desprezaram a família adotiva corroboram com os temores. Todo este constructo pode contribuir para a formação dos temores e afastar famílias do processo adotivo.

A parentalidade, por si só, representa uma grande responsabilidade, tanto para famílias adotivas quanto para não adotivas. Embora todas vivenciem processos semelhantes, as famílias adotivas enfrentam especificidades particulares. Entre elas estão a revelação da adoção, a busca pela compreensão da história genética e sociocultural da criança e o manejo dessa informação. Além disso, lidam com mitos e preconceitos, tanto vivenciados pessoalmente quanto socialmente. Essas particularidades podem representar desafios que variam de família para família, de acordo com suas características. Tais especificidades justificam a necessidade de intervenções direcionadas, ou seja, programas que ofereçam às famílias adotivas oportunidades de discutir e superar dificuldades e mitos relacionados à adoção, bem como de desenvolver práticas parentais que fortaleçam o relacionamento familiar e, conseqüentemente, promovam o ajustamento das crianças.

Justificativa da pesquisa

Apesar do amparo jurídico conferido pela Lei Nacional da Adoção (Brasil, 2009), observa-se no Brasil uma carência significativa de intervenções sistematizadas de apoio às famílias no período pós-adoção. Essa lacuna operacional reflete-se diretamente em um problema grave: a devolução de crianças e adolescentes. A escassez de pesquisas e dados nacionais sobre o tema torna essenciais os registros sistematizados por instituições como o Ministério Público. O relatório do Módulo Criança e Adolescente (MPRJ, 2023) evidencia a gravidade do problema no estado do Rio de Janeiro, que registrou 1.177 devoluções de crianças e adolescentes entre 2013 e 2022. A análise dos casos mais recentes indica que a maioria das crianças devolvidas tem mais de 7 anos, enquadrando-se na chamada "adoção tardia". O fator etário, cercado de estigmas e mitos, reduz drasticamente suas chances de uma nova adoção e é apontado como um dos elementos que contribuem para a dissolução do vínculo familiar.

Diante desse cenário de desamparo, as evidências internacionais se mostram ainda mais relevantes. Estudos consistentes indicam que o apoio no pós-adoção é um fator crítico para a consolidação do vínculo familiar. Pesquisas demonstram que esse tipo de suporte foi decisivo para que famílias mantivessem a adoção, mesmo diante de desafios significativos (Avery, 2004; Hartinger-Saunders et al., 2014). A literatura destaca, em especial, a importância do treinamento parental, cuja participação está positivamente associada a resultados como maior probabilidade dos pais recomendarem a adoção a outras pessoas (Hartinger-Saunders et al., 2014). Investir no bem-estar dos pais adotivos, fornecendo ferramentas para lidar com o estresse inerente à parentalidade adotiva, aumenta a probabilidade de sucesso da adoção, uma vez que estados emocionais mais positivos favorecem a gestão do estresse parental (Hartinger-Saunders et al., 2014).

Portanto, a presente tese se justifica pela urgência em desenvolver e testar uma intervenção contextualizada que responda de forma concreta a esse problema evidenciado pelos dados. O TOPA – Treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos, com foco na primeira infância, tem como objetivo preencher essa lacuna.

Considerando a complexidade do tema e a escassez de programas direcionados a esse público, o presente trabalho propõe a construção e aplicação de um treinamento de orientação parental voltado a pais adotantes que já possuem seus filhos. Como objetivos específicos, estabeleceu-se: (1) investigar as práticas parentais de pais adotivos; (2) elaborar um guia de implementação do treinamento para o período pós-adoção; (3) capacitar os pais com estratégias para enfrentar desafios, promovendo a estabilidade familiar; e (4) avaliar os resultados da

aplicação do treinamento. O referencial teórico foi elaborado para sustentar o pensamento crítico e prático a ser desenvolvido no treinamento, fornecendo a base literária e científica necessária para que sua efetividade possa ser avaliada de forma consistente.

Estrutura da Tese e Métodos

Esta tese adota um formato estruturado em três estudos científicos inter-relacionados. O primeiro estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional sobre treinamentos parentais no pós-adoção, cujos achados serviram de base para a construção do TOPA. O segundo estudo detalha o desenvolvimento do treinamento, suprimindo uma lacuna comum na literatura, que frequentemente apresenta protocolos sem descrever minuciosamente seu processo de elaboração. O terceiro estudo relata a aplicação do TOPA, abordando o recrutamento dos participantes, o processo de intervenção e a análise de seus efeitos.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de métodos mistos, combinando abordagens qualitativas e quantitativas (Lima, 2008). A aplicação do treinamento foi realizada online e incluiu: coleta de dados sociodemográficos, aplicação do Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006) em fases pré e pós-intervenção, e utilização do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008) ao final de cada encontro, complementada por um formulário de feedback final.

Esta introdução fornece a contextualização geral da pesquisa, precedendo a apresentação dos três estudos em formato de artigos. Ao final, as considerações finais integram os resultados obtidos, apresentando uma análise crítica das limitações e potencialidades dos estudos.

Contextualização metodológica e métodos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de métodos mistos, integrando abordagens qualitativas e quantitativas. Conforme Lima (2008), a utilização de diferentes métodos para analisar e interpretar um mesmo fenômeno permite ampliar a compreensão, gerar novos questionamentos e estabelecer conexões que favorecem uma visão mais completa da realidade observada.

Para fundamentar o projeto de pesquisa, foi realizada uma Revisão Integrativa (RI) da literatura nacional e internacional sobre programas voltados ao período pós-adoção, o que subsidiou a construção do treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos (TOPA). O

treinamento foi desenvolvido com base nos achados teóricos da revisão, aliado à experiência clínica da autora ao longo de sua trajetória acadêmica, desde o estágio de formação em psicologia, passando pelo mestrado, até o momento atual.

A aplicação do TOPA ocorreu de forma integralmente online. Antes do início do treinamento, os participantes preencheram uma entrevista sociodemográfica elaborada especificamente para o TOPA (Apêndice D), abordando questões relacionadas à pré-adoção, à adoção e à situação familiar atual. Em seguida, foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006) nas fases pré e pós-intervenção, com o objetivo de compreender e mapear os estilos parentais. Ao final de cada encontro, os participantes responderam ao Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008) e, após a conclusão de todos os encontros, preencheram um formulário de feedback final (Apêndice E), permitindo avaliar a percepção dos participantes sobre o processo e os impactos do treinamento.

O contexto da pesquisa

O processo de adoção no Brasil está profundamente entrelaçado com a história social do país. Desde o período colonial, a institucionalização de crianças foi moldada pelas relações entre mulheres escravizadas, povos originários e colonizadores, sendo que a língua, os costumes e a estrutura social brasileira se formaram nesse contexto de desigualdade e violência (Rabello, 2013). Foi a partir dessas relações que surgiram as primeiras formas de acolhimento institucional, evoluindo gradualmente até a criação da “Nova Lei de Adoção” em 2009 (Brasil, 2009), que trouxe diretrizes legais para regulamentar o processo de adoção.

Apesar do amparo jurídico, a efetivação das políticas de apoio pós-adoção ainda é limitada no país. A legislação atual não contempla de forma abrangente o acompanhamento das famílias após a adoção, o que, em muitos casos, contribui para a devolução de crianças e adolescentes. As pesquisas nacionais sobre a temática ainda são escassas e os dados disponíveis são frequentemente sistematizados por órgãos como o Módulo Criança e Adolescente (MCA) do Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ). Segundo o relatório de 2023 do MCA, no estado do Rio de Janeiro, 33 crianças e adolescentes (2%) foram devolvidos em decorrência de adoções malsucedidas, sendo 17 do sexo feminino e 16 do sexo masculino; além disso, 29 (2%) retornaram ao acolhimento devido a guarda ou tutela a terceiros malsucedida (MPRJ, 2023). A maioria das crianças devolvidas tinha entre 7 e 18 anos, o que as enquadra na categoria de “adoção tardia”, um fator associado a estigmas e mitos e que dificulta novas adoções, já que famílias preferem crianças mais novas. No período de 2013 a 2022, o Rio de Janeiro registrou

a devolução de 1.177 crianças e adolescentes, evidenciando a relevância do tema para a política de proteção à infância.

Embora haja registro das devoluções, os motivos para a dissolução dos vínculos adotivos ainda carecem de estudo sistematizado. A revisão integrativa conduzida neste trabalho aponta fatores que podem contribuir para a instabilidade pós-adoção: dificuldades no manejo de comportamentos infantis, desconhecimento da história pregressa da criança, perpetuação de mitos e preconceitos, falta de conhecimento sobre a parentalidade e sobre estratégias educativas adequadas.

Dados internacionais indicam a relevância do suporte no período pós-adoção. Avery (2004) e Hartinger-Saunders *et al.* (2015) destacam que o apoio às famílias é determinante para a manutenção da adoção, mesmo diante de dificuldades significativas. O treinamento parental, segundo esses autores, está positivamente associado à probabilidade de os pais recomendarem a adoção a outras pessoas e favorece o bem-estar dos cuidadores, aumentando a capacidade de lidar com o estresse parental e promovendo a consolidação do vínculo familiar (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014).

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de atenção às especificidades da parentalidade adotiva, com foco na capacitação e no suporte aos pais no período pós-adoção, de modo a reduzir riscos de ruptura e fortalecer o desenvolvimento saudável das crianças adotadas.

2. ESTUDO 1: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE PROGRAMAS FOCADOS NO PROCESSO DE PÓS-ADOÇÃO

RESUMO

A construção da parentalidade adotiva pode ser vista como um desafio, e a falta de amparo às famílias recém constituídas pode culminar na dissolução das mesmas. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva identificar se existem programas de treinamento parental voltados para o pós-adoção; através da revisão integrativa da literatura nacional e internacional com as diretrizes metodológicas de acordo com o PRISMA. Para isso, foram acessadas as bases de dados BVS, CAPES, Google Acadêmico, PsycINFO, APA PsycNET e Scielo, com a utilização dos descritores “programas”, “treinamento”, “orientação parental”, “adoção”, “pais adotivos”, “família adotiva”, “terapia cognitiva comportamental” e “disciplina positiva”. Foram resgatados 8.420 artigos dos quais 7 foram selecionados. Resultando em quatro categorias temáticas: (a) parentalidade; (b) mitos da adoção; (c) compreensão do trauma (d) técnicas e recursos utilizados. Conclui-se que existem programas de pós-adoção, porém que carecem de maior amplitude nas temáticas, especificamente sobre o trauma da devolução e que auxiliem no cotidiano com seus filhos.

Palavras chave: Treinamento parental, Famílias adotivas, Adoção, Parentalidade adotiva.

ABSTRACT

The construction of adoptive parenthood can be understood as a challenge, and the lack of support for newly formed families may lead to their dissolution. In this context, the present study aims to identify whether there are parental training programs focused on the post-adoption process through an integrative review of the national and international literature, following the methodological guidelines of PRISMA. To this end, the databases BVS, CAPES, Google Scholar, PsycINFO, APA PsycNET, and SciELO were accessed using the descriptors “programs,” “training,” “parental guidance,” “adoption,” “adoptive parents,” “adoptive family,” “cognitive behavioral therapy,” and “positive discipline.” A total of 8,420 articles were retrieved, of which seven were selected, resulting in four thematic categories: (a) parenthood; (b) adoption myths; (c) understanding trauma; and (d) techniques and resources used. It is concluded that post-adoption programs do exist; however, they lack broader thematic coverage, particularly regarding the trauma of adoption disruption, and there is a need for programs that provide greater support to families in their daily lives with their children.

Keywords: Parental training; Adoptive families; Adoption; Adoptive parenthood.

2.1. INTRODUÇÃO

Partindo do princípio que a adoção é a construção de vínculos com uma família que biologicamente pode não ser a sua, mas, que através do laço afetivo e jurídico passa a ser, se faz necessário compreender como se dá a construção social de família na sociedade brasileira. Um fato imprescindível para o debate das famílias contemporâneas no Brasil é a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), que, segundo Menezes (2008), trouxe um conceito de família mais amplo, garantindo direitos a todos os integrantes dessa família, além de tutela para além do casamento, mas também pela união estável ou família monoparental.

Ao pensar sobre as famílias à luz da Constituição Brasileira de 1988, Menezes (2008) compreende que o termo é entendido atualmente como um grupo social responsável pela formação psicossocial dos sujeitos, na qual existe orientação sobre a vida e que possui deveres constitucionais, muito voltados à segurança e bem-estar da criança. O autor aponta, contudo, que antes da Constituição, a família era vista como apenas aquela que se forma matrimonialmente (Menezes, 2008). As diferentes formas de família existiam, ainda que não protegidas legalmente, mas eram foco de discriminação e preconceito.

Outro marco que ampara a família como direito é o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Para tal, o Estatuto vê como direito fundamental da criança e do adolescente a convivência familiar e comunitária e atribui à família papel central no desenvolvimento e na estruturação do indivíduo. Independente dos moldes em que é construída, somos seres sociais e precisamos do contato com o outro para construir a noção do eu e do outro, internalizar regras sociais, aprender sobre emoções e como devemos nos comportar; em suma, é através do outro que aprendo a ser sujeito.

Essa perspectiva foi amplamente estudada no campo da psicologia do desenvolvimento e foi largamente incorporada nas políticas públicas brasileiras voltadas à garantia dos direitos de convivência familiar, refletindo na elaboração do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Criança e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), de 2006. Nesse, ratifica-se o papel da família como primeiro núcleo de socialização da criança: é no seio dessa que se estabelecem as primeiras identificações da criança.

A família está inserida em um ambiente, esse por sua vez é composto por outros fatores que a atravessam, para isto, faremos uso do modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner, teoria

que na visão do autor se faz mais coerente na compreensão de múltiplos fenômenos (Bronfenbrenner, 1996). De acordo com o autor, o ambiente ecológico pode ser visto como uma sequência de estruturas encaixadas, onde cada peça contém ou está contida noutra (Bronfenbrenner, 1996). Esses encaixes formam os sistemas que por sua vez são o microsistema, mesossistema, exossistema e o macrosistema (Bronfenbrenner, 1996). Esses nos atravessam e exercem influência a todo momento no humano. Quando se trata de desenvolvimento infantil, os sistemas podem auxiliar ou prejudicar. Para Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento psicológico da criança é afetado: (1) pela ação recíproca entre os ambientes mais importantes nos quais a criança circula; (2) pelo que ocorre nos ambientes frequentados pelos pais; (3) pelas mudanças e/ou continuidades que ocorrem com o passar do tempo no ambiente em que a criança vive, e que têm efeito cumulativo.

Independentemente da formação familiar, o vínculo afetivo é o que permeia - ou deveria permear - as relações familiares. Para isto, Batista (2021) define de forma complexa e afetuosa o que seria este fenômeno:

Uma estrutura íntima desenvolvida entre os sujeitos, uma ponte que gera conexão e afinidade que não se estabelece unicamente por questões biológicas ou necessidades fisiológicas, mas por necessidades sociais e ambientais, que permite o desenvolvimento de apegos seguros fundamentais para o desenvolvimento humano em contextos diversos. Sua função é auxiliar a possibilidade de mudanças para melhor adaptação e crescimento dos indivíduos envolvidos, aprendendo formas de ser e estar através dos vínculos (Batista, 2021, p. 103).

Para Campos (2012), a adoção é um relacionamento entre pessoas. Logo, envolve a construção de vínculo, e como todo relacionamento está propenso a alegrias e frustrações e por isso é tão necessário o acompanhamento dos pais da criança durante todo o processo de adoção e após o término do mesmo. Faz-se importante compreender que a sensação de constância e segurança são elementos importantes para a construção do vínculo e são esses elementos que irão nos auxiliar nas mudanças constantes da vida. É a qualidade deste afeto que fará com que o sujeito consiga a adaptação necessária diante das problemáticas (Bronfenbrenner, 2001, 2005; Diniz; Koller, 2010).

Pensando em adoção, a criança ou o adolescente, possivelmente, veio de um rompimento de vínculo, seja com a sua família biológica ou até mesmo a instituição. Sendo assim, a construção deste novo vínculo requer muito do empenho focado na aceitação deste indivíduo e na diminuição das expectativas criadas sobre “o filho ideal”, compreendendo que movimentos contrários a esta vinculação podem surgir.

Nesse sentido, estudos apontam que um dos possíveis movimentos é o teste de amor do recebido, onde neste processo de vinculação crianças e adolescentes testam limites familiares. Para os autores, esses são o resultado de traumas e abandonos vivenciados, o que gera um despreparo emocional para o recebimento deste amor e limites (Riede, Sartori, 2013; Sampaio *et al.*, 2018).

Para Sampaio *et al.* (2018), a família precisa estar preparada para estes testes de amor que podem aparecer como tentativas de fuga, falas direcionadas a voltar para a casa de acolhimento, enfrentamentos e questionamentos. Desta forma, se faz necessário prover um ambiente ainda mais seguro e estável, mostrando para a criança ou adolescente que isto será enfrentado como uma questão familiar, ou seja, um apoiando o outro. Logo, a preparação e acompanhamento desta formação familiar é parte crucial para que não seja apenas o início, mas, a permanência dessa família.

A família é – ou deveria ser – a entidade responsável pelo desenvolvimento e educação das crianças e adolescentes direcionando o comportamento dos mesmos na sociedade em que estão inseridos. É no núcleo familiar que o indivíduo recebe os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização, bem como as tradições e os costumes que serão perpetuados através de gerações.

Essa relação familiar, quando vinculada, produz benefício ao desenvolvimento. Cecconello e Koller (2003) compreendem que as interações humanas podem estabelecer uma relação recíproca, no ambiente em que estão inseridos. A este tipo de relação, elas denominam como processo proximal e é nesse que nossas relações mais próximas, como as familiares, estão inseridas, a partir de uma visão ecológica do desenvolvimento.

Esses processos podem provocar competência ou disfunção, segundo as autoras (Cecconello; Koller, 2003). Quando desenvolvemos a competência, as experiências vividas podem assistir desenvolvimento típico, benéfico para os sujeitos, com aquisição de habilidades. Já os processos que envolvem disfunção, se vê dificuldades de manter o controle, propícios de serem desenvolvidos em um ambiente desorganizado e desfavorável.

Sobre esses ambientes desfavoráveis, as autoras destacam que situações de violências e de vulnerabilidade, acrescidos também a vulnerabilidade socioeconômica e baixo nível de escolarização ofertado, podem causar impactos nos processos proximais, gerando disfunção (Cecconello; Koller, 2003). Elucidam que, em ambientes estressores, pode haver pouco cuidado afetivo ou atenção emocional para crianças e adolescentes e que este estresse vivenciado no meio pode repercutir diretamente nas relações estabelecidas (Cecconello; Koller, 2003).

Essa afirmação, evoca a questão dos vínculos fragilizados e dos processos de disfunção que diversas crianças e adolescentes vivenciam no processo de desvinculação da família biológica, processo de institucionalização e devolução da família adotiva.

Não apenas as crianças e adolescentes passam por questões de adaptações nesse processo; os adotantes também enfrentam questões no antes e durante. Um estudo realizado por Pasin *et al.* (2022) com participantes do grupo de apoio à adoção revelou que os pais enfrentam questões como preconceitos diante da escolha da adoção, com a idade em que eles estão adotando, com o gênero e idade da criança, raça e etnia. Ao falar da questão de raça, os autores afirmam que a adoção interracial mesmo sendo ainda mais prevalente ainda nas adoções internacionais ela ocorrem no Brasil (Pasin *et al.*, 2022). Logo, esta família precisa estar disponível para auxiliar essa criança no caminho de compreensão do seu lugar racial, porém, são poucos os estudos que abordam a temática racial através do viés da adoção.

Para Botelho *et al.* (2018) quando a família não compreende essa questão pode gerar sofrimento ao desenvolvimento desta criança e também da vinculação familiar, tendo em vista que, se em seu desenvolver essa criança ou adolescente estiver em contato apenas com pessoas brancas pode vir a ter dificuldades na aceitação de sua identidade ou sentir-se rejeitada, além de ser alvo constante de atos de racismo.

As famílias devem estar atentas às questões de seus filhos e ajudá-los, fornecendo apoio e auxílio na elaboração de ferramentas de enfrentamento. Porém, ao pensarmos em sistemas, a família não é o único fator responsável pelo sucesso ou fracasso deste processo, mesmo que, seja ela o fator fundamental.

Para Diniz e Koller (2010) existem outras instâncias além da relação cuidador-criança que podem causar interferências neste desenvolvimento relacional. Por exemplo, a intensa jornada de trabalho, o período de licença maternidade reduzido, que podem repercutir em ruídos, pela pouca disponibilidade de tempo para essa construção e fortalecimento do afeto.

Sobre isso, Conceição (2019) elucida que o cuidado com vínculos familiares é um encargo do Estado e da sociedade e questiona o apontamento de responsabilidade única e exclusiva da família pela fragilização dos vínculos, por vezes em que há culpabilização dos laços familiares pela situação de acolhimento institucional de suas crianças e adolescentes.

Assim como há fatores que prejudicam a vinculação desta família, diversos estudos apontam que para o sucesso da adoção e vinculação efetiva, há vários fatores que contribuem como um bom processo avaliativo dos pretendentes a adoção como participação dos mesmos nos grupos de apoio, acompanhamento da família na fase de convivência (pois é nessa fase que

irão se conhecer e dar início aos seus vínculos) e também no pós-adoção (Mattos; Hernandes; Eloy, 2011; Silva; Silva, 2012; Taborda, 2014).

Sendo a família fonte de saúde ou doença, entende-se que a mesma pode gerar muitos prejuízos, mas também benefícios. Ao se tratar da adoção, estudos apontam para um grande número de investigações referentes às fragilidades emocionais, intelectuais e físicas no processo de adaptação dos filhos adotivos (Brodzinsky; Huffman, 1988; Van Londen; Juffer; Van IJzendoorn, 2007). Ao mesmo passo que para Johnson (2002) essa também pode ser uma oportunidade para promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental, principalmente em crianças que foram alvo de graves negligências e/ou abusos. A potência que relacionamentos saudáveis têm na vida de indivíduos é certamente transformadora, produz fatores de proteção e de resiliência na história de vida.

Logo, o rompimento do vínculo familiar biológico, a violência vivenciada neste mesmo ambiente, a chegada e adaptação a uma outra família certamente irão marcar o desenvolvimento desta criança. Analisar a família, sendo este um contexto de desenvolvimento, pode ser considerado como algo complexo, compreender os fatores que a atravessam tende a ser algo de igual complexidade tendo em vista as inúmeras condições envolvidas.

A construção de uma filiação depende dos indivíduos que desejem exercer a parentalidade de forma real. Na filiação adotiva, assim como na biológica, espera-se que um vínculo seja construído e que a criança seja introduzida numa história familiar, sentindo-se participante dessa. Espera-se, ainda, que os pais adotivos ou biológicos possam compreender e redimensionar a criança por eles imaginada, a partir da história que será construída de forma única na dinâmica familiar. Cabe ressaltar que esse filho precisa ser percebido não como objeto adquirido para tamponar uma falta, mas como outro ser do qual advirão gratificações e frustrações.

Diante desse contexto, o trabalho tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional, tendo como perguntas norteadoras: Quais são os programas existentes para pais adotivos? Quais as temáticas que tangenciam os programas destinados à pais adotivos?

2.2. METODOLOGIA

Para compreender a produção de conhecimento em relação à pós-adoção, foi elaborada uma revisão integrativa da literatura. O método utilizado foi o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), abordagem metodológica robusta para a

condução de pesquisas acadêmicas, pois dentre os mais diversos modelos de revisão, essa se mostrou a mais ampla para conciliar estudos literários e experimentais. Ao adotar essa metodologia, é delimitada as etapas das investigações, promovendo uma base sólida para a tomada de decisões e avanços no conhecimento.

Souza, Silva e Carvalho (2010), a definem como uma síntese rigorosa de todas as pesquisas relacionadas a uma questão específica. Partindo da necessidade de sintetizar evidências de estudos relevantes, essa técnica proporciona uma análise abrangente e sistemática da literatura existente, contribuindo para a compreensão aprofundada do referido tema. A utilização do método PRISMA assegura transparência, reprodutibilidade e qualidade na revisão, elementos cruciais para a credibilidade científica. Com isso, a Revisão Integrativa da Literatura Internacional foi desenvolvida a partir das seguintes etapas: A) Tangenciamento das questões norteadoras; B) Seleção das bases de dados virtuais que nutriram a pesquisa; C) Descritores utilizados no momento da busca; D) Critérios de inclusões e exclusões.

Para que o trabalho fosse direcionado, foram criadas perguntas norteadoras, as mesmas serviram como balizador para a seleção dos artigos. Dessa forma, foi considerado se o artigo responderia as seguintes inquietações: Quais são os programas existentes para pais adotivos? Quais as temáticas que tangenciam os programas destinados à pais adotivos?

Após a definição dessas, deu-se início à seleção das bases de dados virtuais que nutriram a pesquisa. Foram utilizadas as seguintes bases: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): base referência na contemplação de artigos que concernem à saúde; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): base que contempla artigos com variadas áreas de conhecimentos e disciplinas; Google Acadêmico, por ser referência mundial de acesso a uma vasta gama de artigos científicos; *PsycINFO*, banco de dados de resumos de literatura no campo da psicologia produzido pela *American Psychological Association* e distribuído na *APA PsycNET*; *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, por sua referência na América Latina no acesso a uma multiplicidade de periódicos; *Social Care*, por ser referência no que tange a artigos científicos de programas sociais. Em suma, o objetivo da articulação dessas bases de dados foi de integrar estudos que congreguem artigos com diferentes pensamentos acerca da temática. Para o BVS, CAPES, *PsycINFO*, *SciELO* e *Social Care* utilizou-se um recorte de página 5, sendo avaliados os 50 primeiros resultados. Já no Google Acadêmico, foram avaliadas as 10 primeiras páginas, totalizando 100 artigos.

Para que a pesquisa nas bases de dados fosse realizada, foram selecionados descritores; os mesmos são de extrema importância para o alcance dos objetivos da Revisão Integrativa da Literatura Internacional, pois a escolha de descritores apropriados refletem na precisão dos

resultados a que se objetiva. Desta forma, em português, foram utilizados os seguintes descritores: “programas”, “treinamento”, “orientação parental”, “adoção”, “pais adotivos”, “família adotiva”, “terapia cognitiva comportamental” e “disciplina positiva”. Já, em inglês, foram utilizados os seguintes descritores: *"programs"*, *"training"*, *"parental guidance"*, *"adoption"*, *"adoptive parents"*, *"adoptive family"*, *"cognitive behavioral therapy"* e *"positive discipline"*. Após a escolha desses, os mesmos foram usados em todas as plataformas.

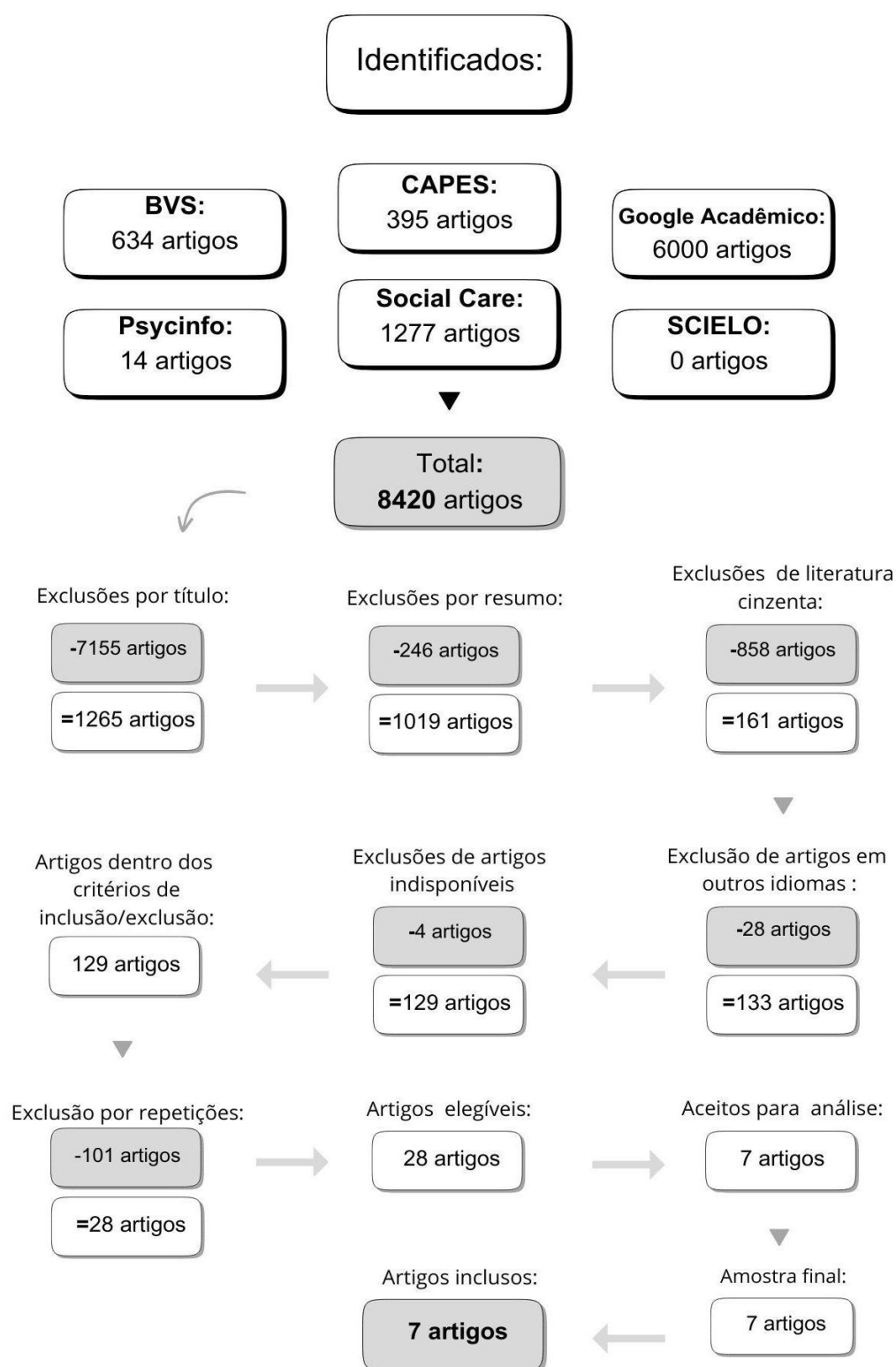
Para que a pesquisa fosse realizada de forma mais efetiva, houve a definição dos critérios de inclusão e exclusão que foram fulcrais para uma seleção precisa dos artigos. Sendo assim, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos em inglês e português e artigos dentro da temática central (que respondam às questões norteadoras). Já para exclusão foram utilizados os critérios: artigos indisponíveis; artigos em inglês anteriores ao ano de 2003; literatura cinzenta (vídeos, teses, dissertações, livros, monografias, reportagens, *podcast*, entre outros); artigos em outros idiomas que não fossem em português ou inglês; artigos fora da temática central.

Assim, à luz das questões norteadoras, com a articulação dos descritores através do operador booleano “AND” e sobre a delimitação dos critérios de inclusão e de exclusão, a busca foi desenvolvida desde o início de setembro de 2023 até o final de novembro de 2023. Sendo operada por dois pesquisadores simultaneamente, que aplicaram os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Para a análise dos artigos encontrados foi realizada a leitura dos resumos, após essa seleção os artigos foram lidos na íntegra.

2.3. RESULTADOS

Durante a condução da pesquisa, um total de 8.420 artigos foram identificados em todas as bases de dados. Por meio da aplicação dos critérios preestabelecidos de inclusão e exclusão, 7.155 artigos foram excluídos com base na análise do título, 246 foram eliminados após análise de resumos, 858 foram excluídos por pertencerem à literatura cinzenta, 28 não eram dos idiomas selecionados, 4 estavam integralmente indisponíveis, e 101 eram textos duplicados, resultando em 28 textos elegíveis para análise adicional. Desses 28 artigos elegíveis, uma subsequente análise foi conduzida por meio da avaliação de títulos e resumos, seguida pela leitura integral dos trabalhos. Nesse processo, 7 artigos foram selecionados para compor a amostra final. Destes, 5 artigos estão redigidos em língua portuguesa, enquanto 2 encontram-se na língua inglesa. Tais processos foram destacados no fluxograma presente na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da Revisão Integrativa da Literatura



Fonte: Autoria própria

Os estudos foram categorizados tematicamente através da análise de conteúdo (Bardin, 2006). A autora afirma que essa é uma metodologia de análise de comunicações, isto é, um

ensaio teórico-prático que visa direcionar uma busca de sentidos num determinado conteúdo linguístico, para subsidiar a interpretação dos resultados (Bardin, 2006). Logo, nessa revisão, os conteúdos foram divididos em quatro categorias que foram apresentadas e discutidas. Além disso, as perguntas norteadoras foram respondidas ao longo do processo.

Em artigos da língua portuguesa, foram encontrados dois programas: “Adoção: início dos novos vínculos” (Frizzo *et al.*, 2022); Programa de intervenção em grupo na perspectiva da análise do comportamento (Rocha; Freitas, 2011). Além disso, foram apontados nos artigos a utilização de grupos de apoio à adoção como o “Grupo ELO” (Marins; Marins; Franco, 2016); “Café com adoção” (Levy; Diuana; Pinho, 2009) e a utilização de técnicas da TCC como *role play* e psicoeducação (Fiuza; Lhullier, 2018).

Já nos artigos de língua inglesa, os encontrados apontam para uma estrutura mais robusta sobre o pós-adoção, com a utilização de um Currículo Nacional de treinamento e desenvolvimento para pais acolhedores e adotivos (NTDC) (Salazar, *et al.*, s/d) e a utilização de serviços pós-adoção que são disponibilizados às famílias (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014).

As temáticas que tangenciam os programas e/ou encontros e que apareceram de forma mais robusta durante a leitura dos artigos foram percorridas ao longo das três primeiras categorias a serem apresentadas; a última categoria discorre sobre as técnicas e recursos mais utilizados em todos os programas ou grupos, trazendo aquilo que há em comum nos achados.

2.3.1. Parentalidade

A função parental representa uma enorme responsabilidade, quer para as famílias adotivas, quer para as não adotivas, e embora todas passem pelos mesmos processos, as famílias adotivas experienciam algumas especificidades, como a revelação da adoção, a compreensão do trauma, o processo de vinculação, dentre outras questões. Essas particularidades podem, por vezes, representar dificuldades, que diferem de família para família, de acordo com as características e potencialidades dos vários elementos. Nesse sentido, estudos defendem a necessidade de apoiar as famílias adotivas na fase de pós-adoção (Frizzo *et al.*, 2022; Rocha; Freitas, 2011; Marins; Marins; Franco, 2016; Levy; Diuana; Pinho, 2009; Salazar *et al.*, s/d; Hartinger-Saunders *et al.*, 2014).

Como discorrido, a parentalidade é construída ao longo de sua execução, fazendo desse momento algo fluido e passível de aprendizagem. Algumas questões apontadas nos artigos discorrem sobre dúvidas comuns a qualquer questão parental: colocar limites, definir regras, estabelecer combinados, compreender o que está dentro do esperado para a faixa etária da

criança ou adolescentes são pontos que surgiram nos estudos. Neste sentido, os estudos de Rocha e Freitas (2011) e Levy, Diuana, Pinho (2009) convergiram na questão de compreender que muitas famílias podem vir a ter dificuldades com regras ou limites devido ao medo de que essa atitude dificulte a vinculação familiar ou que acabe gerando mais “traumas” na criança.

Em detrimento desse medo, muitos utilizam de práticas parentais que oscilam, gerando inconstância e maiores dificuldades nos comportamentos das crianças ou adolescentes e que a condição de adotado influenciava na escolha das práticas parentais (Rocha; Freitas, 2011; Marins; Marins; Franco, 2016).

Porém, de acordo com Rocha e Freitas (2011), estas práticas aumentam a contingência dos comportamentos, tendo em vista que a manutenção do comportamento aumenta a probabilidade do mesmo de acontecer. Ou seja, não dar limites e regras, ceder às birras, evitar a exposição de situações adversas por receio de traumas ou abandono da criança só irá reforçar o mau comportamento. Os autores destacam a importância destas famílias aprenderem práticas parentais mais efetivas, com estratégias positivas, focadas na vinculação familiar e na resolução de conflitos, principalmente quando a adoção for tardia (Rocha; Freitas, 2011).

Porém, os pais adotantes trazem consigo questões importantes, como: quando um comportamento é algo do desenvolvimento ou é pertinente ao trauma? Quando e como agir diante da manifestação desses comportamentos? Neste sentido, o estudo de Salazar *et al.* (s/d) indica a importância de que os programas voltados a pós-adoção tenham o foco no desenvolvimento infantil, visando psicoeducar sobre o que é ou não esperado, quais seriam as consequências no desenvolvimento de crianças expostas a traumas e uso de substâncias e não desvincular o desenvolvimento da mesma das questões culturais, sexuais e de raça.

Corroborando com essa ideia, “Adoção: início dos novos vínculos” (Frizzo *et al.*, 2022) traz este direcionamento voltado às questões culturais, raciais e de desenvolvimento. A ação destaca que a participação do público-alvo e dos *experts* na construção dos materiais e meios de divulgação foi o diferencial na criação de um material efetivo e de fácil acesso e compreensão.

Para além da psicoeducação e informação, o fato de compartilhar o “como eu faço” ou “como é quando acontece comigo” através da fala compartilhada em grupos ou através da técnica de *role play* foi apontado como um diferencial (Levy; Diuana; Pinho, 2009; Fiuza; Lhullier, 2018).

Os artigos apontados destacam a importância de desmistificar questões através do compartilhamento de informação entre estas famílias que passam por questões similares e que por muitas vezes não compartilham com familiares ou pessoas próximas por receio de

juízo. Uma das maneiras encontradas para trabalhar de forma efetiva as questões das famílias adotivas foi a técnica do *role play*.

Em sua pesquisa bibliográfica, Fiuza e Lhullier (2018) afirmam que a técnica possui muitos benefícios e múltiplas formas de utilização. Os autores afirmam que não apenas o profissional que conduz o grupo poderia ser o modelo, mas que as demais famílias que já passaram e passam pelo processo poderiam ser esse referencial (Fiuza; Lhullier, 2018). Assim, as questões compartilhadas estariam envoltas por temáticas como a dificuldade na educação, medo da revelação da adoção, questões de desenvolvimento ou suposto trauma e também as questões que deram certo e podem ser utilizadas como direção. Para os autores, a técnica é eficaz na forma de ensinar comportamentos assertivos e demonstrar quando são passivos ou agressivos (Fiuza; Lhullier, 2018). Além de ser possível demonstrar a interação de pais e filhos e ver questões como dificuldades a serem trabalhadas, formas alternativas de comportamento e respostas, estabelecimento de regras assertivas e formas de acolhimento emocional. Em suma, a técnica é uma forma eficaz de aprendizagem tendo em vista a sua natureza de aprender e praticar, identificando formas adequadas de lidar com comportamentos desafiadores não somente dos filhos mas de si mesmos como educadores. Técnicas que reproduzem a realidade podem ser eficientes neste processo de aprendizagem sobre a parentalidade adotiva, tendo em vista que a troca de papéis, a dramatização, a evocação emocional podem ser moduladas na presença do profissional. Porém, os autores também afirmam a importância de, como toda técnica, a do *role play* esteja sendo bem conduzida, com participantes reduzidos e acompanhamento do profissional (Fiuza; Lhullier, 2018).

Além da técnica, os grupos de apoio foram apontados como fator de relevância na construção da parentalidade, não apenas por questões práticas como aprendizagem de técnicas, modelação ou psicoeducação. O ato de estarem ali e verem outras famílias “iguais” fez com que o sentimento de pertencimento e reconhecimento fosse vislumbrado, gerando nos participantes o lugar de rede de apoio. Os participantes têm um lugar para compartilhar angústias, medos, alegrias e muitas vezes a indignação diante de preconceitos com as questões da adoção (Levy; Diuana; Pinho, 2009; Marins; Marins; Franco, 2016).

Logo, esses grupos são fonte de amparo, afeto e acolhimento emocional destas famílias.

Certamente, não apenas a participação no grupo, mas também uma rede de apoio social deverá auxiliar no sentido de ratificar a filiação e legitimar o adotante em seus lugares de pai ou mãe. O grupo tem o valor de um suporte, de um local de escuta, onde sentimentos, fantasias, dúvidas e dificuldades surgidas com a chegada do filho e nas etapas iniciais da interação com ele são revistos. Nele, os participantes podem redimensionar o problema que está sendo apresentado. Não é um grupo terapêutico, entretanto, em vários

encontros observamos efeitos terapêuticos nos membros do grupo, ainda que não seja este seu objetivo primeiro (Levy; Diuana; Pinho, 2009, p.42).

Todavia, fica o questionamento: após a participação dos pais nesses grupos ou programas, há evidências de mudanças no comportamento dos pais ou relacionamento desses com os filhos?

Dos achados em revisão, alguns não apresentaram dados ou evidências quanto à mudança ou melhoria na parentalidade. Porém, através do relato dos participantes os mesmos afirmaram mudanças qualitativas em sua parentalidade, além de estarem mais preparados para lidar com comportamentos desafiadores, compreendiam a contingência. Além disso, verbalizaram a importância deste acompanhamento no pós-adoção, do quanto esse movimento fez um diferencial em sua trajetória, afirmando que além de construir uma rede de apoio e amparo nos grupos (Levy; Diuana; Pinho, 2009; Marins; Marins; Franco, 2016; Frizzo *et al.*, 2022).

Através de dados estatísticos, os estudos de Hartinger-Saunders *et al.* (2014) apontaram para questões importantes no que tange o acesso a serviços de pós-adoção fornecidos nos EUA. Através de uma pesquisa realizada com 437 pais adotivos, os autores buscaram compreender a adaptação e melhoria do desenvolvimento da criança ou adolescente e se esses fatores estariam ligados, ou não, à devolução (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014). Sendo assim, os autores destacam que os serviços mais utilizados são os serviços de aconselhamento/saúde mental para a criança (61,7%), treinamento de pais (57,5%), assistência financeira (56,9%), gestão de casos (49,5%), e defesa de direitos (47,5%). O treinamento de pais é o segundo serviço mais utilizado e seu acesso foi positivamente associado ao fato de pais que participam recomendarem a adoção a outras pessoas. Além disso, o estudo afirma que programas de treinamento de pais melhoraram o bem-estar dos pais adotivos, fornecendo acesso relevante e imediato a recursos que irão melhorar seu conhecimento sobre questões relacionadas à adoção e melhorar as habilidades parentais para melhor prepará-los (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014).

O estudo destaca ainda que dos pais que acessaram algum serviço de pós-adoção, a maioria dos resultados foram positivos e encorajadores a continuidade dos serviços (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014). Mas também 87% das crianças adotadas foram supostamente bem integradas com a família e os pares, e 80% dos pais relataram melhoria nos problemas da criança desde a adoção. Os pais relataram mais estados emocionais positivos do que negativos, e apenas 9% relataram enfraquecimento dos relacionamentos desde a adoção.

O artigo “Avaliando a eficácia do currículo nacional de treinamento e desenvolvimento (NTDC) para melhoria do conhecimento e habilidades de pais acolhedores e adotivos” (Salazar *et al.*, s/d) traz consigo evidências importantes. O autor compara os pais que receberam o NTDC *versus* pais que permaneceram no treinamento habitual (Salazar *et al.*, s/d). Os achados apontam que aqueles que receberam o NTDC tiveram maior crescimento na compreensão da parentalidade informada por trauma. Além de desenvolverem um potencial para promover o desenvolvimento infantil mais positivo, permanecendo com esses ganhos até 6 meses após o treinamento.

Logo, de forma qualitativa ou quantitativa ou estudos demonstraram a importância e eficácia dos treinamentos de pais e serviços pós-adoção. Os mesmos auxiliam não somente na construção da parentalidade, mas na vinculação destas famílias de forma interna e também com outras famílias que passam pelo mesmo processo.

2.3.2. Mitos da Adoção

Diversos são os mitos em torno da adoção, eles rondam as questões biológicas, comportamentais e relacionais. Além disso, envolvem não somente a criança ou o adolescente em questão, há também mitos sobre as pessoas que escolhem adotar. Dessa forma, os achados em RI apontaram que estas famílias vivenciam mitos e são alvos de mitos em relação à adoção.

Uma das questões que se apresenta de forma coesa tanto para quem adota quanto para a possível rede de apoio ou pessoas que estão no âmbito familiar é a questão da carga genética. Nos estudos de Levy, Diuana e Pinho (2009) e Rocha e Freitas (2011) os pais relataram muitas dúvidas sobre o quanto a carga genética influencia no desenvolvimento da criança e trazem como questões o quanto essa “marca” genética pode acarretar em comportamentos antissociais, por exemplo. Neste sentido, a psicoeducação mais uma vez se faz pertinente ao processo, sendo utilizada para desmistificar o peso dos genes na história de um sujeito, informando que sim, são importantes mas não decisivos. Os autores apontam que os participantes relataram ideias deterministas sobre o vínculo biológico, o que foi sendo modificado ao longo do processo (Levy; Diuana; Pinho, 2009; Rocha; Freitas, 2011).

A questão biológica também é indicada por alguns participantes como fator de dificuldade na parentalidade, os participantes no dado momento, relataram questões envolvendo regras e limites estavam ligadas ao fator biológico como algo pertinente “a personalidade forte da criança” e que muitas vezes a criança “carregava consigo” alguns pensamentos, sentimentos e comportamentos que eram determinantes (Rocha; Freitas, 2011).

Todavia, como visto anteriormente, a questão da parentalidade está muito mais ligada à forma como os pais se colocam na maneira de educar do que propriamente a forma como a criança ou o adolescente é. Muitos pais não exercem práticas parentais positivas oscilando entre indulgência e autoritarismo e, posteriormente, culpabilizam a criança pelas questões comportamentais.

Mais uma vez, a técnica do *role play* pode ser um aliado na questão da desmistificação. A técnica pode abrir espaço para o diálogo dos mitos que muitas vezes são pensados, mas pouco compartilhados. Com a dramatização, as famílias podem se beneficiar com as trocas daquelas que já adotaram e vivenciaram muitos mitos com as que desejam adotar e por muitas vezes possuem muitos. Para além disso, a técnica é apontada como fator facilitador na revelação da adoção, mito esse que muitos pais apresentam. Na proposta do artigo é apontado a dramatização de perguntas sobre a origem familiar, como o fato poderia ser tratado, modelando os pais a realizarem esse momento de forma acolhedora e eficaz, gerando assim, mais sentimentos de segurança e vinculação. Cabe destacar que reconhecer a importância da revelação não faz deste um momento fácil de ser vivenciado. Todavia, quando desmistificado seja através de técnicas ou do compartilhar, certamente é mais viável (Fiuza; Lhullier, 2018).

O fator da revelação é outra questão importante que atravessa a vivência e parentalidade desses pais. Na pesquisa realizada por Rocha e Freitas (2011), através de entrevistas foi possível identificar diversas dificuldades na adoção, inclusive a de como contar à criança sua história pregressa. Para os autores, esse despreparo dos pais é consequência de uma falta de preparo e psicoeducação por parte dos órgãos competentes e que pode culminar em dificuldades severas no cotidiano familiar (Rocha; Freitas, 2011).

Corroborando com essa ideia, Fiuza e Lhullier (2018), afirmam que muitos destes mitos são reproduzidos inclusive por profissionais de diversas áreas que estão no caminho do processo adotivo. Para os autores, ainda há neste enredo inflexibilidade, preconceitos e estereótipos sendo reproduzidos de forma institucional (Fiuza; Lhullier, 2018). Infelizmente, é sabido que muitos profissionais que atuam na rede socioprotetiva não têm o devido preparo para lidar com questões que englobam as múltiplas faces da adoção, por exemplo.

Medeiros *et al.* (2023) através do relato de experiência de um curso preparado para os profissionais da rede socioprotetiva na baixada do Rio de Janeiro, afirma que dentre os pesquisados, 72,7% dos profissionais de psicologia não receberam nenhum treinamento para estar trabalhando no equipamento. Da mesma maneira, os profissionais técnicos também relatam a falta de preparo, 75% dos profissionais entrevistados também não passaram por capacitação. Logo, se os profissionais que deveriam estar capacitados para lidar com mitos e

dogmas não têm preparo técnico para tal, como passarão o conhecimento adiante? Os próprios profissionais reconheceram suas limitações: “A gente parte do princípio de que quem está atuando tem conhecimento. Só que muitas vezes isso não é verdade, entendeu?” (Medeiros *et al.*, 2023, p. 90). Para as autoras, o trabalho com os profissionais é algo basal que segue sendo previsto por lei, mas não é executado de forma eficiente, fato esse que perpetua dúvidas e preconceitos (Medeiros *et al.*, 2023).

Para além de todas essas questões ligadas aos pais e profissionais, há ainda o mito relacionado à revelação para a criança que culminará no abandono familiar por parte dela. Em seus achados, Levy, Diuana, Pinho (2009) aprofundam o assunto, que foi fruto dos encontros do “café com adoção”. As autoras destacam que participantes veem na revelação o vislumbre da criança ter o desejo de procurar por sua família biológica e que esse fato culminaria no fracasso da adoção. Além disso, muitos não sabem a hora certa, ou como falar sobre o assunto. Tudo isto é atrelado aos sentimentos de medo e insegurança ligados à ideia de perderem o espaço para os pais biológicos ou que os mesmos possam interferir na nova família.

Todavia, esse movimento de compreender a sua própria história é de suma importância, inclusive para a construção de novos vínculos. Segundo Dolto (1989), a revelação é uma chance de simbolizar o sofrimento. Nesse fenômeno a criança tem sua identidade assegurada e pode finalmente assumir a condição de sujeito. Para a autora, todos os dados devem ser revelados a quem se é de direito, afinal, para que a adoção seja feita de forma emocional a criança precisa ter ciência da existência de seus pais biológicos, sendo a revelação um ato simbólico (Dolto, 1989).

Conhecer as origens da criança e integrá-las ao novo capítulo prestes a ser escrito, compreender seu sofrimento e suas atitudes, surpreender-se com sua capacidade de adaptação e admirar suas conquistas e seu jeito peculiar de ser, são condições para metabolizar os possíveis preconceitos com os quais adotantes e adotivos terão que lidar no convívio social” (Levy; Diuana; Pinho, 2009, p. 42).

2.3.3. Compreensão do Trauma

Nesta categoria destacou-se uma discussão sobre a dimensão do trauma. Alguns artigos trouxeram o conceito e pontuaram a relevância da discussão do tema sobre trauma com famílias em processo de adoção, a fim de ampliar a compreensão desses pais adotantes para lidar com a bagagem trazida pela criança, muitas vezes, carregada de violências vividas.

Devido a importância da temática e a presença em alguns artigos da seleção da RI, esse se tornou um tema de análise aqui descrita e, para isso, é válido iniciar esse recorte

compreendendo a noção de trauma que, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), surge após a exposição a um evento testemunhado ou vivido pelo sujeito, no qual há risco de morte ou ameaça à integridade, seja do próprio indivíduo ou de terceiros. Diante desse estressor, há respostas de medo e insegurança e, no que tange especificamente ao desenvolvimento infantil, há presença de comportamento desorganizado (APA, 2014).

Hartinger-Saunders *et al.* (2014) declaram a necessidade de apoio parental para que consiga-se lidar com o trauma infantil e, para isso, descrevem a necessidade de um acompanhamento especializado e treinado sobre o trauma, com participação ativa da criança, além dos pais adotivos, nesse processo de cuidado. Diante disso, mencionam a terapia cognitivo-comportamental com foco no trauma como um recurso possível. Para os autores, há forte necessidade de que os pais compreendam de modo avançado as dimensões do trauma e seus impactos no bem-estar da criança e, sendo uma pesquisa realizada em solo norte-americano, aponta que há uma escassez em programas formais nesse território para desenvolvimento de competências sobre adoção para famílias adotivas, ressaltando a necessidade de maiores espaços de formação, treinamento, capacitação e acompanhamento (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014).

Para embasar tal necessidades, os autores (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014) ainda citam pesquisas como de Cohen e Mannarino (2000) ao afirmarem que há um estresse familiar, tanto para a criança quanto para os pais, ao necessitarem superar os aspectos do trauma, principalmente se esses pais carregam questões em aberto e problemas mal resolvidos. E, para que o apoio parental seja garantido para a criança, é imprescindível auxiliar os pais nessa jornada de compreensão e ligação familiar (Hartinger-Saunders *et al.*, 2014).

Salazar *et al.* (s/d) apresentaram um estudo mais específico sobre o tema, onde puderam avaliar um currículo de trabalho com pais adotivos, a fim de auxiliar famílias adotivas com maiores subsídios parentais para “desempenhar uma parentalidade informada pelo trauma para crianças que experimentaram separação, perdas e traumas” (Salazar *et al.*, s/d, p. 10). O artigo descreve todo o desenvolvimento do programa, com utilização de pré e pós-testes, com encontros regulares virtuais e aponta, dentre as conclusões, que pais que receberam treinamento, em comparativo com pais que receberam outros treinamentos habituais, obtiveram um maior treinamento e estrutura para lidar com vivências de trauma, o que chamam de “parentalidade informada por trauma” (Salazar, *et al.*, s/d, p. 25).

Rocha e Freitas (2015) citam que crianças em processo de adoção podem carregar traumas do abandono e, por isso, alguns comportamentos de difícil trato por parte dos pais

adotivos. Para os autores, essa vivência precisa ser alvo de atenção pelos pais adotivos, para redução dos efeitos negativos na vida da criança (Rocha; Freitas, 2011). Marins, Marins e Franco (2016), também citam sobre o trauma, ainda que muito brevemente, quando declaram que, ainda que tenha havido uma preparação no grupo de pais por eles desenvolvidos, como se tratava de um grupo de pais de adoção tardia, muitas questões peculiares de adaptação dessa constituição de família se tornaram um desafio, como a bagagem, as dores e os traumas vividos pelo abandono e rejeição dessas crianças e adolescentes.

Esses achados concordam com a literatura e com o embasamento teórico deste estudo, principalmente no que tange a importância da preparação das famílias para lidar com a bagagem e história da vida da criança, a fim de diminuir a probabilidade da devolução das taxas de adoção. Como na pesquisa de Rossato e Falcke (2017), em que foram levantados motivos pelos quais as adoções não deram certo e, dentre os motivos, ressaltam-se ter ocorrido histórico de abuso sexual, situações de saúde médica da criança, dificuldade dos pais adotivos em lidarem com essas questões, quebras de expectativas e crenças construídas pelos pais adotivos sobre esse processo de adoção. Além dessa, demais pesquisas também corroboram com a necessidade de trabalho das famílias para que tenham suporte para lidar com o trauma e com as vivências e consequências, muitas vezes representada no comportamento da criança (Weber, 1999; Paiva, 2004; Levy; Diuana; Pinho; 2009; Nuttal; Valentino; Borkowku, 2012).

Ratificando o debate, pode-se acrescentar os estudos de Golding (2007), os quais apontaram a necessidade de olhar, ao longo do treinamento para pais adotivos, para os traumas vividos pelas crianças e quais seriam suas necessidades específicas a partir de suas histórias de vida, bem como de que forma os pais poderiam atender essas necessidades. Ao longo da pesquisa, houve uma preocupação em considerar quais programas seriam mais benéficos para pais adotivos que tinham filhos com histórias de violências e as mais diversas violações de direitos (Golding, 2007). Ressalta, assim, a necessidade de treinamentos que possam subsidiar aos pais a capacidade de manejo com traumas, para que consigam evoluir em habilidades parentais e educacionais e a criança possa prosseguir em seu desenvolvimento da melhor maneira possível.

Ainda, Alves e Hueb (2022) reforçam a importância de existir a abertura para diálogo e acolhimento sobre a história pregressa da criança com sua família adotiva. Segundo as autoras, quando a família consegue proporcionar um ambiente acolhedor para a história da criança, há melhores chances de amadurecimento emocional dessa, principalmente se a criança passou por experiências de abandono e privação de cuidando, ressaltando ainda mais a necessidade de um espaço acolhedor e receptivo para sua história (Alves; Hueb, 2022). Alertam ainda que, “quando

esse espaço para elaborar a história de origem não é ofertado na família substituta, o distanciamento e a falta de segurança no ambiente podem emergir na criança e na família” (Alves; Hueb, 2022, p.82). Para as autoras, é imprescindível que os responsáveis reconheçam que crianças que tenham experienciado situações de trauma, violações de direitos, abandono, vão ter necessidades específicas e vão necessitar de uma família disposta a satisfazer suas necessidades e afetos de modo suficientemente bom (Alves; Hueb, 2022).

Considera-se também pesquisas como as de Molina-Muñoz (2011), na qual houve um cuidado e preparação da família adotiva para que pudesse compreender os traumas e violências sofridas pela filha antes do processo de adoção. Através de um trabalho de psicoeducação e preparo desta família, a mãe adotiva pôde compreender vivências de abuso, trauma e suas consequências no cotidiano de vida da adolescente, diminuindo assim os conflitos no relacionamento familiar e estreitando os laços familiares e espaço de compreensão e aceitação familiar.

2.3.4. Técnicas e Recursos Utilizados

Nesta categoria reuniu-se os principais recursos, instrumentos e técnicas encontrados nas pesquisas descritas nos artigos analisados nesta RIL. Segue abaixo (tabela XX) o resumo dos principais recursos de cada artigo e uma breve descrição de como foram utilizados durante cada pesquisa. A importância desse levantamento se dá para compreensão do que vem sendo utilizado como ferramenta para o trabalho com pais adotantes e adotivos nesses encontros.

Quadro 1 – Principais recursos utilizados nos artigos encontrados

Recursos utilizados	Como foram utilizados?	Artigos que apresentam o recurso
Recursos de mídia, tecnologia e internet	- Slides e vídeos durante os encontros; - Questionário online para pais adotivos; - Vídeos e recursos virtuais de modo assíncrono aos encontros;	- Marins; Marins, Franco (2016); - Hartinger-Saunders <i>et al.</i> (2014); - Frizzo <i>et al.</i> (2022)
<i>Role play</i>	- Indicação de uso para trabalho com pretendentes a adoção, filhos, pais adotivos e profissionais. Podendo desenvolver diversos temas dentro da técnica.	- Fiuza; Lhullier (2018);
Psicoeducação	- Indicação de uso para trabalho com pais adotantes. - Repensou-se a necessidade da aplicação da psicoeducação.	- Fiuza; Lhullier (2018); - Rocha; Freitas (2011); - Frizzo <i>et al.</i> (2022);

Motivadores externos	- Para melhor engajamento dos pais adotivos a fim de responderem o questionário proposto, recebiam um presente ao final, como cartões presentes.	- Salazar, et al. s/d - Hartinger-Saunders <i>et al.</i> (2014); - Frizzo <i>et al.</i> (2022);
Escalas e testes	- A fim de que os próprios responsáveis fizessem uma avaliação pessoal de suas práticas parentais.	- Salazar <i>et al.</i> s/d - Frizzo, <i>et al.</i> (2022);
Entrevistas semiestruturadas	- Entrevista com pais adotivos e adotantes para compreender os objetivos investigados	- Rocha; Freitas (2011); - Frizzo, <i>et al.</i> (2022);
Presença de especialistas	- Professores, profissionais atuantes na área, psicólogos e/ou pesquisadores da temática presentes em modo de mediação de grupos, palestras, aulas e treinamentos.	- Levy; Diuana; Pinho (2009); - Marins; Marins; Franco (2016); - Frizzo, <i>et al.</i> (2022);
Rede de apoio grupo/coletividade	- Indicação de trabalho em grupo com pais adotantes e adotivos, ratificação da importância de rede de apoio e ação coletiva para suporte socioemocional para famílias adotivas.	- Levy; Diuana; Pinho (2009); - Marins; Marins; Franco (2006); - Hartinger-Saunders <i>et al.</i> (2014); - Rocha; Freitas (2011); - Fiuza; Lhullier (2018);

Fonte: Dados da Revisão Integrativa, elaboração própria

Dos principais recursos utilizados, alguns se destacaram e merecem uma análise mais descritiva, por exemplo, a técnica denominada *role play*, também conhecida como dramatização. Assim como recursos virtuais e atividades assíncronas e o uso de reforçadores e motivadores para a maior adesão dos pais e responsáveis.

Embora só tenha sido apresentada em um único artigo retratando especificamente sobre a técnica de *role play*, de Fiuza e Lhullier (2018), é preciso destacar a relevância do uso da técnica para o trabalho com pais adotivos. Para os autores, a técnica é passível de uso em diferentes momentos do processo de adoção e pode ser utilizada em diferentes dinâmicas de relacionamento, seja na dinâmica pais e filhos, mas também na dinâmica dos profissionais com os pais, facilitando a aprendizagem de novos modos de enfrentamento mais funcionais (Fiuza; Lhullier, 2018). É uma técnica potente para percepção e trabalho de vivências não verbais e, portanto, sutis, no relacionamento, subsidia melhor interação entre os participantes e é capaz de garantir os direitos de crianças e adolescentes em processo de adoção. Com o uso da técnica, é possível trabalhar diferentes aspectos, como limites nos relacionamentos, relacionamento entre irmãos, papéis familiares, psicoeducação, entre muitos outros temas.

Outro artigo cita, ainda que brevemente, a estratégia de dramatização. O artigo de Golding (2007), menciona a dramatização como um recurso dentro do grupo de pais adotivos,

com objetivo de gerar uma generalização de um comportamento parental a ser aprendido e treinado em casa entre as sessões do grupo. De modo geral, a relevância da técnica se apresenta quando se considera a efetividade da técnica no trabalho com crianças, adolescentes e também com pais. Sobre isso, Pacheco e Reppold (2011) ainda reforçam que o treinamento de pais precisa contar com habilidades do terapeuta na utilização de uma variada lista de recursos e técnicas e ratifica a importância de serem encontros que funcionem da melhor maneira possível para os responsáveis, se afastando de um encontro excessivamente teórico e se aproximando de atividades vivenciais. Assim, menciona a técnica de *role-playing*, dentre outras presentes na terapia cognitivo-comportamental para que seja possível intervir em um cuidado com pais e filhos, fortalecendo a orientação de pais.

Outra técnica a ser utilizada é a psicoeducação. Carvalho, Malagris e Rangé (2019) descrevem a técnica como um recurso que vem ganhando importância no cuidado de diversas queixas e em diferentes contextos, o que se encaixa no recorte de família em processo de adoção. Porém, segundo os autores, é importante que o profissional saiba manejar a técnica no tempo adequado e com os recursos teóricos e práticos somados a sua aplicação (Carvalho; Malagris; Rangé, 2019).

Roemer e Orsillo (2016) descrevem a psicoeducação como capaz de explicar um tratamento e motivar um paciente a um comportamento que está sendo incentivado. Assim como, “a psicoeducação também pode ajudar a promover, ela própria, uma nova relação com experiências internas” (Roemer; Orsillo, 2016, p. 214). A técnica auxilia na relação com as próprias emoções e experiências, reduz a autocrítica, sendo capaz de levar o sujeito a adquirir novos comportamentos somente através da técnica da psicoeducação, visto que promove uma maior aceitação das experiências vividas pelo paciente (ou, aqui, pela família). As autoras salientam atenção, contudo, para a confecção de materiais de psicoeducação, que precisam ser coerentes e interessantes para os pacientes, visto que há possibilidade de os pacientes não concordarem com os materiais apresentados e, para isso, as autoras sugerem uma construção colaborativa, com envolvimento, participação em exemplos cotidianos dos participantes (Roemer; Orsillo, 2016).

Molina-Muñoz (2011) corrobora com a utilização da técnica. Em sua pesquisa, constatou que foi possível aproximar a relação da mãe adotiva com sua filha, gerando melhor compreensão e interação e aumentando a comunicação e melhora no relacionamento (Molina-Muñoz, 2011). O caso retrata uma adoção tardia de uma adolescente, vítima de abuso sexual e com diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático devido a todo o abuso e trauma sofrido. Dentro da dinâmica da família adotiva, não havia entendimento do diagnóstico e de

como lidar com os sintomas e vivências no cotidiano. “Ao utilizar-se a psicoeducação, a mãe começa a entender os comportamentos da adolescente citados acima e mudou a sua maneira de relacionar-se com ela. Por exemplo, começa a ter mais paciência, diminuindo sua irritação e ansiedade em relação à filha” (Molina-Muñoz, 2011, p. 28). Outros autores fizeram uso da técnica; a pesquisa de Frizzo *et al.* (2022) se destacou pelo uso da psicoeducação através de vídeos enviados para os pais participantes do grupo de pais adotivos, a fim de que pudessem assistir e refletir em casa durante suas rotinas. Fiuza e Lhullier (2018) utilizaram a técnica juntamente com o exercício de *role play*.

Todavia, Rocha e Freitas (2011) refletem sobre a presença da técnica de psicoeducação em todo grupo de pais, ratificando que “faz-se necessário investigar até que ponto essa etapa inicial do programa, com características psicoeducacionais, é de fato efetiva na modificação das interações familiares estabelecidas pelos pais” (Rocha; Freitas, 2011, p. 43). Podemos compreender que os autores acreditam que a psicoeducação cabe como estratégia inicial e questionam até que ponto é efetiva nas etapas posteriores dos encontros, principalmente à medida que as relações familiares vão sendo trabalhadas (Rocha; Freitas, 2011). Assim, como uma reflexão possível, os autores indicam a criação de dois espaços, como grupos focais psicoeducativos e grupos de treinamentos de habilidades, com enfoques diferenciados (Rocha; Freitas, 2011).

Quanto ao uso de reforçadores, dois artigos apresentam o uso de cartões presentes, inclusive cartões presentes para compras virtuais, dados aos pais e participantes no final de sua contribuição, a fim de garantir maior adesão e participação do início ao fim da proposta. Golding (2007) também menciona a necessidade de apoio à participação dos pais que possam vir a ter dificuldades de acesso e adesão por motivos financeiros e sociais.

Considerando os recursos digitais, utilizou-se sessões e encontros de modo online, vídeos de psicoeducação, podcasts sobre as temáticas desenvolvidas nos encontros, utilização do meio virtual para entrevistas e testes, além de vídeos sobre os temas de interesse e slides para os encontros presenciais. Os artigos não apresentaram um juízo de valor quanto ao uso do virtual, se foi benéfico ou não. Porém, em experiência advinda através da organização e aplicação de um curso de capacitação para profissionais da rede socioprotetiva, através do Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA), foi possível destacar pontos favoráveis e desfavoráveis em atividades virtuais para treinamentos e/ou capacitações (Medeiros *et al.*, 2023). As autoras levantaram pontos considerados “agridoces” da metodologia da pesquisa e, entre os pontos favoráveis, se destacou a possibilidade de acessibilidade e facilidade de deslocamento; porém, entre os pontos desfavoráveis, houve

menção a pouca interação entre os participantes e, juntamente com o tempo de duração do curso, houve impacto na adesão do curso (Medeiros *et al.*, 2023). As autoras concluem que:

O recurso da atividade virtual como uma ferramenta possível para unir diferentes territórios e diferentes equipamentos, para ampliar a aderência e participação de diferentes grupos e contextos. Porém, com limitações de contato e formação de um processo proximal entre equipe e profissionais. Ainda, encontrou-se outra limitação com o período de duração e, assim, indica-se para próximos cursos de capacitação, que tenham uma carga horária menor, garantindo maior adesão (Medeiros *et al.*, 2023, p. 92).

Outra questão muito desenvolvida por alguns artigos foi o conceito de coletividade para o trabalho com pais adotivos e adotantes, como nos artigos de Levy, Diuana e Pinho (2009), Marins, Marins e Franco (2016), Hartinger-Saunders *et al.* (2014), Rocha e Freitas (2011), Fiuza e Lhullier (2018), presentes na RI. Sobre isso, Rasesa e Rocha (2010) pontuaram que é uma opção viável e útil da psicologia atuar em grupos dentro da saúde pública em nosso país, sendo uma atuação de extrema relevância na atualidade, com olhar para as necessidades da população, sensível à cultura e contexto social.

É importante ressaltar ainda que, para além dos recursos aqui descritos mais minuciosamente, foram utilizados testes, entrevistas semiestruturadas e escalas em alguns dos artigos encontrados na RI. Os recursos foram utilizados a fim de cumprir os objetivos e propostas de cada pesquisa com grupo e treinamento de pais, como questionários para avaliação pessoal dos estilos parentais, ou entrevistas para levantamento das queixas familiares e/ou dados relevantes do processo de adoção (Salazar *et al.*, s/d; Rocha; Freitas, 2011).

2.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos artigos da RI, foi possível identificar que existem a nível nacional e internacional programas voltados para a pós-adoção. Isso reafirma, que a temática está em expansão e necessita de mais políticas públicas voltadas ao tema, para que possam ser efetivas não só de forma territorial. As categorias de análise apontaram para as dificuldades enfrentadas pelas famílias no que tange a compreensão da construção de sua parentalidade que diferentemente de outras famílias é costurada com os mitos da adoção advindas da sua própria experiência e também do social. Além disso, precisam compreender e conviver com os traumas de seus filhos. Através da última categoria, constatou-se que o uso de materiais práticos e que auxiliem os pais no cotidiano são de extrema importância para a efetividade de futuros programas.

Entende-se a importância e necessidade de mais pesquisas interventivas no campo das famílias adotivas visando a possibilidade da compreensão das particularidades de seus filhos, desenvolvimento e história de vida, além de capacitá-los com informações e manejo sobre como auxiliá-los no desenvolvimento pleno. Compreende-se que o alcance efetivo a esses pais pode intervir na consequência do processo da não devolução, uma vez que esses poderão gerar vínculo e um relacionamento saudável com seus filhos, ocupando de forma mais segura o lugar de pais. Espera-se que as discussões aqui demonstradas possam fomentar programas e/ou treinamentos que sejam de fácil acesso aos pais, aplicação viável e efetiva, que tenham como principal objetivo fortalecer a parentalidade adotiva e facilitar ferramentas para o cotidiano desses pais.

2.5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jéssika Rodrigues; HUEB, Martha Franco Diniz. Um estudo de caso sobre adoção de uma criança mais velha. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 71-86, jun. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n1a7>>. Acesso em: 18 out. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BATISTA, Gabriella Ramalho. **Avaliação sobre vínculo e reinserção familiar em centros de referência especializada em assistência social na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2021.

BOTELHO, E.; CAVALCANTE, L.; SILVA, F.; FERNANDES, R. Adoção de crianças negras: a visão de profissionais que atuam no sistema jurídico da infância e juventude. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**, v. 10, n. 19, p. 205-225, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.63595/rbhcs.v10i19.10681>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRODZINSKY, D.; HUFFMAN, L. Transition to adoptive parenthood. **Marriage & Family Review**, v. 12, p. 267-286, 1988.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In: SMELSER, N.; BALTES, P. **International encyclopedia of the social and behavioral science**, 2001.

BRONFENBRENNER, U. **Making human beings humans**. Thousand Oaks: SAGE, 2005.

CAMPOS, N. **Reflexões a partir do grupo de preparação para adoção**: as angústias da espera e suas implicações na tarefa de luto pela infertilidade e pelo filho idealizado. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2012. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/informacoes/publicacoes-textos-e-artigos/textos-e-artigos/2013-a-2011/reflexoes-a-partir-do-grupo-de-preparacao-para-adocao-as-angustias-da-espera-e-suas-implicacoes-na-tarefa-de-luto-pela-infertilidade-e-pelo-filho-idealizado>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

CARVALHO, A. M.; MALAGRIS, L. E.; RANGE, B. **Psicoeducação em terapia cognitivo-comportamental**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2019.

CECCONELO, A. M.; KOLLER, S. H. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de família em situação de risco. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 515-524, 2003.

COHEN, J.; MANNARINO, A. Preditores de resultado do tratamento em crianças abusadas sexualmente. **Abuso e Negligência Infantil**, v. 24, p. 983-984, 2000.

CONCEIÇÃO, Tatiana. **Acolhimento de crianças e adolescentes**: ausência de política pública ou negligência familiar? Um olhar do CREAS sobre o acompanhamento dessas famílias. 7º Encontro Internacional de Política Social, 14º Encontro Nacional de Política Social, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/25831>>. Acesso em: 20 set. 2021.

DINIZ, E.; KOLLER, S. H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar**, n. 36, p. 65-76, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/rGkKHtMrZ4rRqJS8MT6WcHs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

DOLTO, F. **Dialogando sobre crianças e adolescentes**. Campinas: Papirus, 1989.

FIUZA, W.; LHULLIER, C. Possíveis aplicações da técnica de role-play no atendimento a famílias adotantes. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 2, p. 20-36, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2024.

FRIZZO, G.; MACHEMER, R. S.; SILVA, P.; COLOGNESE, S.; NADDEO, L.; SOARES, E. L. A metodologia IDEAS numa intervenção para a parentalidade por adoção. **Revista Brasileira de Avaliação**, v. 11, n. 3, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/rbaval202211024>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

GOLDING, K. S. Developing prescriptive support for foster carers and adoptive parents. **Adoption & Fostering**, v. 31, n. 3, p. 39-48, 2007.

HARTINGER-SAUNDERS, R. M.; TROUTEAUAD, A.; MATOS JOHNSON, J. The effects of postadoption service need and use on child and adoptive parent outcomes. **Journal of Social Service Research**, v. 4, n. 1, p. 75-92, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01488376.2014.953286>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

JOHNSON, D. Adoption and effect on children's development. **Early Human Development**, v. 68, p. 39-54, 2002.

LEVY, L.; DIUANA, S.; PINHO, P. O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas. **Mudanças**, v. 17, n. 1, p. 39-42, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-645824>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MARINS, K. C.; MARINS, R.; FRANCO, M. E. Grupo ELO: conversando sobre adoção: relato de experiência. **Anais da X Mostra de Iniciação Científica da CESUCA**, v. 10, 2016. Disponível em: <<https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/1161>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MATTOS, M.; HERNANDES, M.; ELOY, C. Adoção e devolução: a criança devolvida. **IV Congresso de Psicologia da UNIFIL**, 2011. Londrina: UNIFIL, 2011.

MEDEIROS, I.; RAMALHO, G.; ROMANO, E.; RAMALHO, L.; SOUZA, I.; PEIXOTO, A. C. Capacitação virtual da rede sócio protetiva de famílias em situação de vulnerabilidade. **Concilium**, v. 23, n. 18, p. 79–94, 2023.

MENEZES, J. A família na constituição de 1988 – uma instituição plural e atenta aos direitos de personalidade. **Novos Estudos Jurídicos**, v. 13, n. 1, p. 119-130, 2008. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2722.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

MOLINA-MUÑOZ, Lourdes Maria. **A psicoeducação aplicada a um caso de adoção de uma adolescente com TEPT decorrente de abuso sexual**. 2011. Monografia (Especialista em Psicoterapias Cognitivas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/6396c35b-b5b6-4c8b-a630-8cf92592fc7b/content>>. Acesso em: 18 out. 2025.

NUTTALL, A.; VALENTINO, K.; BORKOWSKI, J. Maternal history of parentification, maternal warm, responsiveness, and children's externalizing behavior. **Journal of Family Psychology**, v.26, n. 5, p. 767-75, 2012.

PACHECO, T.; REPPOLD, C. Terapia cognitivo-comportamental para os transtornos de comportamento disruptivo: modelo de treinamento parental. In: PETERSEN, C.; WAINER, R. **Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes: ciência e arte**. Porto Alegre: Artmed, p.152-169, 2011.

PAIVA, L. **Adoção: Significados e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PASIN, H. C.; FIOROTT, J.; HENSEL, B.; GIACOMOZZI, A. I.; BOUSFIELD, A. B. Grupos reflexivos sobre adoção de crianças e adolescentes: temas emergentes. **Revista da SPAGESP**, v. 23, n. 1, 2022. Disponível em: <

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100003>. Acesso em: 22 jun. 2024.

RASERA, Emerson F.; ROCHA, R. M. A atuação do psicólogo em grupos na atenção primária à saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 380-395, 2010.

RIEDE, J.; SARTORI, G. Adoção e os fatores de risco: do afeto a devolução das crianças e adolescentes. **Perspectiva**, v. 37, n. 138, p. 143-154, 2013. Disponível em: <https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/138_354.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ROCHA, M.; FREITAS, M. Intervenção para pais adotivos na perspectiva da análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, v. 13, n. 2, p. 33-45, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ROEMER, L.; ORSILLO, S. Uma terapia comportamental baseada em aceitação para o transtorno de ansiedade generalizada. In: BARLOW, D. **Manual clínico dos transtornos psicológicos: tratamento passo a passo**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROSSATO, J.; FALCKE, D. Devolução de crianças adotadas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 18, n. 1, p. 128-139, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 fev. 2024.

SALAZAR, A.; DAY, A.; THOMPSON, J.; YOUNG, E.; PODSOBINSKI, J.; FOWLER, J.; VANDERWILL, L.; SPIERS, S.; KONGIRA, M. Avaliando a eficácia do currículo nacional de treinamento e desenvolvimento (NTDC) para a melhoria do conhecimento e habilidades dos pais acolhedores e adotivos, 2024. Disponível em: <<https://spaulding.org/wp-content/uploads/2023/09/avaliacao-do-NTDC-condensada-final-sem-bibliografia.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

SAMPAIO, D.; MAGALHÃES, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. Pedras no caminho da adoção tardia: Desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 311-324, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/Cx4bFKrqTrPzL3vHsbCZmD/>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SILVA, J.; SILVA, E. Adoção: da idealização ao fracasso. In: **Anais do Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, Niterói: ANINTER, 2012, p. 1-17.

SOUZA, T.; SILVA, D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <<https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

TABORDA, C. **Adoção: a família no processo adotiva**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014.

VAN LONDEN, W.; JUFFER, F.; VAN IJZENDOORN, M. Attachment, cognitive, and motor development in adopted children: short-term outcomes after international adoption. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 32, n. 10, p. 1249-1258, 2007.

WEBER, L. **Aspectos Psicológicos da Adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.

3. ESTUDO 2: E AÍ, TOPA? CONSTRUÇÃO DO TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARENTAL PARA PAIS ADOTIVOS

RESUMO

Historicamente, a adoção no Brasil esteve associada a práticas institucionais e assistencialistas, evoluindo de maneira significativa com o Estatuto da Criança e do Adolescente e com a Lei Nacional de Adoção, que consolidaram o direito à convivência familiar. Entretanto, ainda persistem lacunas nos processos de preparação e acompanhamento de pais adotivos, o que evidencia a necessidade de apoio específicos. Este estudo descreve as etapas de elaboração do Treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos de Filhos na Primeira Infância (TOPA). O treinamento foi desenvolvido a partir de uma revisão integrativa da literatura, fundamentado na Terapia Cognitivo-Comportamental e na Disciplina Positiva, e organizado em três eixos temáticos: (1) *Desenvolvimento infantil: o que podemos esperar?*; (2) *Parentalidade: como é a minha?*; e (3) *E aí, topa?* O TOPA é composto por seis encontros de aproximadamente 90 minutos, que incluem atividades psicoeducativas, dinâmicas de grupo e *role plays*, além da aplicação de instrumentos de avaliação pré e pós-intervenção. Destina-se a pais adotivos de crianças de até seis anos e pode ser implementado nos formatos presencial, online ou híbrido. O TOPA propõe-se a promover práticas parentais positivas, fortalecer vínculos afetivos e prevenir rupturas familiares, configurando-se como uma ferramenta de apoio relevante para a efetivação do direito à convivência familiar e para o desenvolvimento saudável na primeira infância.

Palavras-chave: Parentalidade, Adoção, Primeira Infância, Estilos Parentais, Orientação Familiar.

SO, ARE YOU IN? DEVELOPMENT OF THE PARENT GUIDANCE TRAINING FOR ADOPTIVE PARENTS

ABSTRACT

Historically, adoption in Brazil has been linked to institutional and welfare-oriented practices. Over time, it has evolved through key legal frameworks, particularly the *Statute of the Child and Adolescent*, and the *National Adoption Law*, which reinforced the right to family life. Despite these advances, gaps remain in the preparation and ongoing support of adoptive parents, underscoring the need for structured intervention programs. This study outlines the development process of the Parental Guidance Training for Adoptive Parents of Young Children (T.O.P.A.). The training was designed based on an integrative literature review, drawing on principles of Cognitive-Behavioral Therapy (CBT) and Positive Discipline. It is organized around three thematic modules: (1) *Child development: What can we expect?*; (2) *Parenting: What is mine like?*; and (3) *So, are you in?* The training consists of six sessions incorporating psychoeducational activities, group dynamics, and role-playing exercises, with pre- and post-intervention assessment tools. It targets adoptive parents of children up to six years old and can be implemented in face-to-face, online, or hybrid formats. The T.O.P.A. aims to promote positive parenting practices, strengthen affective bonds, and prevent family disruptions, positioning itself as a valuable support tool for ensuring the right to family life and fostering healthy early childhood development.

Keywords: Parenting, Adoption, Parenting Styles, Family Guidance

3.1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a relação do Brasil com instituições voltadas à internação de crianças e adolescentes é antiga, de modo que o processo de construção dessas instituições não pode ser dissociado da história da adoção no país. É desde o Brasil colônia que instituições jesuítas são vistas como o ponto de partida e referência à população infantojuvenil, desde então, outras instituições foram sendo criadas em todo o território nacional (Rizzini; Rizzini, 2004; Tavares, 2010).

Neste contexto, foi criado o sistema denominado *roda dos expostos*, organizado pela Santa Casa de Misericórdia e implantado ainda no período colonial, permanecendo em funcionamento até a república. Esse sistema foi, durante o período de um século e meio, quase que a única instituição de assistência à infância abandonada no Brasil (Galheigo, 2003). Essa parte histórica é marcada por abandonos e mortes de crianças, o que despertou preocupação higienista principalmente no século XIX e culminou na criação de outras instituições de acolhimento, na tentativa de substituir a roda (Galheigo, 2003). De acordo com Rizzini e Rizzini (2004), o século XVIII traz as primeiras instituições para a educação de órfãos, o cunho religioso foi mantido, focado na vida religiosa e no modelo de claustro. A Santa Casa de Misericórdia, em algumas províncias, organizava recolhimentos que reproduziam distinções sociais e raciais: “meninas indigentes” e “filhas de legítimo matrimônio” recebiam atendimentos diferentes assim como “órfãs brancas” e “meninas de cor” eram encaminhadas a instituições distintas (Rizzini; Rizzini, 2004).

A adoção no Brasil, emerge inicialmente neste cenário da roda dos expostos: os “adotantes” dirigiam-se espontaneamente a essas instituições em busca do filho considerado “ideal”. Relatos da época apontavam que os casais que adotavam frequentemente tinham questões com infertilidade. Como característica, as adoções eram feitas em forma de segredo, sem qualquer documentação. Crianças maiores eram as mais adotadas, pois assim, a família teria a certeza de não apresentar alguma “anormalidade” (Goes, 2014). No século XIX, mantêm-se as rodas de expostos e amplia-se o número de instituições religiosas voltadas ao acolhimento e à educação de crianças. Observa-se, gradualmente, o início da participação do poder público na assistência à população infanto-juvenil, principalmente com a criação de Casas de Correção, voltadas para as crianças que cometiam atos ilícitos, e de outros internatos (Tavares, 2010). Cabe ressaltar que a assistência estava delegada à filantropia ou à caridade, não havendo, até o final do Império, registros de políticas por parte do Estado (Cantini, 2008; Roberti Junior, 2012).

Após a independência do Brasil, o Código Criminal de 1830 expôs a frágil distinção entre infância e vida adulta, já que antes crianças eram punidas como adultos (Rizzini, 2009). Com a urbanização e o aumento da pobreza, o Estado passou a reconhecer a necessidade de políticas específicas para a infância. O Código Penal de 1890 trouxe avanços, como a não responsabilização de menores de nove anos, embora ainda centrado na figura do “menor” infrator. No início do século XX, pressões sociais e internacionais impulsionaram medidas de proteção, e o Código Civil de 1916 regulamentou a adoção, até então pouco abordada (Weber, 2007). O período menorista, conforme Rizzini e Rizzini (2004), estendeu-se entre os Códigos de 1927 e 1979, marcado pela doutrina da “situação irregular” e por práticas de caráter punitivo. Instituições como o DNCr e o SAM buscaram organizar o atendimento, mas enfrentaram limitações. Mesmo com avanços posteriores, o sistema permaneceu punitivo, reforçado pela FUNABEM e pelas FEBEMs. O Código de 1979 manteve essa lógica, apesar de atualizar normas sobre adoção. Com o declínio do regime militar, críticas às internações impulsionaram reformas que culminaram na criação do Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência.

A redemocratização impulsionou movimentos sociais e institucionais, como a Comissão Criança e Constituinte e o Fórum Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, que contribuíram para a inclusão dos artigos 227 e 228 na Constituição Federal de 1988 (Cantini, 2008). O artigo 227 consolidou a concepção da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, sob responsabilidade compartilhada entre Estado, família e sociedade, além de estabelecer a necessidade de legislação especial para menores de 18 anos. Essa nova legislação é denominada ECA – o Estatuto da Criança e Adolescente, sendo promulgada no ano de 1990 através da Lei nº 8.069 (Brasil, 1990), onde a sistematização da proteção integral à criança e adolescente é então estabelecida. Ele instaura uma nova ordem jurídico-social e uma nova política de atendimento, retirando a categoria “menor” da legislação e colocando como sujeitos de direito. No âmbito da adoção, é através do ECA que filhos biológicos e adotivos são igualados, além disso, o estatuto regula a adoção de crianças e adolescentes. A implementação do ECA ainda configura um desafio nos dias atuais considerando, entre outros fatores, a própria política do país. A lei reconhece o direito à convivência familiar e comunitária como um direito fundamental para crianças e adolescentes.

Logo, o ECA busca preservar o vínculo biológico e traz a adoção como uma “excepcionalidade”. Para que essas questões fossem melhor compreendidas, em agosto de 2009 foi sancionada a Lei nº 12.010/09, que passou a vigorar em novembro do mesmo ano, e traz novas questões a respeito da prática da adoção em nosso país. A lei passa a ser conhecida como “nova lei de adoção”. Todavia, é formalmente nomeada como Lei da Convivência Familiar e

Comunitária, e traz consigo questões importantes e levanta debates sobre alguns pontos (Brasil, 2009). A lei de adoção traz discussões sobre assistência à gestante; regulamentação dos prazos de acolhimento; regras sobre adoção de irmãos; avaliação e preparo dos candidatos à adoção; estágio de convivência e Cadastro de Adoção Nacional (CNJ) e internacional (Goes, 2014). Em seu artigo 50º é firmado o compromisso de preparação para adoção por parte dos possíveis adotantes e também das crianças e adolescentes. Por lei, ambos os lados deveriam ser preparados pelos profissionais de equipe técnica da vara; com apoio da rede socioprotetiva e poder jurídico.

Nesse contexto, a pesquisa de Medeiros (2020), que, em estudo de mestrado realizado na rede socioprotetiva da Baixada Fluminense, constatou a ausência de capacitação específica dos profissionais para trabalhar com a temática da violência. Tal cenário suscita questionamentos sobre a capacidade dessa rede em oferecer suporte adequado aos pais e às crianças, sobretudo em processos complexos como preparação para adoção e o manejo de situações de risco. Infelizmente, o despreparo dos profissionais culmina no desconhecimento dos pretendentes à adoção; os mesmos citam a demora e quantidade de procedimentos, a falta de acompanhamento e orientação no período de espera e também a motivação e preparação para a chegada da criança como problemáticas (Sequeira; Stella, 2014; Macêdo, 2014). A falta de preparação prévia pode culminar na devolução.

O termo “devolução” carrega forte carga simbólica, normalmente associado à restituição de bens de consumo. No contexto da adoção, entretanto, é utilizado para descrever situações em que crianças e adolescentes retornam ao sistema de acolhimento após uma tentativa de constituição da família adotiva, revelando rupturas significativas nos vínculos e no processo de filiação. O conceito de devolução não é reconhecido juridicamente. A adoção possui caráter irrevogável, de acordo com o artigo 39, parágrafo 1º do ECA (Brasil, 1990). Por esse motivo, devolver uma criança adotada seria o mesmo que abandonar um filho. Goes (2014) traz uma reflexão importante sobre esse processo de devolução vinculado ao estágio de convivência. Para a autora, a criança/adolescente é o único que precisa se acostumar com a convivência parental (Goes, 2014). Afinal, os adultos hipoteticamente desejaram, se prepararam, passaram por um curso e escolheram de forma consciente essa forma de filiação. Logo, a lógica constantemente é invertida. Ao pensarmos neste processo de devolução, não temos a nível nacional um sistema de dados, nem tão pouco as informações minimamente organizadas.

As pesquisas sobre a temática ainda são escassas. No Rio de Janeiro, o Módulo Criança e Adolescente – MCA, através do Ministério Público do Rio de Janeiro – MPRJ, sistematiza essas informações do estado. No relatório publicado em 2023 o MCA afirma que no estado do

Rio de Janeiro 33 indivíduos (2%) crianças/adolescentes foram devolvidas através da adoção malsucedidas; sendo 17 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. 29 (2%) foram acolhidos novamente em decorrência a guarda ou tutela para terceiros malsucedida (MPRJ, 2023). O censo também traz informações sobre a idade das crianças e adolescentes devolvidos. Constatase que das 33 devolvidas em detrimento de adoção malsucedidas, o total de 28 já estavam no recorte dos 7 aos 18 anos. Ao olharmos para a guarda ou tutela a terceiros, 27 também estão no recorte a partir dos 7 anos. Logo, vemos que a idade em que estão sendo devolvidas se torna um fator que dificulta a possibilidade de outras adoções, tendo em vista que a maior parte das pessoas desejam crianças menores. Assim, as mesmas estarão na categoria “adoção tardia”, o que gera estigmas e mitos, além de ser um dos motivos apontados para a devolução.

Em pesquisa realizada em Portugal sobre as concepções de parentalidade, foi discutido que quanto maior a idade da criança quando realizada a adoção, maior é a complexidade da concepção de parentalidade para os pais adotivos, no que diz respeito à capacidade metacognitiva demonstrada pelos pais na compreensão de si próprios, dos filhos e da relação entre ambos (Silva; Nunes; Almeida, 2017). Esse achado reforça a importância do acompanhamento e auxílio na construção do lugar afetivo e comportamental de ser mãe ou pai, não somente no preparo da adoção, mas, no decorrer da aproximação e principalmente quando os primeiros desafios se colocam.

Assim como em outras formas de parentalidade, a adoção exige apoio e preparo antes e depois da chegada da criança. Pesquisas internacionais evidenciam a importância do treinamento parental, tratando de rotina, limites, manejo de comportamentos e fortalecimento da relação pais-filhos (Breitenstein *et al.*, 2012; Jobe-Shields *et al.*, 2015). No Brasil, programas voltados a pais adotivos concentram-se no manejo de comportamentos na primeira infância, geralmente em grupos, mostrando impacto positivo no desenvolvimento infantil e na redução do estresse parental (Oliveira; Alvarenga, 2015; Schmidt *et al.*, 2016).

Apesar disso, muitas famílias não recebem o preparo prévio previsto em lei, e postulantes relatam falta de acolhimento nos cursos obrigatórios (Schmitt; Arpini; Kostulki, 2020). Diante dessa lacuna, os Grupos de Apoio à Adoção (GAAs) têm assumido papel fundamental, oferecendo escuta, troca e suporte emocional desde o pré até o pós-adoção (Vieira, 2004; Silva *et al.*, 2018). A participação nos grupos contribui para fortalecer vínculos, reduzir sentimentos de isolamento e auxiliar no manejo familiar, sendo recomendada para pretendentes e pais adotivos (Gondim *et al.*, 2008; Silva; Arpini; Polli, 2010). Contudo, o acesso ainda é desigual, e muitas famílias permanecem sem acompanhamento adequado, o que pode impactar a formação dos vínculos e até resultar em devoluções.

Em âmbito nacional, a Lei da Parentalidade Positiva (Brasil, 2024) estabelece o direito ao cuidado baseado no respeito, acolhimento e não violência, determinando que União, estados e municípios promovam ações de fortalecimento familiar e prevenção da violência. Embora exista distância entre a legislação e sua implementação, tais marcos abrem espaço para a criação de redes de apoio. Garantir proteção às crianças implica necessariamente apoiar suas famílias. Assim, a parentalidade deve ser compreendida como um processo em construção que requer suporte contínuo. Logo, compreender e psicoeducar sobre formas de educação são um caminho possível.

As discussões sobre educação, estilos parentais e disciplina positiva têm crescido, reforçando que, independentemente da forma de constituição familiar, orientação e preparo parental são fundamentais. A família é o primeiro sistema da criança, e suas práticas podem atuar como fatores de risco ou proteção (Sousa; Cruz, 2016). Para Hoffman (1975), práticas parentais são estratégias que indicam consequências e promovem autonomia, podendo incluir também práticas coercitivas. Darling e Steinberg (1993) ampliam esse conceito ao considerarem que tais práticas formam um clima emocional que caracteriza a cultura parental.

O treinamento parental baseia-se no behaviorismo e na aprendizagem social, mas atua de forma multifacetada, considerando tanto a criança quanto a organização familiar (Briesmeister; Schaefer, 1998 *apud* Gusmão; Caminha, 2022). Essa abordagem oferece acolhimento, desenvolve competências e facilita o manejo de comportamentos desafiadores (Seabra-Santos *et al.*, 2016), sendo especialmente importante na primeira infância (Bolsoni-Silva; Loureiro, 2008). Mesmo assim, muitos pais não se sentem preparados e tendem a reproduzir modelos herdados, recorrendo à tentativa e erro, o que pode gerar inconsistências educativas. Em contraste, pais mais preparados favorecem autonomia, competência social e melhor desempenho das crianças (Marin *et al.*, 2013). Pesquisas têm buscado compreender a relação entre práticas e estilos parentais (Baumrind, 1971; Darling; Steinberg, 1993), definidos como padrões de comportamento expressos no clima emocional da relação.

Revisões recentes mostram a escassez de estudos brasileiros sobre intervenções direcionadas a estilos e práticas parentais saudáveis, especialmente em famílias com maior vulnerabilidade (Medeiros; Peixoto, 2022), reforçando a necessidade de programas voltados à parentalidade consciente. Partindo dessa consideração teórica, este estudo tem como objetivo descrever a elaboração de um treinamento de orientação parental para pais adotivos, com o foco na primeira infância, denominado TOPA, Treinamento de Orientação para Pais Adotivos. Para a compreensão deste recorte etário, será usada como definição a Lei nº 13.257 que considera-

se primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança (Brasil, 2016).

3.2. DESENVOLVIMENTO DO TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS ADOTIVOS – TOPA

O Treinamento de Orientação para Pais Adotivos (TOPA), resultou de diversos estudos da autora e do laboratório que faz parte (LEVICA/UFRRJ), seja através de sua prática acadêmica e/ou clínica. O TOPA foi concebido como proposta de apoio às famílias adotivas, com vistas a favorecer a consolidação de vínculos e a prevenção de rupturas. O treinamento também está construído levando em conta os resultados da revisão integrativa da literatura deste mesmo projeto de tese que apontou lacunas nos resultados dos programas investigados: como a psicoeducação dos temas que envolvem o processo da adoção de forma mais ampla; o desenvolvimento infantil; formas de educação e construção da parentalidade; e compreensão do trauma vivido previamente e devolução como violência e revivência do trauma pregresso. Além disso, foram compilados através da RI métodos e técnicas que podem ser mais eficazes, sendo esses a psicoeducação, *role play*, recursos audiovisuais, instrumentos pré e pós-testes. Ademais, a construção de uma possível rede de apoio e coletividade através da formação do grupo. Desta forma, o treinamento é construído de forma assertiva, através de um formato possível de ser aplicado, com um número de encontros indicado pela OMS para intervenções de parentalidade baseadas em evidências de forma acessível e adaptada às necessidades das famílias, fato apontado na RI.

A aspiração do TOPA é oferecer estratégias para pais que adotaram e buscam fortalecer de forma saudável sua parentalidade frente aos desafios inerentes a esse lugar. Compreende-se que não existe algo que mude o cenário da população investigada de forma rápida e fácil, no entanto, espera-se que o formato do TOPA preencha lacunas e possibilite a estimulação do bem-estar e saúde no contexto familiar, oferecendo estratégias de transformação e possibilidades de mudanças. Para isso, o treinamento foi organizado através dos seguintes objetivos:

1. Acolher pais adotantes em relação às dificuldades na parentalidade e propiciar um espaço de reflexão e fortalecimento de suas potencialidades como pais;
2. Gerar sensibilização e/ou reflexão nos pais adotantes para que compreendam sobre as temáticas que perpassam a vida dos filhos e a sua própria parentalidade adotiva;
3. Psicoeducar pais adotantes sobre o desenvolvimento na primeira infância e como a violência pode afetar este o desenvolvimento pleno;

4. Auxiliar pais adotantes com estratégias funcionais que versam sobre educação e cotidiano de interação familiar;
5. Aplicar pré e pós testes através do Inventário de Estilos Parentais (IEP) e avaliar o impacto de cada sessão através do instrumento de avaliação do impacto imediato da sessão;
6. Avaliar os resultados da aplicação do treinamento.

O TOPA estrutura-se a partir de 03 eixos, os mesmos foram nomeados de uma forma que os próprios participantes possam compreender a temática abordada. O conteúdo trabalhado é baseado nos processos da abordagem da terapia cognitivo comportamental e da disciplina positiva. Cada eixo buscou oferecer conhecimentos e informações de forma didática, acessível e, sobretudo, de maneira prática para que os participantes consigam executar o que foi apresentado nos encontros.

O Eixo 01 – Desenvolvimento infantil, o que podemos esperar? –, refere-se a psicoeducar pais sobre o desenvolvimento infantil na fase da infância, assim como discutir temas, como: o que é violência; quais os tipos e suas consequências ao longo do desenvolvimento. Além de tratar sobre temáticas que foram apontadas como triviais, como o impacto do trauma no desenvolvimento da criança, que pode culminar em comportamentos que precisam de direcionamento, além de possivelmente dificultar a vinculação familiar. Facilitar essa compreensão, pode gerar o entendimento sobre a complexidade da história pregressa dessa criança e consequentemente subsidiar aos pais uma compreensão sobre o que é ou não esperado no desenvolvimento do seu filho. Ademais, são desmistificados os mitos envolvidos na adoção, tanto por parte da própria família quanto daqueles que de alguma maneira são rede de apoio.

O Eixo 02 – Parentalidade, como é a minha? –, objetiva apresentar os estilos parentais, como são efetivados no dia a dia e quais são as consequências desses nas relações familiares. Com foco em como a parentalidade dos pais ocorre e como foi construída, na tentativa de se entender o impacto dessa parentalidade na educação atual dos filhos. Outrossim, pretende estimular o reconhecimento dos participantes sobre qual estilo foi utilizado em sua educação e qual estilo internalizou para utilizar na educação de seus filhos.

O Eixo 03 – E aí, TOPA? –, tem por objetivo principal fortalecer os pais através de técnicas e atividades práticas, tais como: *role play*, dramatizações e estudos de caso. Os temas estão ligados às principais dificuldades dos pais e serão trabalhados de forma prática. As temáticas versam sobre: emoções, birras, sexualidade, como colocar regras e limites e questões raciais. Nesse eixo os pais são direcionados a praticar o que aprenderam ao longo dos encontros

e podem treinar em um ambiente seguro a forma de conduzir as questões apresentadas nesse eixo.

O público-alvo é de pais adotivos que estão enfrentando dificuldades em sua parentalidade, ou seja, no manejo da relação com seu filho, ou pais que queiram compreender melhor sua parentalidade. Os participantes podem ser pais e mães que passaram pelo processo de adoção regulamentada no Brasil, independentemente de sua formação familiar e que possuam filhos na primeira infância (até 06 anos). O treinamento está estruturado para ser aplicado de forma presencial, online ou híbrida (online e presencial), sendo cada eixo composto por dois encontros de até 90 minutos. O objetivo da modalidade híbrida é poder facilitar o engajamento e permanência dos participantes, sem interferir na vinculação entre os mesmos. O número de participantes indicados para o grupo é de até 08 pessoas.

Para a execução do treinamento, ocorrerá o encontro zero, sendo esse realizado através do envio das documentações: termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (Apêndice A); autorização de imagem e som (Apêndice B), entrevista sociodemográfica (Apêndice D). Além disso, os participantes responderão como instrumento pré e pós-teste o Inventário de Estilos Parentais (Gomide, 2006) e a cada final de encontro responderão ao Instrumento de Avaliação do Impacto Imediato da Sessão que visa avaliar a satisfação do participante com a sessão e as descobertas assimiladas por esses (Murta, 2008). Cabe ressaltar que todos esses instrumentos foram elaborados para preenchimento exclusivamente no formato online. Ademais, os participantes receberão o material de apoio intitulado “caderno de pais” (Apêndice F) que contém um material psicoeducativo feito para o treinamento. Nele há informações que complementam os encontros além de materiais audiovisuais, indicações de leituras e filmes e atividades metacognitivas.

Ao final de cada encontro, serão propostas atividades para serem realizadas ao longo da semana pelos participantes através do caderno de pais. Após o treinamento é sugerido um encontro final para momentos de *feedback* através das dinâmicas e formulário final, onde todos possam compartilhar vivências e vínculos.

Os aplicadores recebem um material intitulado “caderno do aplicador” (Apêndice G) que descreve os encontros e como podem ser conduzidos. O TOPA pode ser implementado por psicólogos que atuam na rede socioprotetiva, desde que recebam capacitação específica para conduzir as sessões e aplicar adequadamente os instrumentos do treinamento.

3.3. ESTRUTURA DOS ENCONTROS

Cada encontro está descrito com seus objetivos juntamente às estratégias e aos métodos usados para atingi-los.

ENCONTRO 1

Objetivos: (1) Facilitar a vinculação inicial dos pais com os demais participantes e também com os facilitadores;

(2) Dar início a psicoeducação sobre o desenvolvimento infantil, direcionando sobre o que é ou não esperado para a idade;

(3) Apresentação inicial dos facilitadores de forma online ou presencial; além de apresentar todas as regras (desligar o celular, não falar ao mesmo tempo, evitar discussões paralelas, sigilo das informações, uso do gravador);

(4) Explica-se o que é o TOPA e reforçar a essência do treinamento, pautada em uma conversa fluida, tranquila, sem julgamentos.

Estratégias e métodos: (1) Com o objetivo de conhecer melhor os participantes, a atividade inicial é “crie sua camiseta” (Apêndice G), a mesma auxilia que os participantes se conscientizem sobre suas diferenças e semelhanças ao entrarem em contato com a singularidade de cada um. Ao desenhar uma camiseta, serão colocadas informações que desejam partilhar, além de curiosidades;

(2) Após o momento de compartilhar essas informações, a atividade “é mito ou verdade” (Apêndice G) traz sentenças soltas que contenham mitos e verdades sobre o desenvolvimento infantil e que em comum acordo o grupo deve decidir se é mito ou verdade;

(3) Como atividade central, será fornecida a Psicoeducação através de slides (Apêndice H) sobre desenvolvimento infantil. O objetivo é informar aos pais sobre como o desenvolvimento acontece e como os primeiros anos são triviais para toda nossa vida. Um ponto focal dessa discussão é como a personalidade se forma, pois um dos grandes mitos é que a genética é o fator principal.

Encerramento: Após esse encontro, a ponte entre encontros se dará através da leitura do caderno de pais com foco em mais informações sobre a personalidade e atividades práticas como conhecer mais a sua através do teste *Big Five* disponível no site oficial.

ENCONTRO 2

Objetivos: (1) Trazer a temática da violência, suas formas e consequências no desenvolvimento infantil, focando no trauma da devolução;

(2) Apresentar fatores de proteção à família e como podem desenvolver as necessidades emocionais básicas.

Estratégias e métodos: (1) A ponte entre encontros traz as informações aprendidas no caderno de pais; é um espaço de troca sobre quais foram os seus maiores aprendizados e se há alguma dúvida;

(2) Posteriormente ao compartilhamento, a dinâmica “influência positiva” (Apêndice G) solicita aos participantes que pensem sobre alguém que influenciou de forma positiva a sua vida e conte quem é através de uma breve história; é proposto ao grupo a reflexão de que pessoas deixam marcas que podem ser positivas ou não e que principalmente quando as marcas são de violência geram consequências;

(3) O vídeo “Vida Maria¹” disponível no *YouTube* é o aquecimento para a atividade central, ele pode ser apresentado ao grupo com o objetivo de sensibilizar os pais e trazer a temática da violência;

(4) Após a apresentação e discussão do mesmo, a atividade principal é a psicoeducação através de slides e vídeos sobre a violência, suas formas, causas e consequências no desenvolvimento. O objetivo é informar aos pais sobre como a violência deixa marcas que justificam muitos comportamentos de seus filhos, mas que agora como família, eles podem desenvolver fatores de proteção. Um ponto focal dessa discussão é auxiliar os pais a identificar as possíveis violências que eles mesmos podem estar reproduzindo; além de focar no trauma e na (im)possibilidade de devolução;

(5) Faremos uso da dinâmica “qual foi a marca deixada?” (Apêndice G) como finalização deste momento.

Encerramento: Dando continuidade ao que foi discutido, a leitura do caderno de pais (Apêndice F) com mais informações sobre violência e com foco principal nas necessidades emocionais básicas como fator de proteção será a ponte entre encontros a ser realizada para a próxima semana.

ENCONTRO 3

Objetivos: (1) Apresentar aos pais a noção de que a parentalidade é construída e que sua história impacta na forma com que educa.

Estratégias e métodos: (1) a primeira atividade é nomeada “do meu ou do seu jeito?” (Apêndice G); a mesma solicita aos participantes que contêm como realizam atividades

¹ VIDA MARIA. Direção de Márcio Ramos. Fortaleza: VIACG, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&t=3s>. Acesso em: 09 fev. 2026.

domésticas como lavar a louça, e ao ouvir de alguns participantes o seu modo, é importante sensibilizá-los sobre diferentes formas de fazer a mesma coisa, inclusive educar; além de gerar o questionamento sobre como a forma com que aprendemos e a forma com que ensinamos;

(2) O aquecimento para a atividade central é trazer através do *role play* algumas noções sobre estilos parentais; assim, os participantes serão divididos entre “crianças” e “pais”, os que ficarem no papel de crianças têm comportamentos desafiadores e os pais são direcionados pela equipe para serem autoritários, negligentes, indulgentes ou autoritativos. Neste momento, não há esses nomes, apenas o direcionamento. Após a encenação, todos compartilham como se sentiram sendo as crianças e os pais em cada rodada, iniciando-se uma discussão sobre esses lugares e como é possível lidar com eles;

(3) A atividade central desse encontro é direcionada a escrita da história de vida dos pais; suas lembranças tristes e felizes, o que impactou e como perceber a parentalidade de seus pais e a sua hoje. Após a escrita das lembranças, o facilitador deve abrir para o debate sobre a temática.

Encerramento: Como ponte entre encontros, os pais serão direcionados ao caderno de pais (Apêndice F) com foco nos estilos parentais.

ENCONTRO 4

Objetivos: (1) Facilitar conceitos sobre estilos parentais e como os participantes estão exercendo os seus.

Estratégias e métodos: (1) Na atividade ponte entre encontros é proposto o debate sobre a história de vida deles e como foi escrevê-la; conversar sobre o material do caderno de pais;

(2) Após esse momento, a atividade inicial se chama “As duas listas” (Apêndice G) e tem como objetivo ajudar os pais a refletirem sobre o que eles realmente querem para os seus filhos, compreendendo os desafios de comportamento e as habilidades de vida que podem ser geradas através desses desafios;

(3) Após este momento, a atividade “E aí, topa ser qual bicho?” (Apêndice G), traz de forma descontraída que podemos agir de forma passiva, assertiva e agressiva. Os participantes são convidados a dar características a cada animal ali representado através de um slide (ou de animais de plástico); posteriormente, precisam definir em comum acordo esses bichos que podem definir como agressivos, passivos e assertivos. Nesse momento, situações do cotidiano familiar são sorteadas e os participantes realizam um *role play* com a atitude de cada bicho. Pode haver diversas trocas de papéis e também de animais; após se esgotar as possibilidades, abre-se um espaço para discussão sobre como foi observar a forma de comunicação de cada um, como se sentiram diante da dramatização, qual animal eles seriam;

(4) Em atividade principal, há a Psicoeducação através de slides (Apêndice H) sobre estilos parentais, quais são e como deixam consequências em nossa educação. O objetivo é informar aos pais sobre o seu estilo parental está formando o seu filho e que sua forma de agir impacta na forma de agir do seu filho.

Encerramento: Como ponte entre encontros, é proposta a escrita da história de vida do filho(a); podendo ser em formato de carta para que ele(a) leia um dia ou em forma de relato.

ENCONTRO 5

Objetivos: (1) Trabalhar através de *role play* questões que os pais podem enfrentar no comportamento de seus filhos.

Estratégias e métodos: (1) A ponte entre encontros dá início e traz como pensar e escrever sobre a história de vida dos seus filhos;

(2) A atividade inicial é a "Faça o que digo" (Apêndice G) e tem como objetivo demonstrar aos pais como as crianças prestam mais atenção ao que você faz do que você diz;

(3) Logo após a dinâmica e a discussão e compartilhamento da mesma, é proposta a atividade central que tem como título "pais ajudam pais" (Apêndice G). A mesma tem como objetivo facilitar a coesão do grupo e mostrar que todos possuem dificuldades e que podem desenvolver habilidades principalmente quando estão em grupos e podem compartilhar formas de conduzir. Desta forma, a equipe previamente escreve situações que podem ocorrer na dinâmica entre pais e filhos; como esse encontro aborda temáticas específicas, as mesmas precisam estar voltadas para: emoções, birras e sexualidade. As situações são apresentadas e os pais são convidados a compartilhar se já vivenciaram algo parecido e como agiam naquele momento. Após este momento, o *role play* é proposto envolvendo a "criança" e os "pais"; após a encenação todos são convidados a compartilhar; como acreditam que agiriam; o que fariam de diferente ou igual. O grupo precisa escolher em conjunto a melhor forma de conduzir a partir do que foi compartilhado para que seja encenado através de um novo *role play*; ao final, o grupo é convidado a refletir sobre pensamentos, sentimentos e decisões.

Encerramento: A atividade dessa semana é direcionada ao caderno de pais (Apêndice F) que traz o material psicoeducativo sobre emoções, birras e sexualidade.

ENCONTRO 6

Objetivos: (1) Trabalhar através de *role play* questões que os pais podem enfrentar no comportamento de seus filhos.

Estratégias e métodos: (1) Desta forma, a dinâmica utilizada será “Pais ajudam pais” (Apêndice G). A mesma tem como objetivo facilitar a coesão do grupo e mostrar que todos possuem dificuldades e que podem desenvolver habilidades principalmente quando estão em grupos e podem compartilhar formas de conduzir. A equipe previamente escreve situações que podem ocorrer na dinâmica entre pais e filhos; neste encontro, estaremos direcionados a como dar limites e trabalhar questões raciais. As situações são apresentadas e os pais são convidados a compartilhar se já vivenciaram algo parecido e como agiam naquele momento. Após este momento, o *role play* é proposto envolvendo a “criança” e os “pais”; após a encenação todos são convidados a compartilhar; como acreditam que agiriam; o que fariam de diferente ou igual. O grupo precisa escolher em conjunto a melhor forma de conduzir a partir do que foi compartilhado para que seja encenado através de um novo *role play*; ao final, o grupo é convidado a refletir sobre pensamentos, sentimentos e decisões.

Encerramento: Para a ponte entre encontros, será utilizado o caderno de pais (Apêndice F) direcionando para como dar regras e limites de forma autoritativa.

ENCONTRO FINAL

Objetivo: (1) Realizar o feedback de todos os encontros e finalizar o grupo.

Estratégias e métodos: (1) A dinâmica “Raízes e asas” (Apêndice G) abre o encontro, trazendo aos participantes a proposta de elucidar o que criou raízes em sua parentalidade e o que eles desejam que crie asas e os outros participantes possam levar do grupo;

(2) Após o compartilhar, os integrantes são direcionados a construir uma nuvem de palavras com o objetivo de ver quais foram os conceitos e sentimentos que ficaram nos participantes;

(3) A última dinâmica é denominada “E o troféu vai para..” (Apêndice G) e tem o objetivo de primeiro promover o auto reconhecimento dos pais por “troféus” que precisam dar a si mesmos dentro da sua parentalidade. Posteriormente, o facilitador apresenta troféus que a equipe percebeu. Esse momento precisa ser construído ao longo do grupo, observando características que cada participante demonstra. Por exemplo: tem sempre comentários a fazer; compartilha suas emoções com facilidade, é comprometido com o horário.

Encerramento: O encontro é encerrado com um *feedback* geral e caso ocorra de forma presencial, é proposto um lanche.

Abaixo, o quadro reúne as informações para melhor compreensão e sistematização dos dados descrevendo seus temas, intervenções e possíveis materiais do TOPA

Quadro 2 – Sistematização do TOPA

E aí, TOPA ??			
(Formato grupal, com encontros híbridos de 1 hora e 30 minutos cada)			
Eixo I – desenvolvimento infantil, o que podemos esperar?			
Encontros	Temas	Descrições	Materiais a serem utilizados
Encontro 0 (Online- sugestão)	Apresentação dos objetivos do TOPA. Apresentação e aplicação de instrumentos pré-testes; preenchimento dos questionários e termos.	Entrega e aplicação do questionário sociodemográfico; Inventário de Estilos Parentais; termo de consentimento livre e esclarecido e autorização de imagem e som. Os materiais podem ser aplicados de forma física ou online.	Questionário sociodemográfico; Inventário de estilos parentais e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e autorização de imagem e som.
Encontro 1 (Presencial- sugestão)	Noções básicas sobre desenvolvimento infantil na primeira infância. O que podemos esperar do desenvolvimento infantil na primeira infância	Dinâmicas que visam a apresentação para a possível vinculação do grupo e equipe. Sugestão - “crie sua camisa”. Psicoeducação sobre desenvolvimento infantil na primeira infância através de slides com informações do que é esperado nesta fase além de trazer tópicos sobre o que é mito ou verdade no desenvolvimento de uma criança adotada.	Folha de ofício Slide com o material psicoeducativo Frases que contenham mitos x verdades sobre o desenvolvimento da criança adotada. Atividade semanal do caderno de pais Questionário de avaliação do impacto imediato da sessão.
Encontro 2 (Online- sugestão)	Fortalecimento de vínculo. Acompanhamento da atividade de casa. Psicoeducação sobre violência, seus tipos e consequências no desenvolvimento infantil.	Trazer os conceitos de violência, quais são e consequências no desenvolvimento infantil. Focar nos fatores de proteção e necessidades emocionais básicas. Psicoeducar sobre o trauma da devolução.	Vídeo: Vida Maria Slide com material psicoeducativo sobre violência. Atividade semanal Questionário de avaliação do impacto imediato da sessão
Eixo II – Parentalidade, como é a minha?			
Encontros	Temas	Intervenções	Materiais a serem utilizados
Encontro 3 (Presencial- sugestão)	Acompanhamento da atividade de casa.	Dinâmicas com o tema da parentalidade. Sugestão - “Do meu ou do seu jeito”; “testando estilos parentais”	Folhas A4 Atividade semanal

	Construção da noção de parentalidade através da história pregressa do participante.	Construção da história de vida dos pais	Questionário de avaliação do impacto imediato da sessão
Encontro 4 (Online- sugestão)	Facilitação dos conceitos de estilos parentais.	Dinâmicas sobre a parentalidade. Sugestão- “As duas listas” (Nelsen, 2015); “E aí, topa ser qual bicho? ” Psicoeducação através de <i>slides</i> sobre estilos parentais, quais são e como deixam consequências em nossa educação	Fotos de bichos e/ou bichos de plástico; quando online, utilizar o slide com imagens. Slide com material psicoeducativo. Folha A4 Atividade semanal. Questionário de avaliação do impacto imediato da sessão.
Eixo III – E aí, topa?			
Encontros	Temas	Intervenções	Materiais a serem utilizados
Encontro 5 (Presencial- sugestão)	Como lidar com: emoções sentidas, birras e sexualidade infantil.	Dinâmicas que auxiliem os pais a compreender que o foco é comportamento que modela. Sugestão: “Faça o que digo” (Loot; Nelsen, 2017) <i>Role play</i> com apoio da dinâmica “Pais ajudam pais” focados em emoções, birras e sexualidade (adaptada de Nelsen, 2015).	Hipóteses de situações a serem vivenciadas no <i>role play</i> Atividade semanal Questionário de avaliação do impacto imediato da sessão
Encontro 6 (Online- sugestão)	Como colocar regras, limites e lidar com questões raciais.	<i>Role play</i> com apoio da dinâmica Pais ajudam pais focados em regras, limites e questões raciais (adaptada de Nelsen, 2015).	Hipóteses de situações a serem vivenciadas no <i>role play</i> Atividade semanal Cartilha adoção interracial (NUFABE, 2023) Questionário de avaliação do impacto imediato da sessão
Encontro final (Presencial- sugestão)	Avaliação dos encontros. Aplicação do inventário de estilos parentais.	Dinâmicas que envolvam a finalização do grupo e promovam o feedback sobre os encontros. Sugestões: “raízes e asas”; nuvem de palavras e “o troféu vai para”	Folha A4 - quando online slide com árvore e borboleta; slides para “o troféu vai para” Formulário de finalização Inventário de estilos parentais Lanche de confraternização

Fonte: Elaboração própria

3.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do Treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos (TOPA) insere-se no esforço de construção de estratégias interventivas que articulem produção científica, prática profissional e marcos legais voltados à garantia dos direitos das crianças. O caráter preventivo constitui um de seus principais eixos estruturantes, na medida em que se propõe a intervir antes da cristalização de práticas parentais disfuncionais, do enfraquecimento dos vínculos afetivos e da ocorrência de rupturas familiares. Tal perspectiva encontra respaldo nos princípios da proteção integral preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como nas diretrizes da Lei da Convivência Familiar e Comunitária e da Lei da Parentalidade Positiva, que reafirmam a responsabilidade compartilhada entre família, Estado e sociedade na promoção de contextos seguros, acolhedores e não violentos para o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, o TOPA alinha-se às políticas públicas ao compreender que o cuidado e a proteção da criança passam, necessariamente, pelo cuidado e pelo suporte contínuo às famílias.

A delimitação da primeira infância como recorte etário do treinamento foi sustentada por evidências científicas e normativas que reconhecem esse período como uma fase de elevada plasticidade neural, intensa organização dos vínculos afetivos e consolidação de habilidades emocionais, cognitivas e sociais fundamentais para o desenvolvimento humano. Intervir nesse momento do ciclo vital mostra-se estratégico, especialmente no contexto da adoção, em que a construção dos vínculos parento-filiais ocorre a partir de histórias pregressas frequentemente marcadas por rupturas, negligências e experiências adversas. Assim, ao investir na orientação parental nesse período, o TOPA busca atuar como fator de proteção, favorecendo a vinculação, a segurança emocional e a prevenção de trajetórias de risco.

Importa destacar que o TOPA não se configura de natureza exclusivamente clínica ou restrito ao atendimento individualizado. Ao contrário, trata-se de uma proposta de intervenção psicossocial que dialoga com a lógica da atuação em rede, reconhecendo a parentalidade adotiva como um fenômeno atravessado por múltiplos sistemas. Família, sistema de justiça, serviços da rede socioprotetiva, políticas de saúde e assistência social, bem como os Grupos de Apoio à Adoção, constituem contextos interdependentes no processo de preparação, acompanhamento e sustentação das famílias adotivas. Nesse sentido, o treinamento pode ser compreendido como uma ferramenta complementar às ações institucionais já previstas em lei, contribuindo para qualificar práticas, fortalecer vínculos e ampliar a efetividade das políticas públicas voltadas à infância e à família.

Os objetivos propostos na criação do TOPA foram alcançados no que se refere à sua concepção, organização teórica e estrutura metodológica, ainda que parte deles dependa da aplicação empírica para avaliação de seus impactos. O formato flexível/híbrido, com possibilidade de execução presencial, online ou híbrida, o número reduzido de encontros e o uso de metodologias ativas — como psicoeducação, dinâmicas de grupo e *role play* — foram pensados de modo a favorecer a adesão dos participantes e possibilitar sua implementação em diferentes contextos institucionais e territoriais.

Ressalta-se que o TOPA não pretende esgotar as possibilidades de orientação parental, tampouco promover mudanças normativas ou imediatas nas práticas educativas dos participantes. Sua proposta centra-se na ampliação do repertório parental, no fortalecimento da função cuidadora e na construção de uma parentalidade adotiva mais consciente, reflexiva e responsiva, respeitando a singularidade das trajetórias familiares e o caráter processual da constituição dos vínculos. A adoção é compreendida, neste estudo, como um percurso que demanda investimento afetivo, elaboração subjetiva e suporte institucional contínuo, sendo, apesar de seus desafios, um potente espaço de reconstrução de pertencimentos e de produção de novas formas de filiação.

Por fim, reconhecem-se as limitações do presente estudo, especialmente no que se refere ao recorte etário da primeira infância, uma vez que os maiores índices de devolução concentram-se nas adoções tardias. Como desdobramentos futuros, sugere-se a ampliação do TOPA para outras etapas do desenvolvimento, bem como sua aplicação e avaliação empírica em diferentes contextos da rede socioprotetiva, a fim de investigar seus efeitos sobre práticas parentais, fortalecimento de vínculos e prevenção de rupturas familiares. Ainda assim, o TOPA apresenta-se como uma contribuição relevante para o campo da parentalidade adotiva, ao articular conhecimento científico, prática profissional e políticas públicas na defesa do direito à convivência familiar e ao desenvolvimento integral na infância.

3.5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology**, v. 4, n. 1, 1971.

BOLSONI-SILVA, A.; LOUREIRO, S. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia**, v. 21, n. 48, p. 61-71, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100008>>.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.010, de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 ago. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 mar. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm. Acesso em: 27 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024. Dispõe sobre a Parentalidade positiva e o direito de brincar. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, DF. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14826.htm. Acesso em: 22 jun. 2024.

BREITENSTEIN, S.; GROSS, D.; FOGG, L.; RIDGE, A.; GARVEY, C.; JULION, W.; TUCKER, S. The Chicago Parent Program: comparing 1-year outcomes for African American and latino parents of young children. **Research in Nursing & Health**, v. 35, n. 5, p. 475-489, 2012.

CANTINI, A. A proteção dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. *Revista Sociais e Humanas*, v. 21, n. 2, p. 69-76, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/761/0>.

DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as a context: an integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 3 p. 487-496, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>.

GALHEIGO, Sandra. O abrigo para crianças e adolescentes: considerações acerca do papel do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 85-94, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13921> . Acesso em: 22 jun. 2024.

GOES, A. **(Des)caminhos da adoção: a devolução de crianças e de adolescentes em famílias adotivas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais – Modelo Teórico**: manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes, 2006.

GONDIM, A.; CRISPIM, C.; FERNANDES, F.; ROSENDO, J.; BRITO, T.; OLIVEIRA, U.; NAKANO, T. Motivação dos pais para a prática da adoção. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 161-170, 2008.

GUSMÃO, M.; CAMINHA, R. **Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil**. 2 ed. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2022.

HOFFMAN, M. Moral Internalization, parental power, and the nature of parent child interaction. **Developmental Psychology**, v. 11, n. 2, p. 228–239, 1975. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0076463>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

JOBES-SHIELDS, L.; MORELAND, A.; HANSON, R.; DUMAS, J. Parent–child automaticity: links to child coping and behavior and engagement in parent training. **Journal of Child and Family Studies**, v. 24, n. 7, p. 2060-2069, 2015. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-014-0007-4>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MACÊDO, L. A dinâmica perversa na adoção: interrogando sobre filiação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, n. 17, v. 3, p. 696-705, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n3-Suppl.p696.11>>.

MARIN, A.; MARTINS, G.; FREITAS, A.; SILVA, I.; LOPES, R.; PICCININI, C. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 123-132, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MEDEIROS, I. **Violência intrafamiliar**: um estudo a partir da perspectiva dos profissionais da rede socioprotetiva de Mesquita/RJ – Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

MEDEIROS, I; PEIXOTO, A.C. Revisão integrativa da literatura sobre estilos parentais de famílias abusivas e violência intrafamiliar. In: FINELLI, L.; SOARES, W. **Revisão bibliográfica**: o uso da metodologia para produção de textos. Guarujá: Científica Digital, 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **31º Censo da População Infantojuvenil Acolhida no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: MPRJ, 2023.

MURTA, S. A prática de grupoterapia sob o enfoque psicoeducativos: uma introdução. In: MURTA, S. **Grupos psicoeducativos**: aplicações em múltiplos contextos. Goiânia: Porã Cultural, 2008.

NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva**. Barueri: Manole, 2015.

NÚCLEO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM FAMÍLIAS COM BEBÊS E CRIANÇAS. **Vamos falar sobre adoção inter-racial?** 2023. Recuperado de: <<https://www.ufrgs.br/nufabe/cartilhas/>>.

OLIVEIRA, J.; ALVARENGA, P. Efeitos de uma intervenção com foco nas práticas de socialização parentais sobre os problemas internalizantes na infância. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 17, n. 2, p. 16-32, 2015. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-869611>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

RIZZINI, I. Crianças e menores do pátrio poder ao pátrio dever: um histórico da legislação para a infância no Brasil. In: RIZZINI, I.; PILOTTI, F. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Ed. 2. São Paulo: Cortez, p. 96-149, 2009.

RIZZINI, Irene.; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

ROBERTI JUNIOR, J.P. Evolução jurídica do direito da criança e do adolescente no Brasil. **Revista da UNIFEBE**, v. 1 n. 10, p. 105-122, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/7>>

SCHMIDT, B.; STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 1, p. 01-18, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100002>. Acesso em: 22 jun. 2024

SCHMITT, F.; ARPINI, D.; KOSTULSKI, C. Percepções de participantes de um grupo de apoio à adoção acerca desta experiência. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 1, p. 152-173, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SEABRA-SANTOS, M.; GASPAR, M.; AZEVEDO, A.; HOMEM, T.; GUERRA, J.; MARTINS, V.; LEITÃO, S.; PIMENTEL, M.; ALMEIDA, M. MOURA-RAMOS, M. Incredible Years parent training: what changes, for whom, how, for how long? **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 44, p. 93-104, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.04.004>>.

SEQUEIRA, V. C.; STELLA, C. Preparação para a adoção: grupo de apoio para candidatos. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, n. 01, v. 16, p. 69-78, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000100006>.

SILVA, L.; NUNES, C.; ALMEIDA, A. S. Complexidade da concepção de parentalidade em famílias adotivas. **Revista Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 198-201, 2017.

SILVA, M.; ARPINI, D.; POLLI, R. Conversando sobre adoção: promovendo o diálogo através de uma cartilha. **Anais do XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão Responsabilidade socioambiental**. Santa Maria, 2010.

SILVA, P.; COMERLATO, L.; WENDILING, M.; FRIZZO, G. Fatores que influenciam a transição para a parentalidade adotiva: uma revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, v. 11, n.3, p. 319-334, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.4013/ctc.2018.113.04>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUSA, M.; CRUZ, O. A relação entre as representações acerca das figuras parentais e as competências sociais em crianças maltratadas e não maltratadas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-3772e322224>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

TAVARES, P. S. A Política de Atendimento. In: MACIEL, K. **Curso de Direito da Criança e do Adolescente**: aspectos teóricos e práticos. 4 ed. Rio de Janeiro: Lúmen Júris Editora, p. 297-351, 2010.

VIEIRA, J. **Os filhos que escolhemos**: discursos e práticas da adoção em camadas médias. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

WEBER, L. **Filhos adotivos, pais adotados**: depoimentos e histórias de escolhas. Curitiba: Gráfica Capital, 2007.

4. ESTUDO 3: APLICAÇÃO DO TREINAMENTO DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS ADOTIVOS NO PÓS-ADOÇÃO

RESUMO

Apesar do processo legal estruturado para a adoção no Brasil, observa-se a fragilidade de políticas públicas contínuas de apoio às famílias no período pós-adoativo, o que pode contribuir para rupturas no vínculo e para a devolução de crianças. Este estudo teve como objetivo descrever a aplicação do Treinamento de Orientação para Pais Adotivos (TOPA) como intervenção psicoeducacional voltada ao fortalecimento da parentalidade adotiva. Utilizou-se uma abordagem de métodos mistos, por meio de pesquisa exploratória de natureza qualitativa e quantitativa, realizada com seis pais adotivos. O treinamento ocorreu de forma online, em encontros semanais, com a utilização de questionário sociodemográfico, Inventário de Estilos Parentais (IEP) nos momentos pré e pós-intervenção e instrumento de avaliação do impacto imediato das sessões, além de atividades psicoeducativas e vivenciais em grupo. Os resultados qualitativos indicaram aumento da segurança parental, maior compreensão do desenvolvimento infantil, das necessidades emocionais básicas e dos estilos parentais, bem como percepção positiva do espaço grupal como ambiente de acolhimento e troca de experiências. Os resultados quantitativos evidenciaram tendência de elevação dos escores do IEP no pós-TOPA, com deslocamento dos percentis para faixas classificadas como “bom” e “ótimo”, indicando ampliação da predominância de práticas parentais positivas e redução de práticas negativas, especialmente em dimensões relacionadas à monitoria e ao comportamento moral. Conclui-se que o TOPA constitui uma estratégia promissora de apoio às famílias adotivas, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos parentais. Os achados reforçam a necessidade de ações contínuas de orientação no período pós-adoativo, visando à prevenção de rupturas e à promoção da proteção integral da infância.

Palavras chave: Adoção; Educação Parental; Relações Pais-Filho

APPLICATION OF THE PARENT GUIDANCE TRAINING FOR ADOPTIVE PARENTS IN THE POST-ADOPTION PERIOD

ABSTRACT

Despite the structured legal process for adoption in Brazil, there is a lack of continuous public policies to support families in the post-adoption period, which may contribute to disruptions in bonding and to the return of children and adolescents. This study aimed to describe the implementation of the Training Program for Adoptive Parents (TOPA) as a psychoeducational intervention focused on strengthening adoptive parenting. To this end, a mixed-methods approach was adopted through an exploratory study with qualitative and quantitative components, conducted with six adoptive parents. The program was delivered online in weekly sessions, using a sociodemographic questionnaire, the Parenting Styles Inventory, and an instrument to assess the immediate impact of the sessions, in addition to psychoeducational and experiential group activities. Participants reported increased parental confidence, greater understanding of child development and parenting styles, as well as a positive perception of the group setting as a space for support and exchange of experiences. The collective dimension proved to be a protective factor in the process of adapting to adoptive parenting. It is concluded that TOPA represents a promising strategy to support adoptive families, contributing to the strengthening of parental bonds. The findings reinforce the need for continuous guidance and

support actions in the post-adoption period, aiming to prevent disruptions and to promote comprehensive child protection.

Keywords: Adoption; Parent Education; Parent-Child Relations.

4.1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o processo de adoção é regulamentado pelo Estado e envolve uma série de etapas rigorosas, com o objetivo de garantir que a adoção seja realizada de acordo com o melhor interesse da criança ou adolescente (Brasil, 1990; Brasil, 2009). Após a habilitação dos pretendentes, realizada dentro dos parâmetros estabelecidos, os candidatos passam a integrar o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNAA). Esse sistema é responsável por conectar as crianças e os postulantes à adoção, com base nas características e preferências previamente definidas durante o processo de habilitação (Resolução nº 289, de 14 de agosto de 2019). Quando ocorre essa conexão, o processo segue com uma aproximação assistida, onde a criança e os pretendentes se encontram em encontros e passeios supervisionados. Se essa fase for bem-sucedida, inicia-se o estágio de convivência, onde a criança é inserida na nova realidade familiar por um período de 90 dias, renovável por mais 90 dias, até que a adoção seja efetivada por meio de uma sentença judicial.

No entanto, apesar do suporte legalmente oferecido até a adoção, observa-se que, uma vez que o processo é finalizado, o apoio aos pais adotivos diminui consideravelmente, especialmente no pós-adoção. As famílias, nesse período de transição, enfrentam inúmeros desafios relacionados à adaptação à parentalidade adotiva, e ainda há uma carência significativa de serviços contínuos de apoio, como psicoterapia, grupos de apoio ou acompanhamento social. Esse vazio de suporte contribui para o aumento de dificuldades no estabelecimento de vínculos duradouros e pode culminar, em alguns casos, na devolução das crianças, como apontado por diversas pesquisas (Silva, 2018). Portanto, é crucial que os serviços de apoio no pós-adoção sejam estruturados de forma a oferecer acompanhamento contínuo, promovendo a saúde mental das famílias adotivas e garantindo uma adaptação mais segura e saudável para todos os envolvidos.

Como possível consequência da ausência de suporte contínuo no pós-adoção, muitas crianças e adolescentes acabam sendo devolvidos às instituições ou ao sistema de acolhimento. É importante destacar que o termo “devolução” não possui reconhecimento jurídico formal, uma vez que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adoção é considerada irrevogável (Brasil, 1990). No entanto, dados do “Diagnóstico sobre a devolução

de crianças e adolescentes em estágio de convivência e adotadas”, publicado pelo CNJ em 2024, mostram que, entre 2019 e 2023, 2.198 crianças registraram pelo menos um evento de devolução no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNAA). Em alguns casos (1,5%), a mesma criança apresentou mais de um evento de devolução (CNJ, 2024).

As ocorrências mais frequentes ocorreram durante o período de guarda provisória, totalizando 1.665 registros. O diagnóstico também apontou perfis de maior risco: crianças que fazem parte de grupos de irmãos apresentam taxa de rompimento de 13% a cada 100 adoções; crianças com deficiência têm o dobro de risco de devolução; e o tempo de acolhimento anterior também influencia, de modo que quanto maior o período em instituições, maior a probabilidade de devolução. Outro fator relevante é a idade, já que 67% das devoluções envolvem crianças com mais de seis anos, enquadrando-as na categoria de adoção tardia. Segundo a cartilha “Passo a passo para a adoção” da Associação dos Magistrados Brasileiros (2014), considera-se adoção tardia aquela que ocorre a partir dos dois anos de idade até a adolescência. Esses dados evidenciam a necessidade urgente de estratégias de apoio contínuo e intervenções preventivas voltadas à parentalidade adotiva, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade, como crianças mais velhas, com irmãos ou com necessidades especiais.

Alguns estudos apresentam motivos para a devolução. Os mesmos são os mais diversos e passam por questões como: a presença de problemas emocionais e comportamentais da criança; falta de apoio social, em especial da família extensa; expectativas irreais sobre o filho que envolviam a crença sobre a criança ter instrumentos para lidar consigo mesma; dificuldades de adaptação de ambas as partes e por conflitos que se revelam na formação do novo vínculo; desobediência e rebeldia; dificuldade com a agressividade da criança (Weber, 1999; Paiva, 2004; Levy; Diuana; Pinho; Faria, 2009; Nuttal; Valentino; Borkowku, 2012). No diagnóstico apresentado pelo CNJ (2024) dados também são apresentados, o mesmo afirma que há uma multifatorialidade no processo, ou seja, a idade e o comportamento da criança ou do adolescente contribuem para a devolução, mas não são os únicos. Acrescentados a esses são apontados a falta de preparo dos pretendentes, a idealização da adoção, a falta de apoio da rede de proteção e outras características individuais de cada caso.

É necessário lembrar que a devolução configura uma forma de violência e, portanto, pode afetar a autoestima da criança/adolescente, além de intensificar dificuldades comportamentais e emocionais e comprometer seus relacionamentos. Até o momento, não foram identificados, no contexto das pesquisas realizadas no Brasil, dados sistematizados sobre o número de crianças que passaram por devolução e posteriormente conseguiram inserção em uma nova família adotiva.

Entretanto, ao analisarmos o perfil dessas crianças, observa-se que, em geral, a devolução ocorre em idades mais avançadas, o que já constitui, por si só, um fator que dificulta novas possibilidades de adoção. Somado a isso, o estigma associado à “criança devolvida” tende a reduzir ainda mais suas chances de inserção em outra família. Essa dinâmica evidencia a permanência de lógicas sócio-históricas profundamente enraizadas no contexto brasileiro, desde o período colonial, nas quais práticas de exclusão, institucionalização e circulação de crianças se reproduzem, sob novas configurações, em certa simetria com processos historicamente vivenciados no país.

De modo semelhante, a sociedade brasileira mantém processos estruturais de vulnerabilização que atingem de forma mais intensa a população negra e em situação de pobreza. Esse cenário reforça a urgência de políticas públicas específicas voltadas à população infantojuvenil negra e institucionalizada, considerando as desigualdades históricas que atravessam suas trajetórias. Oferecer suporte e orientação às famílias adotivas é fundamental para que compreendam a dimensão e a responsabilidade de seu papel na vida dessas crianças e adolescentes. A ausência de acompanhamento e apoio adequado pode contribuir para o risco de devolução, perpetuando um ciclo de violência e aprofundando marcas emocionais e sociais já existentes.

Em uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional, abrangendo publicações entre 1968 e 2016, as autoras Rossato e Falcke (2017) identificaram as principais causas de devolução no contexto adotivo. Ao focalizarem a dimensão da parentalidade, observaram que alguns dos motivos relatados pelos pais incluíam: dificuldades em lidar com as diferenças e tolerar frustrações; incapacidade de manejar ou conter a agressividade da criança; e expectativas idealizadas ou infundadas acerca da família. Além disso, a falta de preparo para compreender e enfrentar questões relacionadas à história pregressa da criança, bem como o desconhecimento sobre desenvolvimento infantil, exercício da parentalidade e estratégias adequadas de manejo em situações desafiadoras, mostraram-se fatores que podem impulsionar o processo de devolução.

Como forma de manejo para estas diversas questões, o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (Brasil, 2025), é o instrumento norteador mais atual no cenário brasileiro. De forma específica, o eixo cinco intitulado "Adoção Legal, Segura e Centrada no Superior Interesse da Criança e do Adolescente", reafirma a adoção como uma medida protetiva excepcional e irrevogável. Este eixo orienta que o processo adotivo deve superar a visão adultocêntrica, garantindo o protagonismo e a escuta qualificada da criança e do adolescente, respeitando seu estágio de desenvolvimento e sua história de vida. Entre suas diretrizes

fundamentais, destacam-se o aprimoramento da entrega protegida e o estímulo às "adoções necessárias", voltadas a perfis como grupos de irmãos, crianças maiores e com deficiência. Para consolidar vínculos afetivos definitivos e prevenir desistências, o Plano estabelece a necessidade de estruturar o acompanhamento contínuo no pós-adoção. Essa estruturação baseia-se no fortalecimento das parcerias entre o Sistema de Justiça, os Grupos de Apoio à Adoção (GAA) e as redes públicas de saúde e assistência social, assegurando que os novos núcleos familiares tenham acesso prioritário a suporte psicossocial especializado para enfrentar os desafios da convivência.

Partindo dessas considerações teóricas, o presente estudo tem como objetivo descrever a aplicação de um treinamento de orientação parental para pais adotivos, com foco na primeira infância, denominado TOPA — Treinamento de Orientação para Pais Adotivos.

4.2. MÉTODO

Este estudo adotou como método a pesquisa exploratória, apropriada quando o tema investigado ainda foi pouco explorado na literatura. A pesquisa exploratória é desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fenômeno, buscando identificar “padrões, ideias ou hipóteses, em vez de testar ou confirmar uma hipótese” (Collis; Hussey, 2005, p. 24). Isso ocorre porque, nesse tipo de delineamento, procura-se aprofundar a compreensão do tema, tornando-o mais claro e delimitado. Assim, trata-se de uma abordagem orientada à descoberta, voltada à ampliação do conhecimento e à construção de possíveis caminhos investigativos futuros.

4.3. PARTICIPANTES

Neste estudo participaram seis pais, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, todos se identificando como cisgêneros. Apenas uma participante era mãe solo, enquanto os demais estavam casados em uniões heterossexuais. Quanto à autodeclaração racial, a maioria dos participantes se identificou como preta ou parda, e apenas uma pessoa se declarou branca. Em relação à escolaridade, quatro participantes possuíam pós-graduação, um era graduado e um tinha o ensino médio completo. Nenhum dos participantes possuía filhos biológicos, e a idade das crianças adotivas variava de 0 a 4 anos. Foram incluídos no estudo pais que haviam realizado a adoção de forma legal no Brasil, não haviam participado de nenhum

tipo de treinamento parental e demonstravam interesse em trabalhar sua parentalidade e/ou estavam enfrentando desafios relacionados ao comportamento de seus filhos.

4.4. INSTRUMENTOS

Alguns instrumentos compuseram a organização metodológica da pesquisa.

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE): O TCLE é um documento essencial que assegura os direitos dos participantes da pesquisa. Ele contém informações detalhadas que permitem ao indivíduo compreender os benefícios e os possíveis riscos de sua participação no estudo. Constitui, portanto, uma proteção legal e ética tanto para os participantes quanto para os pesquisadores, pois representa a manifestação clara de concordância em participar da pesquisa. Ao assinar o termo, o participante confirma ainda que sua participação é voluntária e que está contribuindo de forma consciente para o desenvolvimento do estudo (Apêndice A).

Questionário sociodemográfico: O Questionário Sociodemográfico tem como objetivo coletar informações que permitam uma caracterização detalhada da amostra. Ele inclui questões sobre gênero dos participantes, idade, escolaridade, situação profissional, estado civil, etnia, presença de filhos biológicos ou adotivos, histórico de diagnóstico de infertilidade e tratamentos médicos relacionados, tempo de gestação (na versão destinada a gestantes e/ou cônjuges) e tempo de candidatura à adoção (na versão destinada a candidatos à adoção), bem como os motivos para a adoção (Apêndice D).

Inventário de Estilos Parentais (pré e pós): O Inventário de Estilos Parentais (IEP) foi desenvolvido por Gomide com o objetivo de avaliar práticas parentais tanto sob a perspectiva dos pais quanto pela percepção das crianças. Em 2021, a autora revisou o modelo, ampliando seu uso para outros profissionais e possibilitando a criação de uma versão online (Gomide, 2021). O inventário tem como finalidade identificar práticas parentais associadas ao surgimento de comportamentos antissociais, bem como aquelas que favorecem comportamentos pró-sociais (Gomide, 2021). Ele é composto por 42 questões, distribuídas entre sete práticas parentais, com seis questões relacionadas a cada prática. As respostas são registradas em uma escala Likert de três pontos: nunca, às vezes e sempre. A interpretação dos resultados deve ser realizada com base na tabela normativa do IEP (Gomide, 2021).

Instrumento de Avaliação do Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008): Trata-se de um questionário de autoaplicação destinado a avaliar como o participante de uma intervenção específica, realizada em grupo ou individualmente, percebeu sua experiência após a aplicação.

O instrumento é composto por 24 afirmativas, com respostas em uma escala de 1 a 3, em que 1 significa “não aconteceu comigo”, 2 corresponde à “aconteceu comigo um pouco” e 3 indica “aconteceu comigo bastante” (Apêndice E).

TOPA: O TOPA, que integra o Estudo 2 desta tese, foi estruturado a partir de uma abordagem psicoeducacional. Ele reúne os participantes em grupos, com o objetivo de integrar informações educativas, promover interações interpessoais e favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades por meio da troca de experiências. Como suporte aos encontros, o treinamento dispõe de um caderno do participante, destinado aos pais, e de um caderno do aplicador, que orienta a condução das sessões e o manejo dos conteúdos.

4.5. QUESTÕES ÉTICAS

Esta pesquisa foi conduzida em conformidade com os requisitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e suas normas complementares, que estabelecem diretrizes e regulamentações para pesquisas envolvendo seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por meio do parecer nº 7.233.813. Os pesquisadores se comprometeram a utilizar os dados pessoais dos participantes exclusivamente para fins científicos, garantindo sigilo e assegurando que as informações não seriam utilizadas de forma a prejudicar os indivíduos ou as comunidades envolvidas.

4.6. PROCEDIMENTOS

Após a aprovação pelo comitê de ética, iniciaram-se conversas e reuniões de apresentação do estudo junto à rede socioprotetiva da Baixada Fluminense, incluindo o município de Niterói, além da divulgação por meio das redes sociais, por meio de uma chamada aberta a interessados em participar. As reuniões ocorreram com as equipes da Vara da Infância, da Juventude e do Idoso de Nova Iguaçu, com casas de acolhimento do mesmo município, com a equipe da ONG “Quintal de Ana”, que atua com pais em processos de pré ou pós-adoção, e com a equipe do programa “Família Acolhedora”, também em Nova Iguaçu. Essas instituições tiveram papel fundamental na divulgação do treinamento.

Entretanto, não foi possível tornar a participação no TOPA obrigatória ; em todos os momentos, a participação foi recomendada e amplamente divulgada. Da mesma forma, a divulgação pelas redes sociais mostrou-se estratégica, permitindo que interessados de outros

municípios e até de outros estados tomassem conhecimento do treinamento. Enquanto o treinamento era divulgado, foi disponibilizado um link para triagem via formulário online (Apêndice D), por meio do qual os pais foram selecionados para participação. Após essa etapa, foi realizado o primeiro contato com todos os respondentes, com o objetivo de confirmar o interesse em participar, definir os dias e horários mais adequados para os encontros e apresentar novamente o TOPA, detalhando seus eixos e tópicos a serem trabalhados.

Após a confirmação de participação, os pais foram orientados a preencher a documentação necessária, estruturada para execução totalmente online. Contudo, surgiram dificuldades no procedimento: houve atrasos na entrega dos documentos, desafios no preenchimento do Inventário de Estilos Parentais e, devido à rotina familiar, alguns participantes não retornavam com a documentação. Para contornar essas questões, foram realizados lembretes diários e fornecido auxílio individual no preenchimento. Concluída a etapa de preenchimento e assinatura de todos os instrumentos, foi criado um grupo no WhatsApp, no qual foram apresentados novamente os detalhes sobre os encontros, lembrados os dias e horários, e aberto espaço para esclarecimento de dúvidas.

4.7. RESULTADOS E DISCUSSÃO DA APLICAÇÃO DO TOPA

A aplicação do treinamento ocorreu entre julho de 2025 e setembro de 2025, sendo realizada de forma semanal e online ao longo de sete semanas. Os dias e horários dos encontros foram definidos por meio de votações realizadas no grupo de WhatsApp.

1º Encontro

O objetivo deste primeiro encontro foi facilitar a vinculação inicial dos pais tanto com os demais participantes quanto com os facilitadores, além de iniciar a psicoeducação sobre o desenvolvimento infantil, orientando sobre comportamentos esperados e não esperados. Nesse encontro, foram priorizadas dinâmicas de apresentação, utilizadas em intervenções em grupo para promover o conhecimento mútuo entre os integrantes (Neufeld *et al.*, 2017).

A dinâmica “Crie sua camisa” (Apêndice G) proporcionou aos participantes a oportunidade de compartilhar gostos e interesses, além de destacar suas expectativas em relação ao treinamento. A pergunta central dessa atividade foi: “O que você deseja aprender com o TOPA?”

Lidar com situações estressantes e os traumas das crianças. (Participante 1)

Quero aprender a ser uma boa mãe para minha filha. (Participante 2)

Compartilhar com pessoas que vivem a mesma experiência do que eu sem ser julgada; além de aprender mais sobre a parentalidade. (Participante 3)

Participar deste projeto acho que vai agregar muito e trazer mais tranquilidade; eu preciso de um espaço com pessoas que passam pelas mesmas coisas do que eu e que possam dizer: calma, vai passar. (Participante 4)

A equipe que aplicou o treinamento descreveu sentimentos e desejos semelhantes ao grupo.

O grupo demonstrou grande disposição para a troca. Para os participantes, o TOPA foi compreendido como um espaço seguro de partilha, onde é possível encontrar pessoas que vivem ou já viveram situações semelhantes. Essa identificação criou uma atmosfera de confiança e abertura, essencial para o fortalecimento do grupo. (Facilitador 1)

Ouvimos deles muitas curiosidades e foi perceptível o quanto existiam gostos em comum quanto a esportes, livros e a resposta mais unânime foi em relação ao desejo de aprender no TOPA uma “parentalidade mais efetiva/pais melhores/pais que saibam lidar com as questões dos filhos”. Em suma, eles têm o desejo de melhorar como pais. Fiquei muito confortável com este momento, podemos sorrir, compartilhar e todos trocamos. (Facilitador 2)

Essas falas reforçam a oportunidade que o trabalho em grupo traz em relação à aprendizagem e acolhimento de questões e comportamentos dentro da parentalidade. Acalmar inseguranças e receios são considerados benefícios do processo, além de discutir desafios relacionados à adoção pode ser fundamental para a melhor adaptação familiar, o que pode prevenir situações de devolução (Balbino *et al.*, 2015; Morelli *et al.*, 2015). Destaca-se que os participantes demonstraram estar dispostos a aprender e solicitar ajuda, e esse fator demonstra melhores condições para o sucesso da adoção (Hoghughi, 2004; Resmini, 2018).

Para introduzir questões do desenvolvimento infantil, foi proposta a atividade “É mito ou verdade” (Apêndice G). Através de afirmações, o grupo precisava, em comum acordo, afirmar ou refutar questões do desenvolvimento infantil de uma criança adotada. O grupo demonstrou boa compreensão sobre questões do desenvolvimento em geral; porém, a pergunta “Uma criança mais velha pode adaptar-se bem à adoção?!” gerou divergências.

Eu adotei 3 crianças em fases diferentes e todas as três possuem questões diferentes, com formas de apoio diferentes e formas de acolher. Cada um tem um jeito de ser e eu preciso trabalhar de forma diferente com eles. São fases diferentes e preciso trabalhar com eles de forma individual. (Participante 1)

Crianças mais velhas têm traumas da vida, alguns já foram até mesmo devolvidos e isso dificulta a vinculação com a família. (Participante 5)

Adotar crianças mais velhas depende muito mais dos pais do que da criança. Para a criança de adaptar somos nós que vamos precisar entender os seus traumas e questões. Criança é criança e vai se adaptar se você acolher. Isso pra mim depende muito mais de como elas são amadas. (Participante 4)

Crianças mais velhas entendem já melhor as coisas do mundo e por mais que a família esteja aberta com amor e carinho elas criam um bloqueio e isso impede que elas recebam esse amor da família, pra mim, quanto mais velha mais difícil é. (Participante 6)

Essas falas reacendem a discussão sobre os desafios e mitos que envolvem a adoção tardia. Estudos da revisão integrativa da literatura, como apontado por Morelli *et al.* (2015), indicam que grande parte dos mitos gira em torno da ideia de que crianças pequenas seriam mais “moldáveis” e, portanto, mais fáceis de adaptar à nova família, enquanto crianças mais velhas já carregariam traumas difíceis de serem superados. Esses achados corroboram os dados nacionais, que mostram que a faixa etária entre 6 e 12 anos concentra o maior número de devoluções no Brasil (CNJ, 2024). No entanto, a adoção não é uma ciência exata, e cada história de vida é única; o fator idade é apenas uma dimensão a ser considerada, não sendo determinante isolado para o sucesso ou fracasso da adoção. Durante o treinamento, uma das participantes trouxe sua experiência pessoal, demonstrando como vivenciar e compartilhar essas narrativas contribui para a reflexão coletiva, desmistificando preconceitos e fortalecendo a compreensão sobre a singularidade de cada criança e os desafios da parentalidade adotiva.

Ele chegou pra mim com um ano e dez meses... chegou muito pequeno, mas com traumas inimagináveis!!! Na primeira noite ele passou o tempo todo sem dormir, era um choro de desespero e dor. Eu não podia me afastar nem para beber água que ele chorava mais e mais. Fui eu que precisei entender, foi o meu comportamento que ajudou ele. Hora eu acalentava, hora eu chorava, hora eu conversava com ele, hora eu não falava nada e foi assim por muito tempo. As semanas foram terríveis e ele só tinha um ano e dez meses, precisei de muito amor e compreensão para lidar com a dor dele. Conversei muito com ele, mostrei muito a casa, falava o tempo todo: eu não vou embora, aqui é a sua casa. Foi terrível, mas passou. (Participante 4).

Cabe ressaltar que autores destacam a importância dessas temáticas serem trabalhadas em grupo, o que propicia a mudança de ideias estereotipadas sobre adoção, reduzindo consequentemente estigmas como é o caso da adoção tardia, além de serem ferramentas sobre questões futuras como divergências familiares (Sequeira; Stella, 2014; Scorsolini-Comin *et al.*, 2006; Morelli *et al.*, 2015; Fiorott *et al.*, 2019). Foi através desta compreensão prévia concebida

através da revisão integrativa que o TOPA foi construído. Neste mesmo encontro após estas questões os participantes receberam a psicoeducação sobre desenvolvimento infantil focando nos fatores da genética, ambiente e temperamento infantil, direcionando para o quanto os mesmos se auto influenciam e apresentando a importância das necessidades emocionais básicas que precisam ser supridas na infância (Paim; Rosa, 2016).

Eu já tinha escutado sobre temperamentos mas de um outro jeito..entender sobre isso é muito bom porque entendi que certas coisas são do temperamento em si. (Participante 3)

Ganhei meu dia hoje sabendo sobre essa questão das necessidades emocionais! A gente sabe que tem coisas que precisam ser dadas de forma física, mas nunca na questão emocional. Como aprendemos hoje, precisamos encher esses potinhos. (Participante 1)

Nesse encontro, o fortalecimento da parentalidade também se deu por meio do autoconhecimento proporcionado pela atividade *Big Five* (Apêndice G), que possibilitou aos participantes reconhecer aspectos de seu temperamento biológico. A atividade foi enviada como ponte entre os encontros, acompanhada do caderno de pais, incentivando a reflexão contínua. Ao final deste encontro, os participantes e facilitadores foram convidados a responder sobre como se sentiram, destacaram verbalmente a sensação de segurança, acolhimento e confiança proporcionada pelo grupo.

Eu achei que seria só mais um grupo de mais uma coisa..mas não! Eu aprendi muito hoje e é muito bom encontrar outras pessoas dispostas e abertas para tudo isso. (Participante 5)

Em suma, este primeiro encontro não foi apenas uma introdução ao projeto, mas uma verdadeira estação de escuta, afeto, aprendizado e desconstrução. Saí dali com a sensação de que há potência quando se constroi junto, quando se legitima a experiência, e quando se oferece teoria com afeto. O que está sendo cultivado vai além de habilidades parentais é a construção de uma rede de cuidado, reflexão e pertencimento. (Facilitador 3)

2º Encontro

Um dos objetivos do TOPA é psicoeducar pais adotantes sobre o desenvolvimento na primeira infância e como a violência pode afetar este o desenvolvimento pleno; logo, as temáticas abordadas tinham como cerne auxiliar nesta construção. A ponte entre encontros trouxe como proposta mais informações sobre desenvolvimento, formação da personalidade e o teste *Big Five* para autoconhecimento. Ao debater como grupo a informação mais relevante,

os participantes destacaram que a temática das birras foi essencial para a compreensão da dinâmica dos seus filhos; principalmente pelo fato de possuírem direcionamentos práticos.

Eu confesso que o que me chamou a atenção foi entender melhor a questão da birra. Meu filho está com quatro anos e tem muitos momentos que a birra acontece, então, ver o que fazer de forma prática foi muito bom. (Participante 5)

Às vezes é muito difícil saber o que fazer quando estamos ali na hora sabe? fica pior quando tem outras pessoas por perto porque sempre julgam.. quando elas sabem que ele é adotado parece que fica pior. Ter minimamente um direcionamento sobre o que posso fazer pra ajudar meu filho me deixou mais segura. (Participante 6)

Foi legal ver um material científico mostrando o que acontece no corpinho da criança. Às vezes a gente acaba pensando que eles só querem tirar mesmo a nossa paciência (risos); mas, aprendi que tá dentro do desenvolvimento e quem precisa se regular sou eu. (Participante 1)

A compreensão das fases do desenvolvimento infantil e de como lidar com comportamentos desafiadores, como a birra, é essencial para a proteção da família e para o sucesso das adoções. Essa percepção é corroborada pelo CNJ (2024), que, em seu relatório, aponta que questões comportamentais das crianças frequentemente contribuem para a devolução, e destaca que a falta de preparo dos adotantes é um fator crucial nesse processo. Muitos pais adotivos não compreendem o que é esperado em determinadas fases do desenvolvimento infantil ou não sabem como reagir de maneira adequada quando surgem dificuldades. Nesse contexto, o treinamento oferecido pelo TOPA, que combina psicoeducação e uma abordagem passo a passo, se mostra uma ferramenta assertiva, proporcionando aos pais adotivos as ferramentas necessárias para lidar com os desafios da parentalidade de forma mais consciente e eficaz.

Além disso, durante o treinamento, os participantes foram convidados a refletir sobre suas próprias histórias de desenvolvimento, em uma proposta de reflexão sobre uma influência positiva que marcaram suas vidas. Essa dinâmica foi projetada para estimular a metacognição, ajudando os pais a refletirem sobre suas trajetórias e seus aprendizados. A sensibilização para o momento da psicoeducação sobre a violência também foi uma parte importante do encontro. Nesse processo, muitos participantes se emocionaram ao relembrar suas famílias, que possuíam diversas formações, mas que eram marcadas por vínculos genuínos. Para eles, essas experiências familiares passaram valores importantes, os quais desejam transmitir para seus próprios filhos adotivos. Esse tipo de reflexão não apenas fortalece o vínculo entre pais e filhos,

mas também contribui para o fortalecimento da parentalidade adotiva ao promover uma visão mais reflexiva e empática sobre os desafios e as possibilidades desse processo.

Ao abordar a temática violência, o vídeo “Vida Maria” trouxe a transgeracionalidade do fenômeno como objetivo de sensibilizar sobre a questão e abrir um espaço de trocas. Os participantes, por sua vez, expressaram sentimentos divergentes.

Eu me senti livre ao ver o vídeo...porque no filme vimos muitas Marias que não puderam expressar suas emoções, compartilhar quem eram. Lá em casa existia sim a dificuldade com algumas coisas, mas pra mim a violência não era uma dessas coisas. (Participante 4)

Pra mim foi muito difícil ver o vídeo porque lembrei muito da minha história de negligência e do quanto eu lutei e luto para não repetir mais uma vez essa história.(Participante 6)

Essas questões foram direcionadas e acolhidas com a psicoeducação sobre a violência, onde nomeamos, compreendemos as consequências e abordamos fatores de risco e proteção, trazendo como foco a reflexão de que mesmo quando a violência já tenha sido experienciada a família pode ser fator de proteção. O ponto focal nesse momento foi proporcionar um espaço de escuta e compreensão sobre o ato da devolução. Ao serem perguntados “Devolução é violência?” os participantes agregaram.

Eu acho que é sim! Se eu tivesse gerado eu devolveria para quem? Pra mim é uma violência emocional muito grave. (Participante 3)

Eu acho que é uma violência sim! Acho que na verdade talvez até seja por falta de preparo dos adotantes. É aquilo que a Participante 3 acabou de falar; se você tem filho biológico, você devolve? Pra mim não deveria nem ter essa opção. (Participante 4)

Eu acho que muita gente entra pra fila pensando que vai achar o filho perfeito e não se preparam para uma criança real que tem uma história antes de tudo... fico triste em pensar que ela mais uma vez sofre essa violência que acabamos de aprender mais aqui. (Participante 6)

O compartilhamento realizado pelos participantes durante o treinamento confirma as observações do CNJ (2024), que identificam a falta de preparo como um dos principais fatores para a devolução de crianças e adolescentes. Os relatos dos participantes evidenciam que tanto os pais adotivos quanto as equipes técnicas envolvidas reconhecem a falta de conhecimento adequado sobre o desenvolvimento infantil, a história de vida pregressa das crianças e como

lidar com as demandas emocionais e comportamentais dessas crianças como fatores contribuintes para a devolução.

A conscientização dos participantes sobre essas questões, promovida pelo treinamento, pode ser considerada um fator protetivo importante, ajudando a fortalecer a capacidade dos pais adotivos em lidar com as dificuldades que surgem ao longo do processo de adoção. A sensibilização do grupo para a complexidade emocional e comportamental dos filhos adotivos mostrou-se um passo crucial para o fortalecimento do vínculo familiar, prevenindo a ruptura do processo.

Ao final do encontro, os participantes foram convidados a refletir sobre a questão: “Qual a marca deixada?”. Este momento propiciou um espaço para os participantes compartilharem suas marcas emocionais e refletirem sobre as marcas que desejam deixar para seus filhos. Um dos relatos se destacou, evidenciando a profundidade da reflexão promovida pela atividade e a mudança de perspectiva dos participantes. Esse tipo de reflexão sobre o legado emocional e afetivo que os pais adotivos deixam é fundamental para o processo de construção de uma parentalidade mais consciente e resiliente.

Eu venho de uma família como daquela do vídeo... sou uma Maria também. Na minha infância eu apanhei bastante e vi muitas repetições na minha casa. Em mim, foram deixadas muitas marcas ruins. Venho em um trabalho bem tenso para não repetir mais uma vez essa história e não fazer com ele o que fizeram comigo. Tem dias que tudo parece muito mais forte do que eu ... parece que é raiz sabe? E eu to lá me lembrando que não quero repetir... tô sempre voltando e lembrando: não é assim que quero fazer. Se não me controlar, se não for algo que eu queira fazer diferente a gente repete o ciclo. (Participante 6)

Através dessa fala destacou-se sobre a parentalidade possível. Aquela que não é perfeita ou performática, tão pouco é impassível de erro ou de culpas ao longo da sua construção. Essa parentalidade real é feita de muitos erros – que certamente não devem ser violentos – mas, que acontecem. Afinal, ser pai ou mãe é um processo contínuo de procura, por mais complexo que seja, de alguém que busca não repetir histórias, dores ou violências. Esse encontro foi mais silencioso, mais introspectivo e isso foi notado por nós como facilitadoras.

Notei um tom mais introspectivo entre os pais, o que diferenciou este segundo encontro do anterior. (Facilitadora 2)

Este encontro foi emocionalmente intenso e de forte conexão. Houve abertura e identificação mútua entre facilitadores e participantes, criando um espaço seguro para que feridas emocionais fossem expostas. Percebi que, embora o foco seja a criança, muitas reflexões tocaram diretamente nas histórias dos próprios pais. Uma participante expressou que “cuidar da criança ferida dentro de nós é um abraço tanto para nós mesmos quanto para nossos filhos”. (Facilitadora 3)

3º Encontro

A partir da mudança de eixo proposta pelo treinamento, este encontro teve como objetivo transmitir aos pais a compreensão de que a parentalidade é um processo construído e que a própria história de vida influencia a forma como educam seus filhos. Entre os encontros, foi realizada uma ponte de conteúdo destinada a esclarecer dúvidas relacionadas ao material previamente apresentado. Alguns participantes relataram dificuldade em acompanhar semanalmente o material, devido às demandas do trabalho e às questões familiares. No entanto, reforçaram seu interesse e motivação, como evidenciado pelo comentário de um deles: “Eu ainda não cheguei lá, mas vou chegar! Adorei que cada estação tem indicação de filmes e séries...Quero ver isso também” (Participante 1). Durante o desenvolvimento do grupo, observou-se que a rotina complexa envolvendo trabalho, responsabilidades familiares e os cuidados com a criança impactava a participação nos encontros; alguns participantes acompanhavam as sessões enquanto retornavam para casa, conciliando as questões familiares e infantis.

A rotina constitui um aspecto central no processo de adaptação para todos os envolvidos. O casal, que possivelmente já mantinha uma rotina consolidada, precisa ajustá-la para acolher o novo integrante da família. Por sua vez, a criança, em função de sua trajetória de vida, pode não ter experimentado uma rotina estruturada, o que frequentemente gera conflitos na convivência.

Nesse contexto, é comum que pais e filhos adotivos enfrentem, nos primeiros meses após a adoção, situações de inadaptação, dificuldades no relacionamento e no entrosamento (Silva; Kemmelmeier, 2010). Isso ocorre porque a forma como o casal vivencia a relação conjugal e a chegada da criança exerce papel fundamental na transição da conjugalidade para a parentalidade (Oliveira; Magalhães; Pedroso, 2013), influenciando também a condução do processo educativo oferecido ao filho, que muitas vezes estava habituado à ausência de limites (Santos; Fonsêca; Fonsêca; Dias, 2011).

Portanto, trabalhar os estilos parentais contribui para fortalecer o processo de construção do vínculo afetivo. Nas dinâmicas iniciais do encontro, foram exploradas questões sobre como cada participante executa funções parentais de maneiras diferentes, destacando que sempre é possível aprender ou aprimorar estratégias. Por meio do role play, foram selecionadas situações comuns no cotidiano familiar, como brigas, birras e desregulação emocional. Nesse momento, os participantes ainda não tinham conhecimento conceitual formal sobre os estilos parentais, mas recebiam orientações sobre como conduzir a relação de forma mais adequada.

O estilo autoritário suscitou reflexões sobre a importância de estabelecer limites antes de realizar cobranças. Um participante observou: “Quando recebemos uma ordem sem compreender o motivo, a tendência natural é a rebelião, o confronto. Eu sei que é complicado mesmo. Tem que materializar” (Participante 3).

Na encenação do estilo negligente/indulgente, os pais acompanharam a atuação de uma mãe desconectada, que mantinha os filhos ocupados para atender aos próprios desejos e frequentemente culpava as crianças. Uma participante comentou sobre a experiência: “Mães negligentes ocupam seus filhos para que se concentrem em coisas do seu desejo. São centradas nas suas necessidades e depois acabam culpando as crianças. Pra mim, ser assim é uma violência como todas as outras” (Participante 4).

O estilo autoritativo foi exemplificado por um casal participante, no qual ambos compartilhavam a condução parental. Ao refletir sobre a prática, um deles comentou: “É complexo ser assim né?! A gente precisa se vigiar para dar limite e não pesar a mão... às vezes a resposta final vai precisar ser não, mesmo que ela seja explicada e tudo mais” (Participante 6).

O terceiro encontro não teve como objetivo apresentar conceitos teóricos, mas sim sensibilizar os pais para diferentes formas de conduzir a relação parental. A construção das cenas, a disposição em participar, debater e se mostrar vulnerável diante do grupo evidenciou a abertura dos participantes ao processo de aprendizagem.

Durante o encontro, foi reforçada a ideia de que a parentalidade é uma construção diária, muitas vezes influenciada pela própria educação recebida na família de origem. Para encerrar a atividade, solicitou-se que cada participante refletisse sobre sua história pessoal, sobre como foram conduzidos em sua família e sobre quais palavras, sentimentos ou sensações permaneceram marcados. O grupo destacou conceitos como amor, rigidez, respeito, disciplina e companheirismo.

Eu comecei a pensar aqui sobre o que quero ou não repetir na vida do meu filho. Tem coisa que a gente não para pra pensar né?! Se eu não gostei, porque ele gostaria? Eu posso mudar muita coisa, vai exigir de mim? Claro. Mas, por ele vale a pena. (Participante 1)

4º Encontro

Dando continuidade ao eixo de parentalidade, este encontro teve como objetivo aprofundar conceitos sobre estilos parentais e refletir sobre a forma como os participantes os exercem na prática. A ponte entre os encontros abriu a sessão com a retomada das histórias de

vida previamente elaboradas pelos participantes. Ao serem questionados sobre como vivenciaram esse processo de escrita e reflexão, os participantes destacaram:

É interessante reviver essa questão da infância, o que a gente passou, que muitas vezes nós não nos atentamos aos sentimentos que tivemos naquelas situações. Eu achei interessante que eu nunca tinha parado para pensar, foi até um pouco difícil, tive que ficar pensando! E eu achei muito interessante e isso também influencia no nosso processo, enquanto pais até para não repetir certas atitudes que passamos na infância que muitas vezes a gente pode reproduzir achando que era correto, né? E é importante a gente problematizar também algumas coisas que não foram legais. (Participante 4).

Pra fazer esse exercício eu conversei muito com minha mãe e lembramos muito de várias fases da vida. É engraçado perceber que hoje como mãe eu acabo fazendo muita coisa que ela fez comigo... tem coisas que eu gosto de repetir e tem coisas que faço e logo depois me sinto mal. (Participante 6)

Essa afirmação se alinha com estudos que abordam o impacto da transgeracionalidade nos estilos parentais, como um fenômeno frequentemente observável nas dinâmicas familiares (Weber *et al.*, 2006; Bérigamo; Bazon, 2011). De acordo com Falcke e Wagner (2005), os fatores transgeracionais tendem a se manifestar com maior intensidade em momentos de crise, especialmente durante as transições do ciclo familiar, como no caso da adoção. Nesse contexto, a adoção e o processo de vinculação familiar se apresentam como momentos críticos em que as experiências e modelos parentais anteriores podem influenciar diretamente a forma como os pais lidam com os novos desafios. Assim, compreender os estilos parentais torna-se essencial para que intervenções possam ser realizadas, com o intuito de modificar o ciclo e, conseqüentemente, romper com padrões transgeracionais disfuncionais, promovendo um ambiente familiar mais saudável e adaptativo para todos os membros.

Como forma de sensibilizá-los sobre a temática, os pais foram convidados a pensar em seus desafios parentais através da atividade “Duas Listas” (Apêndice G), o grupo construiu comumente os desafios do comportamento e habilidades de vida. Na primeira coluna os participantes listaram como desafios comuns: birras, gritos, desrespeito a autoridade, questões de higiene, desobediência, mentira e problemas na escola. Na segunda coluna os pais afirmaram que as habilidades de vida e características que desejam aos seus filhos são: filhos verdadeiros, obedientes, honestos, assertivos, responsáveis, auto regulados, que se interessam pela educação, emocionalmente saudáveis e felizes. Nessa dinâmica, houve muita interação e a temática “birra” voltou a ser um ponto em comum de todos, foi um momento em que compartilharam o tempo cronológico e emocional que as birras ocorrem e como tem lidado com as mesmas. Ademais, juntos pareamos quais desafios geram habilidades de vida e como poderiam ser oportunidades

de desenvolvimento. A atividade “E aí, topa ser qual bicho?” deu prosseguimento a essa dessensibilização da temática. Através da construção do saber de uma forma lúdica, os participantes elegeram a partir de imagens de animais a representação dos estilos parentais. O role play oportunizou ter comportamentos de cada estilo parental, sendo conectado ao símbolo previamente escolhido pelo grupo, situações foram sorteadas a partir dos desafios listados na dinâmica anterior. Os participantes verbalizaram suas vivências:

Quando eu vi essa mãe agressiva só consegui ficar triste... é algo tão doloroso pra criança! Parece que ali na frente desse adulto não tem nada nem ninguém. Isso só me lembra que preciso me esforçar mesmo para não ser assim. (Participante 6)

Ser negligente pra mim foi muito difícil! Eu mentalizei que estava de olhos fechados para o que meu filho pedia... acho que a negligência é assim né?! Mas, também pensei naqueles pais e mães que nunca tiveram amor e só sabem ser assim! Pra gente aprender alguém tem que ter ensinado. (Participante 3)

Ser assertivo é bom demais (risos). Mas, é fácil quando a gente tá aqui e acabou de escutar um monte de coisa e acaba fazendo parecido né?! Duro mesmo é na hora! Mas, eu acho que aqui a gente tá aprendendo formas de fazer isso de verdade e eu me sinto muito à vontade pra poder dizer meus erros e acertos aqui. (Participante 2)

A técnica utilizada no treinamento proporcionou aos participantes um espaço de reflexão e construção de novas formas de funcionamento parental, sendo esse um processo relevante no desenvolvimento de crenças mais funcionais e na promoção de mudanças positivas no comportamento. Estudos apontam que essa abordagem pode ser fundamental para a transformação de padrões disfuncionais (Beck, 2013; Knijnik; Kunzler, 2014). Além disso, a técnica se destaca por facilitar o processo de aprendizagem, pois permite aos participantes não apenas adquirir conhecimentos teóricos, mas também praticá-los e aplicá-los em contextos reais de sua parentalidade (Amichai-Hamburger *et al.*, 2014).

No contexto do treinamento, a psicoeducação, apresentada através de slides, contribuiu para a sistematização dos conceitos abordados, ajudando os participantes a internalizar informações cruciais para a mudança de suas práticas parentais. O engajamento e a participação ativa dos participantes foram evidentes, com contribuições próprias e a realização de perguntas que enriqueceram as discussões.

5º Encontro

Este encontro marcou uma mudança de eixo, tendo como objetivo fortalecer a parentalidade por meio de técnicas e atividades práticas, como role play, dramatizações e

estudos de caso. Nesse contexto, os pais foram incentivados a aplicar o que aprenderam ao longo dos encontros e a treinar, em um ambiente seguro, formas de conduzir situações apresentadas durante o treinamento.

No início do encontro, durante a espera dos participantes e os momentos iniciais de entrada no ambiente virtual, surgiu a discussão sobre licença-maternidade. Uma das participantes estava de plantão, o que oportunizou abordar questões relacionadas ao trabalho e aos direitos das mães.

Pra gente foi fácil pedir a licença mesmo com os documentos da guarda provisória, eu tinha dois empregos e consegui quatro meses de ambos. Já com meu esposo, foi diferente porque ele tinha uma loja na época e aí decidimos fechar a loja também por quatro meses e ficarmos juntos. Depois de um tempo ele voltou pra loja e eu voltei para um plantão. Esperamos por 15 anos, então quando ela chegou tudo poderia esperar. (Participante 4)

Mesmo sendo servidora eu precisei recorrer à legislação para garantir esse direito, como eu não tinha a guarda definitiva, eles queriam me enrolar. Depois de tudo isso consegui ficar 6 meses, 4 de licença maternidade e 2 de licenças minhas. Meu esposo, servidor, também foi pior ainda! Teve que pedir férias. (Participante 6)

Eu sou autônoma, então apenas finalizei os processos que estava envolvida e não peguei mais nenhum para conseguir estar com ele. Ainda mais sendo mãe solo. (Participante 1)

Também sou servidora, e precisei comprovar certas questões de documento para conseguir e fiquei quatro meses em casa. Meu esposo que é CLT teve apenas quatro dias que foram liberados de pronto. (Participante 5)

Independentemente da idade, de quando a criança chega, ou da ideia de que a fase de convivência já propiciou a vinculação, os primeiros dias podem favorecer um espaço de acolhimento e adaptação para a família. Para Amorim e Skulny (2021) a licença é fundamental para facilitar a aderência aos novos papéis familiares. Ademais, contribuem para a organização de uma nova rotina, sendo indispensável para a vinculação que é gradual e fortalecida no cotidiano. Ressalta-se que de acordo com a lei brasileira, o período de licença é reconhecido igualmente a de uma filiação biológica (120 dias) independentemente da idade da criança e possibilitando também a licença aos pais no caso de licença monoparental ou adoção por homossexuais (Brasil, 2013).

Nesse contexto, as participantes destacaram que a licença foi importante, mas que o mais importante foi a rede de apoio.

Eu não sei o que seria da gente sem os meus pais! Pensa só, três crianças chegando e a gente tendo que aprender tanta coisa e eles também! Ainda bem que no tempo de espera a gente falou muito de tudo isso. Fora que eles sempre apoiaram a adoção. Eu e meu marido chamamos isso de teia... ela precisa ser

forte! Às vezes a gente não tá aguentando e eles que ajudam... Eles são nossa família, meus pais, nossa igreja... a gente pede tudo, acolhimento, ajuda com o cotidiano e até oração. (Participante 6)

Não tenho do que falar da minha família. Eles também esperaram por 15 anos com a gente. Ela chegou de tarde e de noite todo mundo estava aqui. Eles sempre estiveram aqui. (Participante 4)

Era Deus no céu, minha mãe e irmãs na Terra! Sendo mãe solo eu tinha muito medo de estar sozinha. Nos primeiros dias enquanto ele tinha aquele tipo de choro que eu já falei aqui, a gente revezava para estar com ele e ficar falando: você tá seguro. (Participante 1)

A religiosidade, como observada pelos participantes, emergiu como uma rede de apoio fundamental no processo de adoção. Depoimentos como "Lá na igreja todo mundo orou muito por ele. Quando ele chegou todo mundo de forma prática foi ajudar" (Participante 4) e "Como eu disse, era Deus, minhas irmãs e a igreja nesse circuito. Ele não foi esperado só por mim, nossa comunidade de fé também esperou" (Participante 1) evidenciam o papel ativo da comunidade de fé no acolhimento e suporte emocional dos pais adotivos. Esse apoio espiritual e comunitário se alinha com estudos que indicam a religiosidade como uma estratégia importante de enfrentamento em situações de estresse (Panzini; Bandeira, 2007; Brito, 2011; Borges; Santos; Pinheiro, 2015; Borges, 2015). De acordo com Panzini e Bandeira (2007) e Borges (2015), a religiosidade tem o poder de reduzir a ansiedade e sintomas depressivos, aliviando as consequências emocionais de situações estressantes. Além disso, pode ser um recurso significativo na ressignificação de eventos marcantes, como a adoção, proporcionando aos pais adotivos um caminho de acolhimento e entendimento das experiências desafiadoras que estão vivenciando.

Nesse encontro, a ponte estava direcionada à escrita da história pregressa dos filhos, o que propiciou momentos de experiência emocional como grupo. Cada participante teve a oportunidade de ler a história para o grupo e ao serem perguntados como foi escrever aquela história foi destacado:

Relembrar me faz ter mais cuidado e paciência com eles. Eles têm uma história de muita violência, de muita negligência. Os dois mais velhos hoje têm 13 e 11 anos e viveram muitas coisas que não consigo imaginar... Então, escrever é me lembrar que preciso de paciência e muito amor com eles. (Participante 6)

Nós escrevemos em forma de carta para ela, quero que ela leia quando conseguir... foi muito emocionante lembrar de tudo isso! São muitos anos de espera e com um perfil que não exigia sexo, raça, com a idade podendo ser até 5 anos e ter irmãos! A gente nunca entendeu o motivo da demora. Mas, um dia o telefone tocou e tudo foi tão rápido! Acho que essa escrita é uma forma dela perceber todo esse amor. (Participante 4)

Eu escrevi a história dele muito antes da chegada, tenho um álbum que vou contando desde o dia que comecei o processo da adoção. Contar a história dele me conecta com tudo de mais profundo, amoroso e dolorido que foi o processo. Inclusive, tem a parte que eu conto que quase desisti de adotar. Eu estava esperando há 4 anos e caí na bobeira de falar para algumas pessoas e começaram comentários horríveis e na semana que eu iria desistir do processo me ligaram falando dele! Quando a foto dele chegou todos da família entraram em festa. Então, escrever é um jeito dele também saber que foi muito esperado. (Participante 1)

Os participantes deste estudo, na maioria dos casos, tinham filhos menores de 5 anos, com grande parte deles tendo adotado bebês. Apesar da complexidade envolvida, os pais não hesitaram em relatar suas histórias e afirmaram que, no futuro, contariam essas narrativas aos seus filhos. Esse comportamento revela uma profunda coragem, que envolve a capacidade de acolher, confiar e aceitar a trajetória única de cada criança. Além disso, ressalta a convicção de que o amor parental não exige a supressão de sentimentos anteriores, como os vivenciados antes da adoção, mas se fundamenta na confiança mútua, no cuidado constante e no reconhecimento de que, independentemente das circunstâncias, o vínculo estabelecido é capaz de superar desafios. O amor parental, nesse contexto, emerge como um processo contínuo de acolhimento e adaptação, capaz de se manter firme mesmo diante de adversidades.

Para Weber e Pereira (2014) a conversa sobre a origem deve ocorrer de forma natural e com os detalhes de acordo com o interesse da criança, ademais, não é recomendado informações negativas sobre os genitores. Os autores afirmam que manter em segredo a adoção pode abalar a confiança familiar e gerar sentimentos negativos em torno do processo adotivo (Weber; Pereira, 2014). Dialogar sobre a origem genética da criança pode diminuir dúvidas sobre adoção, principalmente as relacionadas ao abandono e ao fato de não terem sido amadas e desejadas. A flexibilidade do ambiente familiar fortalece o relacionamento entre pais e filhos, trazendo benefícios para a autoestima da criança (Weber; Pereira, 2014).

Devido a mudança inicial desse encontro, o mesmo precisou ser adaptado, não seguindo o cronograma proposto previamente. Logo, foi dada a continuidade com a dinâmica “Pais ajudam pais” (Apêndice G), tendo como foco emoções, birras e sexualidade, resgatando experiências de manejo dessas situações em seu cotidiano a fim de serem compartilhadas. A primeira participante se dispôs a relatar, trouxe questões com o manejo das emoções e de como era difícil acolher seu filho nos primeiros dias. “Era tão ruim aquilo tudo... Ele chorava demais, tinha momentos que não deixava ninguém acolher ele de jeito nenhum! Ele tinha problemas com água, lugares fechados e um dia até tentou se jogar da janela e tudo isso sendo muito pequeno.” (Participante 1).

Os demais participantes também trouxeram experiências com a desregulação emocional ligadas ao choro. Como grupo entendemos que para a ocorrência da regulação emocional é necessário que o adulto esteja regulado. Além disso, acolhimento físico e verbal como “Eu estou aqui. Você não está sozinho, não vou te abandonar.” e a não desistência do processo foram os destaques do grupo.

Outro relato foi realizado, a participante trouxe questões com a desobediência e a dificuldade com a higiene dos seus filhos e como ela agia. Neste ponto, houveram divergências respeitadas sobre a forma de conduzir o processo. Alguns pais discordaram sobre a maneira de ação, em contrapartida outros concordaram e reforçaram a fala da participante com formas de manejo que eles executam em situações semelhantes. Como grupo, entendemos que em momentos de desobediência cabe aos pais a execução do estilo parental autoritativo, onde há amor e limites e que as crianças precisam compreender regras familiares e sociais de forma respeitosa. A dinâmica foi crucial para o manejo e reprogramação do TOPA. Através dela percebemos, como facilitadores, que mesmo com a coesão grupal a exposição de uma situação familiar trouxe desconforto e exposição. Dessa forma, a dinâmica foi alterada para melhor adesão.

Apesar da tensão, o encontro foi rico em trocas, marcado por emoção, escuta e acolhimento. A conversa inicial sobre a licença-maternidade favoreceu a aproximação do grupo, enquanto a partilha das histórias trouxe intensidade e fortalecimento dos vínculos. Ao final, foi possível perceber que, mesmo com desafios na condução, o espaço se mantém como lugar de confiança, permitindo tanto a expressão de dores quanto a construção coletiva de estratégias de cuidado. (Facilitadora 2).

6º Encontro

No início deste encontro, a ponte entre os encontros trouxe para discussão as temáticas de emoções, birras e sexualidade, proporcionando aos participantes um espaço para esclarecer dúvidas. Além disso, os facilitadores revisaram todas as estações que percorreram juntos, considerando que este era o último encontro formal. Os participantes compartilharam suas impressões sobre o conteúdo: “Foi tão curioso ler a parte da sexualidade, tem muita coisa que a gente acha que sabe e não sabe!” (Participante 3); “Eu sei que tá batido, mas a parte que me pegou foi sobre as birras (risos). Aquela parte que vocês colocaram com o passo a passo foi assim, incrível!” (Participante 6).

Esses comentários, entre outros ao longo do treinamento, evidenciam a importância do caráter prático e concreto das atividades, fundamental para pais que estão em processo de aprendizagem da parentalidade. Trata-se de uma construção contínua, realizada por diferentes

caminhos, mas que busca fortalecer a relação parental e oferecer aos filhos uma vida emocionalmente saudável. A partir dessa compreensão, o encontro voltou a focar em situações concretas da parentalidade. Devido à necessidade de ajustar a dinâmica “Pais ajudam pais” (Apêndice G), as situações foram sugeridas ao grupo, mas baseadas em experiências trazidas pelos participantes ao longo de todos os encontros.

O objetivo central foi trabalhar questões como a definição de regras e limites e o apoio ao filho na compreensão de sua raça. Além disso, outras situações surgiram ao longo do encontro, permitindo que fossem debatidas e analisadas conforme a vivência real dos pais. Alguns pontos se destacaram a partir da dinâmica. Os participantes conseguiram expressar suas vivências mesmo a partir de experiências hipotéticas. A demanda “Medo do abandono” ao ir para a escola, por exemplo, foi um ponto que fez emergir trocas sobre o procedimento de cada um.

Foi muito difícil deixar ele na escola... eu também chorava e sofria com ele! Acho que por ser pequeno ele precisa muito dessa companhia nossa né? Mas realmente eu precisava voltar a trabalhar. Mesmo assim, eu conversava muito com ele. (Participante 5)

Olha, Participante 6, eu também sofri demais viu?! Mas, sabe o que ajudou muito a gente nisso? Eu sempre passava pela escola e mostrava a ele que ele iria estudar ali. A gente ia mostrando os primos indo e eu sempre conversava olho no olho falando: a mãe vai, mas a mãe volta! (Participante 4)

Sabe uma coisa que aprendi e foi muito legal? Todos nós temos aqui uma pulseira da família! Os grandes têm e a gente também. E mesmo quando estamos distantes sabemos que temos um ao outro. Foi muito legal fazer elas também. (Participante 1)

Durante o encontro, a temática “Medo de abandono por parte do filho” também foi abordada, sendo discutida à luz das experiências pessoais compartilhadas pelos participantes.

Eu acho que filho é filho e quem aqui já não disse que queria deixar a casa dos pais? Eu falo pra minha esposa que se ela um dia falar isso pra gente dizendo que não sou o pai de verdade eu vou me lembrar que ela deve estar com raiva e como a gente aprendeu aqui, raiva passa (risos). (Participante 4)

Boa Participante 4! Eu falei muitas vezes que odiava a minha mãe e olha eu aqui no grupo falando que é Deus no céu e ela na Terra (risos). Mas eu acho que por sermos pais por adoção têm um medo muito grande e muito julgamento em cima disso, né? Mas, acho que nesse caso é lembrar de acolher a criança e a gente também. Igual a Facilitadora 1 disse lá no começo: tá tudo bem estar com raiva, o que você quer fazer com ela? (risos) (Participante 1)

Ao longo do encontro, foram apresentadas situações que demandavam assertividade, demonstração de afeto, estabelecimento de limites, compreensão de limites corporais e

discussão sobre raça. Os participantes contribuíram ativamente, compartilhando experiências pessoais e refletindo sobre como provavelmente agiriam nessas situações. Um deles destacou:

Essas atividades assim me lembram sempre a importância de não julgar ninguém! Porque eu to aqui falando em cima de hipóteses né? Aí fica fácil (risos). É claro que algumas coisas já aconteceram e eu sei como eu agi, mas até isso é diferente. Teve coisas que agi de uma forma a um tempo atrás e que agora já não faço mais. Teve coisa que aprendi aqui e que já tô tentando mudar... então, é uma boa a gente tentar se colocar no lugar do outro e até mesmo pensar em como a gente faria, né? (Participante 3)

Encontro Final

O encontro final não teve como objetivo fornecer novas informações ou revisar conteúdos, mas sim relembrar, enquanto grupo, os momentos de aprendizado vivenciados ao longo do treinamento. A primeira dinâmica realizada foi “Raízes e asas” (Apêndice G), cujo propósito foi permitir que cada participante relatasse aquilo que criou raízes em sua vida e algo que desejasse que “ganhasse asas”, ou seja, que pudesse se desenvolver e alcançar outras pessoas.

O que criou raízes em mim foram as experiências compartilhadas, os conteúdos trabalhados, até filmes que foram indicados e acho que o caderno de pais virou um manual (risos). Como asas, eu desejo que todo mundo aqui se lembre que ninguém está sozinho no processo e que os momentos difíceis passam. (Participante 3)

Olha, criou uma raiz enorme em mim essa questão dos diferentes estilos parentais! Também ficou todas as vivências nas dinâmicas e dramatizações. Agora, eu quero que voe muito alto?! Que a nossa parentalidade seja leve. (Participante 1)

Foi uma experiência transformadora, tudo o que eu aprendi aqui e a troca entre a gente criou raiz. Acredito que saio com um diferente para meu futuro como mãe e desejo que o TOPA crie asas. (Participante 4)

O TOPA criou raízes em mim! Foi um “um abraço no maternal”, vocês me fizeram sentir acolhida. Desejo tranquilidade aos colegas. (Participante 5)

Acho que como homem é difícil às vezes reconhecer que a gente precisa compartilhar pra aprender... então, o que fica pra mim é que sempre posso aprender e quero que voe ? O TOPA. (Participante 6)

Foi muito bom estar aqui. Às vezes só escutando mesmo porque não sou muito de falar. Mas, criou raiz que posso ser um pai melhor e quero que todos possam se lembrar de tudo o que aprendemos. (Participante 2)

A dinâmica e “O troféu vai para” propiciou um momento de lembranças e auto reforço. Nessa dinâmica os pais se deram prêmios em sua parentalidade e foram reconhecidos pelo grupo pelas características que apresentaram ao longo dos encontros. Além da alegria presente em receber o prêmio fictício, surgiram afirmações como: “Ser paciente.”, “Não desistir.”, “Lembrar que posso errar e consertar.”, “Estou aprendendo a ser pai/mãe.”. A nuvem de palavras construída em grupo obteve a seguinte sequência: acolhimento, carinho, abertura, diálogo, resistência, aprendizado, respeito, amizades, informação, dedicação, troca de experiências, não julgamento. O que reforça todo o processo grupal de aprendizado e vinculação.

Duas semanas após a conclusão dos encontros, foi aplicado um formulário de avaliação final com o objetivo de compreender a percepção dos participantes sobre o treinamento online e seus impactos na vivência parental. De modo geral, os resultados revelaram uma avaliação amplamente positiva da experiência, destacando a utilidade prática, a relevância dos conteúdos abordados e o fortalecimento das habilidades parentais.

Em relação à experiência com o treinamento online, os participantes relataram percepções extremamente favoráveis, ressaltando o aprendizado obtido, o acolhimento proporcionado e a possibilidade de aplicar os conteúdos de forma prática no cotidiano familiar. Esses relatos indicam que o treinamento foi percebido não apenas como um espaço formativo, mas também como um ambiente de suporte emocional e de troca significativa de experiências entre os participantes. Em relação à convivência com os demais participantes, os relatos indicam a formação de um clima de conforto, acolhimento e identificação mútua. As trocas de experiências entre mães e pais, especialmente sobre os desafios da parentalidade adotiva, como birras e comportamentos desafiadores das crianças, foram destacadas como fatores importantes para o aprendizado e o fortalecimento coletivo. A interação entre participantes com crianças de diferentes faixas etárias também foi apontada como enriquecedora.

Quando questionados sobre os aspectos mais marcantes do treinamento, os participantes ressaltaram o autoconhecimento, o aprendizado sobre as birras infantis, o acolhimento recebido e a oportunidade de compartilhar experiências semelhantes. Esses elementos sugerem que o treinamento favoreceu tanto o desenvolvimento de competências práticas quanto reflexões pessoais acerca da parentalidade.

No que se refere à clareza e à complexidade dos conteúdos, a maioria dos participantes relatou não ter enfrentado dificuldades significativas, considerando o material bem estruturado e esclarecedor. Alguns, entretanto, apontaram a necessidade de maior duração dos encontros,

principalmente para aprofundar temas mais complexos, indicando uma demanda por mais tempo de exploração dos conteúdos.

Quanto aos encontros considerados mais relevantes, muitos afirmaram que todos foram importantes, destacando, especialmente, o último encontro, descrito como marcante e emocionante. Temas relacionados à violência e à ressignificação de experiências pessoais também foram mencionados como particularmente significativos, evidenciando o impacto emocional e reflexivo das atividades propostas.

Em relação a possíveis mudanças no formato do treinamento, a maioria não sugeriu alterações substanciais, reforçando a avaliação positiva. Ainda assim, surgiram algumas recomendações para aumentar o número de encontros, de modo a aprofundar determinados conteúdos.

Os participantes relataram que os conteúdos e discussões do treinamento foram altamente pertinentes para sua realidade familiar, destacando a identificação com as dificuldades de outras famílias, o aprendizado sobre cuidados infantis e o fortalecimento do autoconhecimento. Alguns sugeriram que determinados temas poderiam ser abordados ainda no período de acolhimento institucional, antes da constituição da família adotiva.

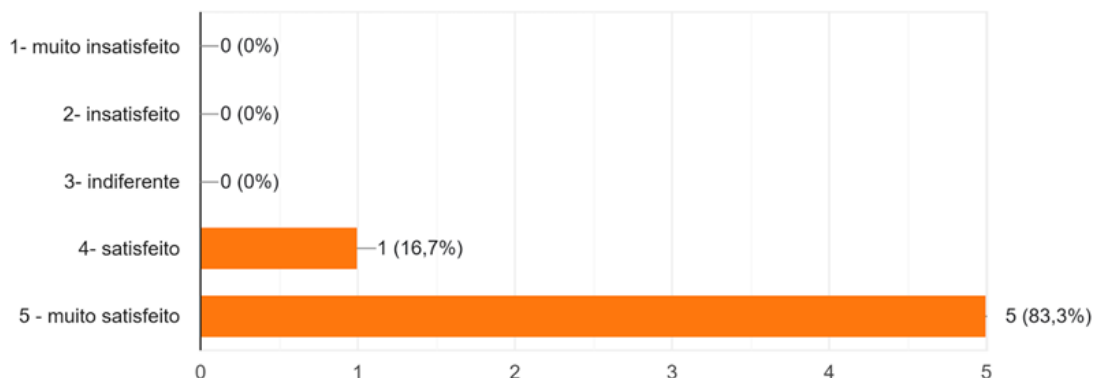
Ao descreverem o impacto do treinamento em sua trajetória como mães e pais, os participantes mencionaram maior tranquilidade emocional, aumento da paciência, fortalecimento pessoal e aquisição de ferramentas práticas para lidar com os desafios da parentalidade. A maioria afirmou já ter iniciado, ou planejar iniciar, a aplicação prática dos conteúdos aprendidos, especialmente no manejo das birras infantis, no controle das próprias reações emocionais e na compreensão de seus limites.

A seguir, apresentam-se os gráficos relacionados à avaliação geral do treinamento e do material disponibilizado, evidenciando o nível de satisfação dos participantes.

Gráfico 1 – Avaliação sobre o treinamento

De 1 a 5, como você avalia o treinamento das aulas como um todo? (1 = Muito insatisfeito | 5 = Muito satisfeito)

6 respostas

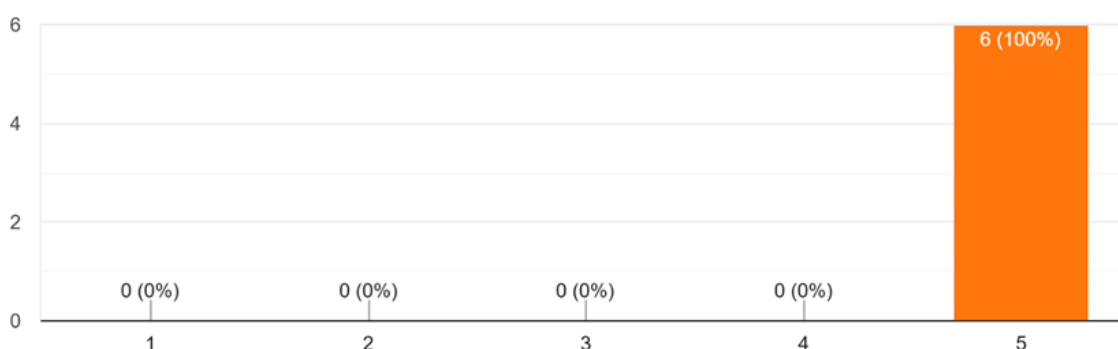


Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2 – Avaliação sobre o material disponibilizado

De 1 a 5, como você avalia o material disponibilizado como um todo? (1 = Muito insatisfeito | 5 = Muito satisfeito)

6 respostas



Fonte: Elaboração Própria

4.7.1. Análise dos Resultados do Inventário de Estilos Parentais pré e pós-aplicação

Os participantes deste estudo responderam ao Inventário de Estilos Parentais (IEP) nas versões pré e pós-teste, em formato de autoavaliação, no qual os pais relatam a forma como conduzem a educação de seus filhos. O objetivo da aplicação foi compreender os estilos parentais dos participantes e verificar se houve mudanças após a participação no treinamento. A aplicação do pré-teste ocorreu na “semana zero”, antes de qualquer contato dos participantes com as temáticas abordadas, enquanto o pós-teste foi realizado na semana do último encontro do treinamento.

O instrumento elaborado por Gomide (2021) permite classificar os estilos parentais de acordo com o score obtido, distribuído em quatro níveis:

01 a 25 pontos: risco e necessidade de intervenção terapêutica;

30 a 50 pontos: estilo regular, abaixo da média, recomendando grupos de treinamento;

55 a 75 pontos: estilo bom, com sugestões de leituras para aprimoramento;

80 a 99 pontos: estilo ótimo, caracterizado pela predominância de práticas positivas.

A seguir, apresenta-se o quadro com as informações de pré e pós-teste do grupo, permitindo a análise das mudanças nos estilos parentais após o treinamento.

Quadro 3 – Resultados do IEP pré e pós-TOPA

	Pré-TOPA		Pós- TOPA	
Participante	Percentil	Descrição	Percentil	Descrição
p1	95	estilo parental ótimo	95	estilo parental ótimo
p2	45	estilo parental regular	85	estilo parental ótimo
p3	85	estilo parental ótimo	90	estilo parental ótimo,
p4	75	estilo parental bom	60	estilo parental bom
p5	65	estilo parental bom	90	estilo parental ótimo
p6	80	estilo parental ótimo	65	estilo parental bom

Fonte: Elaboração Própria

A análise dos resultados do IEP pré e pós-TOPA revela uma tendência geral de melhora nas práticas parentais entre os participantes. A maioria apresentou aumento nos percentis ou manutenção em níveis elevados, indicando fortalecimento das competências parentais ao longo do treinamento. Observa-se melhora significativa em P2, P3 e P5, que evoluíram de níveis regulares ou bons para níveis ótimos, sugerindo que o TOPA contribuiu para a ampliação de práticas educativas positivas, como monitoria, estabelecimento de limites e acompanhamento do comportamento dos filhos. P1 manteve-se em nível ótimo, demonstrando que o treinamento também reforça competências já consolidadas. Nos casos de P4 e P6, houve redução nos percentis, mas ainda dentro da faixa “bom”, o que não necessariamente indica piora, podendo

refletir maior consciência crítica sobre as próprias práticas parentais, efeito esperado em intervenções psicoeducativas que estimulam reflexão e autoconhecimento. Esses dados indicam que o TOPA promove tanto a consolidação quanto a ampliação de práticas parentais adequadas, ao mesmo tempo em que favorece o desenvolvimento de percepção crítica, sendo um indicativo da eficácia do treinamento na promoção de parentalidade adotiva mais consciente e responsiva.

Conforme descrito por Gomide (2021), o IEP permite identificar o equilíbrio ou desequilíbrio entre práticas educativas positivas e negativas, funcionando como um indicador importante tanto do risco quanto da proteção no exercício da parentalidade. Observa-se que alguns participantes apresentaram evolução de um estilo regular ou bom para um estilo ótimo, refletindo ganho em práticas parentais positivas, enquanto outros mantiveram o estilo ótimo ou bom, sugerindo consolidação das habilidades adquiridas. Esses resultados reforçam o impacto do treinamento TOPA na promoção de estilos parentais mais equilibrados e consistentes.

No momento pré-TOPA, os scores obtidos situavam-se majoritariamente nas faixas classificadas como Bom ou Ótimo, apresentando uma média de 74,16, o que sugere leituras complementares para aprimoramento das práticas parentais. Entretanto, os participantes relataram dificuldades na compreensão de algumas perguntas do Inventário, especialmente aquelas que se referiam a situações que ainda não haviam vivido, como “Eu quero saber com quem ele(a) sai ou conversa” ou “Quando ele(a) sai, mando mensagens, muitas vezes”. Apesar das instruções do instrumento indicarem que, nesses casos, o respondente deve assinalar a conduta que provavelmente adotaria, alguns participantes demonstraram insegurança ao responder.

Além disso, houve relatos de apreensão quanto à avaliação de sua parentalidade: “Mas aí você fica sabendo se eu tenho problemas?”(Participante 5) e “E se eu responder algo errado, como fica?”(Participante 1). Essa reação pode indicar um viés nas respostas, possivelmente associado ao histórico dos participantes, que passaram por um longo processo de adoção e já foram avaliados de diversas formas. Para futuras aplicações do instrumento, recomenda-se fornecer uma explicação detalhada sobre seu objetivo e modo de preenchimento, preferencialmente após o primeiro encontro, de modo a reduzir inseguranças e vieses nas respostas.

No pós-TOPA, observou-se uma mudança no perfil dos scores do IEP, com deslocamento predominante para as faixas classificadas como Bom e Ótimo, conforme os critérios do instrumento. Esse movimento indica um aumento das práticas parentais positivas e/ou uma redução na frequência de práticas negativas, sugerindo efeitos favoráveis da intervenção. De acordo com Gomide (2021), scores mais elevados refletem maior competência

parental, evidenciada por relações mais afetivas, comunicação assertiva, supervisão adequada e menor uso de estratégias coercitivas. Além da análise global dos scores, a comparação entre os momentos pré e pós-intervenção permitiu identificar mudanças específicas nas dimensões que compõem o IEP, evidenciando quais práticas parentais apresentaram maior variação ao longo do processo. As melhorias mais expressivas concentraram-se em dimensões relacionadas a práticas educativas positivas, como monitoria e comportamento moral, indicando avanços na forma como os participantes estabelecem limites, orientam e acompanham o comportamento dos filhos.

Nos casos em que houve redução nos scores gerais do IEP, essas quedas estiveram associadas a dimensões específicas, não representando necessariamente uma piora global do estilo parental. Esses resultados podem refletir uma maior conscientização crítica dos participantes sobre suas práticas educativas após a intervenção, aspecto apontado por Gomide (2021), que ressalta que o aumento da percepção sobre práticas negativas pode impactar temporariamente a autoavaliação parental.

O conjunto dos resultados indica uma tendência geral de redução do risco parental e fortalecimento de práticas educativas mais saudáveis. Assim, os dados reforçam a recomendação de Gomide (2021) sobre a importância de intervenções estruturadas para pais, especialmente em contextos nos quais práticas negativas tendem a ser recorrentes ou naturalizadas.

4.7.2. Análise dos Resultados do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008)

Tabela 1 – Resultados do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008) nos seis encontros do TOPA

Encontro	Média Respostas Positivas (%)	Perguntas Positivas Mais Destacadas	Média Respostas Negativas (%)	Perguntas Negativas Mais Destacadas
1º	84,0	Tive confiança no grupo	12,0	Fiquei tenso
2º	31,6	Tive confiança no grupo	12,2	Percebi que cuidei mais dos outros do que de mim mesmo

3º	32,0	Compreendi melhor algumas pessoas com quem me relaciono; Me senti com mais coragem para enfrentar certos problemas	11,5	Percebi que cuido mais dos outros do que de mim mesmo
4º	32,0	Tive confiança no grupo; Descobri algo sobre o que fazer para lidar com meus problemas; Me senti aliviado	11,57	Percebi que cuido mais dos outros do que de mim mesmo
5º	29,5	Me senti com vontade de cuidar mais do meu bem-estar; Tive confiança no grupo; Compreendi melhor algumas pessoas com quem me relaciono; Me senti confiando mais em mim mesmo	11,75	Percebi que cuido mais dos outros do que de mim mesmo
6º	32,75	Me senti confiando mais em mim mesmo; Tive confiança no grupo; Descobri algo sobre o que fazer para lidar com meus problemas	11,25	Percebi que cuido mais dos outros do que de mim mesmo; Descobri que faço tempestade em copo d'água em certas situações

Fonte: Elaboração Própria

Ao longo dos seis encontros do Treinamento de Orientação para Pais Adotivos (TOPA), o Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008) evidenciou de forma consistente que os participantes experienciaram efeitos positivos em diferentes dimensões de sua vivência parental e pessoal. O questionário, composto por 24 afirmativas com respostas em escala Likert de 1 a 3, permitiu avaliar como cada participante percebeu sua experiência ao final de cada sessão, abrangendo pensamentos, sentimentos e comportamentos, classificados como positivos ou negativos.

De acordo com a tabela 1, no primeiro encontro, os participantes apresentaram elevada predominância de respostas positivas, correspondendo a 84% do total, frente a apenas 12% de respostas negativas. A afirmação de maior concordância foi “Tive confiança no grupo”, demonstrando a relevância do aspecto grupal para o engajamento inicial e o estabelecimento de um ambiente seguro de troca. Durante o segundo encontro, a confiança no grupo manteve-se como o destaque positivo mais robusto, assinalado com pontuação máxima por todos os participantes. As respostas positivas representaram 31,6% das pontuações, enquanto as negativas totalizaram 12,2%. A afirmação negativa mais destacada foi “Percebi que cuido mais

dos outros do que de mim mesmo”, sugerindo que o trabalho em grupo passou a favorecer reflexões sobre autocuidado e percepção de si frente às demandas familiares.

No terceiro encontro, duas questões se sobressaíram: “Compreendi melhor algumas pessoas com quem eu me relaciono” e “Me senti com mais coragem para enfrentar certos problemas”. Estes resultados indicam que os participantes ampliaram sua compreensão sobre relações interpessoais e se sentiram mais aptos a lidar com situações desafiadoras, possivelmente decorrente da combinação de psicoeducação e atividades práticas como role play. A pergunta negativa mais significativa permaneceu relacionada ao cuidado excessivo com os outros em detrimento de si mesmos. Nos quarto e quinto encontros, a média de respostas positivas variou entre 29,5% e 32%, destacando-se afirmações como “Tive confiança no grupo”, “Descobri algo sobre o que fazer para lidar com meus problemas” e “Me senti aliviado”. As respostas negativas mantiveram-se em patamares baixos, em torno de 11 a 12%, com destaque contínuo para a percepção de cuidado excessivo com os outros. No quinto encontro surgem também declarações de maior autoconfiança, como “Me senti confiando mais em mim mesmo”, refletindo o efeito cumulativo do treinamento sobre o empoderamento pessoal.

No sexto e último encontro, a média de respostas positivas alcançou 32,75%, mantendo-se elevada, enquanto as negativas permaneceram em 11,25%. As afirmações mais relevantes reforçaram a autoconfiança, o fortalecimento do vínculo grupal e a percepção de estratégias para lidar com desafios parentais. Entre as respostas negativas, destacou-se a reflexão sobre comportamentos pessoais ainda em desenvolvimento, como cuidado excessivo com os outros e tendência a reagir exageradamente em certas situações.

Em síntese, os resultados do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão indicam que o TOPA promoveu fortalecimento do vínculo grupal, aumento da autoconfiança e do cuidado próprio, reflexão crítica sobre práticas pessoais e maior compreensão interpessoal e empatia. Os participantes passaram a reconhecer padrões de comportamento que ainda demandam atenção, ampliando o repertório de estratégias para lidar com os desafios da parentalidade adotiva e fortalecendo vínculos afetivos tanto com os filhos quanto com o grupo de apoio. Esses achados evidenciam que o treinamento, ao integrar reflexão, experiência prática e suporte grupal, foi eficaz na promoção de mudanças positivas imediatas, constituindo-se como uma ferramenta relevante para o acompanhamento e fortalecimento das famílias no período pós-adoção.

4.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo descrever a aplicação do Treinamento de Orientação para Pais Adotivos (TOPA), com foco na primeira infância, configurando-se como uma proposta psicoeducacional voltada ao fortalecimento da parentalidade adotiva e à prevenção de rupturas no processo de adoção. Considerando o contexto brasileiro, caracterizado pela escassez de políticas públicas contínuas de apoio às famílias no pós-adoção e pelos elevados índices de devolução de crianças e adolescentes, a implementação do TOPA mostra-se pertinente, atual e socialmente relevante, ao oferecer um espaço estruturado de cuidado, orientação e suporte emocional às famílias adotivas.

Os resultados qualitativos indicaram que o treinamento foi percebido pelos participantes como um ambiente seguro de acolhimento, aprendizagem e troca de experiências, favorecendo tanto o desenvolvimento de competências parentais quanto processos de autoconhecimento e reflexão sobre a própria trajetória de vida. A combinação de psicoeducação, técnicas vivenciais, dramatizações, estudos de caso e compartilhamento grupal demonstrou potencial para ampliar a compreensão dos pais acerca do desenvolvimento infantil, das necessidades emocionais básicas, dos estilos parentais e das especificidades da parentalidade adotiva. Relatos de maior segurança, tranquilidade emocional e intenção de aplicar os conteúdos aprendidos sugerem efeitos positivos imediatos da intervenção no manejo das demandas cotidianas da parentalidade.

No que se refere aos resultados quantitativos, a análise comparativa dos escores do Índice de Estilo Parentais (IEP) pré e pós-TOPA evidenciou uma tendência geral de deslocamento para as faixas classificadas como “bom” e “ótimo”, indicando aumento das práticas parentais positivas e/ou redução das práticas negativas, o que sugere fortalecimento das competências parentais ao longo do processo interventivo. As melhorias mais expressivas concentraram-se em dimensões relacionadas às práticas educativas positivas, como monitoria e comportamento moral, apontando avanços na forma como os participantes estabelecem limites, acompanham e orientam o comportamento dos filhos. Nos casos em que se observaram reduções pontuais nos escores do pós-teste, essas variações parecem refletir uma maior conscientização crítica sobre as próprias práticas parentais, efeito esperado em processos psicoeducativos que estimulam reflexão e revisão de padrões previamente naturalizados.

Os resultados do Instrumento de Impacto Imediato da Sessão (Murta, 2008), aplicado ao final de cada encontro do TOPA, evidenciaram que os participantes experimentaram efeitos positivos consistentes ao longo do treinamento. Desde o primeiro encontro, destacaram-se sentimentos de confiança no grupo, sensação de acolhimento e segurança, demonstrando a importância da dimensão grupal como espaço de apoio e reflexão. Ao longo dos encontros, os participantes relataram aumento da autoconfiança, maior compreensão das pessoas com quem

se relacionam e percepção de estratégias para enfrentar desafios parentais, ao mesmo tempo em que emergiram reflexões sobre comportamentos pessoais, especialmente relacionados à atenção excessiva aos outros em detrimento de si mesmos. A prevalência de respostas positivas, entre 29,5% e 32,75%, frente a médias de respostas negativas inferiores a 12%, indica que o TOPA contribuiu não apenas para o fortalecimento do vínculo grupal e da parentalidade adotiva, mas também para a ampliação da consciência crítica e do autocuidado dos participantes, reforçando a eficácia da intervenção como espaço de aprendizado, troca de experiências e desenvolvimento de competências parentais.

Outro achado relevante foi a valorização da dimensão grupal como fator protetivo no processo de adoção. A construção de vínculos entre os participantes, o reconhecimento de experiências comuns e a oportunidade de expressar medos, frustrações e desafios sem julgamento contribuíram para a formação de uma rede de apoio simbólica, ainda que temporária. Esse aspecto se mostra particularmente importante em contextos de adoção, nos quais o isolamento parental e a falta de suporte social são apontados pela literatura como fatores de risco para dificuldades no estabelecimento do vínculo e para situações de devolução ou ruptura. Apesar das contribuições apresentadas, este estudo possui limitações relevantes. A amostra reduzida e composta majoritariamente por participantes com alto nível de escolaridade limita a generalização dos achados para outros contextos socioeconômicos. Além disso, a aplicação integralmente online do TOPA, embora tenha ampliado o alcance geográfico da intervenção, apresentou desafios relacionados à adesão, à compreensão dos instrumentos e à conciliação com a rotina familiar. Alguns participantes relataram insegurança e receio diante do caráter avaliativo do IEP, possivelmente influenciados por experiências prévias de avaliação ao longo do processo de habilitação para a adoção, o que pode ter impactado suas respostas. A ausência de acompanhamento longitudinal restringe a compreensão dos efeitos do TOPA a médio e longo prazo, especialmente quanto à manutenção das mudanças percebidas nas práticas parentais e seus impactos no desenvolvimento infantil.

Para futuras aplicações e pesquisas, recomenda-se ampliar o número de encontros, com aprofundamento em temas considerados mais complexos pelos participantes, como violência, transgeracionalidade, sexualidade infantil e manejo de comportamentos desafiadores. Sugere-se também a oferta do TOPA no período pré-adotivo, conforme indicado pelos próprios participantes, assim como a realização de estudos com amostras mais diversificadas e acompanhamento longitudinal, permitindo avaliar a sustentação das mudanças ao longo do tempo. A adaptação para diferentes faixas etárias e configurações familiares também se apresenta como um campo promissor de investigação e intervenção.

Por fim, o TOPA se consolida como uma proposta promissora de intervenção psicoeducacional no campo da adoção, ao reconhecer a parentalidade como um processo construído, permeado por histórias, afetos e desafios reais. Investir em ações contínuas de orientação e apoio às famílias adotivas, principalmente, na primeira infância, fortalece os vínculos familiares e as competências parentais, configurando-se também como uma estratégia de proteção à infância e adolescência. Nesse sentido, o estudo reforça a urgência de políticas públicas e práticas profissionais intersetoriais que sustentem as famílias para além da sentença judicial, compreendendo que o cuidado não se encerra na adoção, mas se inicia nela, demandando acompanhamento, escuta qualificada e suporte contínuo ao longo do desenvolvimento da criança.

4.9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMICHAH-HAMBURGER, Y.; KLOMEK, A. B.; FRIEDMAN, D.; ZUCKERMAN, O.; SHANI-SHERMAN, T. The future of online therapy. **Computers in Human Behavior**, 41, p. 288-294, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.09.016>>.

AMORIM, A. F.; SKULNY, R. S. Compreendendo os filhos adotivos. In: PEREIRA, V. A. (Org.) **Parentalidade adotiva: estudos, diálogos e reflexões**. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Veronica-Pereira-11/publication/349855907_Parentalidade_adotiva_Estudos_dialogos_e_reflexoes/links/6048fa4445851543166b6ce1/Parentalidade-adotiva-Estudos-dialogos-e-reflexoes.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS BRASILEIROS. **Adoção Passo a Passo**. Cartilha da adoção de Crianças e Adolescentes no Brasil, 2014. Disponível em: <<http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/adocaopassoapasso.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BALBINO, F. S.; YAMANAKA, C. I.; BALIEIRO, M. M. F. G.; MANDETTA, M. A. Grupo de apoio aos pais como uma experiência transformadora para a família em unidade neonatal. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 2, p. 297-302, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150040>>.

BECK, J. S. **Terapia Cognitivo-comportamental: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BÉRGAMO, L. P. D.; BAZON, M. R. Experiências infantis e risco de abuso físico: mecanismos envolvidos na repetição da violência. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 24, n. 4, p. 710-719, 2011.

BORGES, M. S.; SANTOS, M. B. C.; PINHEIRO, T. G. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 4, p. 609-616, 2015.

BORGES, R. S. P. C. **A religião em psicoterapia:** experiências de terapeutas com clientes religiosos – Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2015.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.010, de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 ago. 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm>.

BRASIL. Lei 12.873/2013. Dispõe sobre a licença maternidade em condições de adoção e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 out. 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12873.htm>. Acesso em: 20 dez. 2025

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária 2025:** PNCFC 2025. Brasília, DF: MDS; MDHC, 2025

BRITO, H. L. **Coping Religioso:** implicações para a prática clínica – Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Diagnóstico sobre devolução de crianças e adolescentes em estágio de convivência e adotadas.** Brasília: CNJ, 2024. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2024/11/diagnostico-devolucao-criancas-adolescentes-estagio-convivencia-adotadas.pdf>>.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração:** um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman, 2005.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FIOROTT, J. G.; PALMA, Y. A.; ECKER, D. D. Conceito de grupo-dispositivo no apoio à adoção: desnaturalizando significados instituídos. **Ciências Psicológicas**, v. 13. n, 2, p. 390-397, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.22235/cp.v13i2.1895>>.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais – Modelo Teórico:** manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOMIDE, P. **Inventário de estilos parentais (IEP)**: fundamentação teórica, instruções de aplicação, apuração e interpretação. 4 ed. Curitiba: Juruá Editora, 2021.

HOGHUGH, M. Parenting – An introduction. In HOGHUGH, M.; LONG, N. **Handbook of parenting**: theory and research for practice. Nova York: Sage Publications, 2004.

KNIJNIK, D. Z.; KUNZLER, L. S. Psicoeducação e reestruturação cognitiva. In MELO, W. V. **Estratégias psicoterápicas e a terceira onda em terapia cognitiva**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

LEVY, L.; DIUANA, S.; PINHO, P. O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas. **Mudanças**, v. 17, n. 1, p. 39-42, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-645824>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTEIRO, T. V. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Clínica**, v. 27, n. 1, p. 175-194, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100010>>.

MURTA, S. A prática de grupoterapia sob o enfoque psicoeducativos: uma introdução. In: MURTA, S. **Grupos psicoeducativos**: aplicações em múltiplos contextos. Goiânia: Porã Cultural, 2008.

NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; LONGHINI, L. Z.; AMARAL, J. A. G. Estratégias de manejo terapêutico com adolescentes. In: NEUFELD, C. B. (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes**: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental. Porto Alegre: Artmed, 2017.

NUTTALL, A.; VALENTINO, K.; BORKOWKI, J. Maternal history of parentification, maternal warmth, responsiveness, and children's externalizing behavior. **Journal of Family Psychology**, v. 26, n. 5, p. 767-775, 2012.

OLIVEIRA, M. L. S.; MAGALHÃES, C. M. C.; PEDROSO, J. S. Família adotante: estudo de caso de adoção tardia. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 9, p. 22-36, 2013.

PAIM, K.; ROSA, M. O papel preventivo da terapia do esquema na infância. In: WAINER, R.; PAIM, K.; ERDOS, R.; ANDRIOLA, R. (Orgs.). **Terapia cognitiva focada em esquemas**: integração em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PAIVA, L. **Adoção**: Significados e possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (Enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 1, p. 126-135, 2007.

RESMINI, G. F. **A construção da parentalidade na adoção tardia**: formação de vínculos e adaptação inicial na adoção de crianças entre três e cinco anos – Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

ROSSATO, J.; FALCKE, D. Devolução de crianças adotadas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 18, n. 1, p. 128-139, 2017. Disponível em:

<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000100010&lng=pt&nrm=iso>.

SANTOS, C. P.; FONSÊCA, M. C. S. M.; FONSÊCA, C. M. S. M. S.; DIAS, C. M. S. B. Adoção por pais solteiros: desafios e peculiaridades dessa experiência. **Psicologia: teoria e prática**, v. 13, n. 2, p. 89-102, 2011.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMATO, L. M.; SANTOS, M. A. Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção: a espera compartilhada do futuro. **Revista da SPAGESP**, v. 7, n. 2, p. 40-50, 2006. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v7n2/v7n2a07.pdf>>.

SEQUEIRA, V. C.; STELLA, C. Preparação para a adoção: Grupo de apoio para candidatos. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 1, p. 69-78, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193830151006.pdf>>.

SILVA, A. M.; KEMMELMEIER, V. S. Vivências de famílias que adotaram pré-adolescentes e o mito da adoção tardia. **Publicatio UEPG**, v. 18, n. 2, p. 97-112, 2010.

SILVA, P. S. **O processo de construção da parentalidade no contexto da adoção** – Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

WEBER, L. **Aspectos Psicológicos da Adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.

WEBER, L. N. D.; PEREIRA, C. L. Processo de revelação e busca pelas origens biológicas: perspectiva do filho por adoção. In LADVOCAT, C.; DIUANA, S. **Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família**. São Paulo: Roca, 2014.

WEBER, L. N. D.; SELIG, G. A.; BERNARDI, M. G.; SALVADOR, A. P.V. Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**, v. 16, n. 25, p. 407-414, 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS INTEGRADAS

A presente tese, ao articular uma revisão integrativa da literatura, a construção do Treinamento de Orientação Parental para Pais Adotivos (TOPA) e sua aplicação empírica, contribui de forma significativa para a compreensão e fortalecimento da parentalidade adotiva, especialmente na primeira infância.

O primeiro estudo, por meio da revisão integrativa, evidenciou que, embora existam programas nacionais e internacionais voltados para o período pós-adoção, ainda há escassez de políticas públicas e intervenções sistemáticas que atendam às especificidades das famílias adotivas. Destacou-se que os pais enfrentam desafios singulares, como lidar com traumas pregressos das crianças, compreender e construir sua parentalidade em meio a mitos sociais e pessoais sobre a adoção, e manejar comportamentos infantis desafiadores. A revisão reforçou a importância de materiais práticos e estratégias acessíveis que auxiliem os pais no cotidiano familiar, apontando para a necessidade de intervenções psicoeducacionais contextualizadas, capazes de fortalecer vínculos e reduzir o risco de devolução.

O segundo estudo abordou a construção do TOPA, demonstrando que é possível articular produção científica, prática profissional e marcos legais em um programa de orientação parental estruturado, preventivo e replicável. Ao centrar-se na primeira infância, o treinamento atua em um período de elevada plasticidade neural e consolidação de vínculos afetivos, favorecendo a vinculação e a segurança emocional. Além disso, a proposta reconhece a parentalidade adotiva como um fenômeno multidimensional, dependente de múltiplos sistemas — família, rede socioprotetiva, políticas públicas e grupos de apoio — e não se limita à abordagem clínica individual. A concepção do TOPA priorizou metodologias ativas, como psicoeducação, dramatizações e dinâmicas de grupo, com o objetivo de ampliar o repertório parental, promover reflexão crítica sobre práticas educativas e fortalecer a função cuidadora.

O terceiro estudo consistiu na aplicação empírica do TOPA e na análise de seus efeitos sobre os participantes. Os resultados qualitativos indicaram que o treinamento foi percebido como um espaço seguro de acolhimento, aprendizagem e troca de experiências, contribuindo para o autoconhecimento, maior segurança emocional e intenção de aplicar os conteúdos aprendidos no cotidiano familiar. Os achados quantitativos, a partir do Índice de Estilos Parentais (IEP), revelaram uma tendência de aumento de práticas parentais positivas e redução de práticas negativas, com destaque para melhorias em monitoria e comportamento moral. Observou-se também que, em alguns casos, reduções pontuais nos escores refletiram maior consciência crítica sobre práticas parentais previamente naturalizadas, efeito esperado em

processos psicoeducativos. Outro achado relevante foi a valorização da dimensão grupal, evidenciando que a interação entre participantes funciona como um fator protetivo e rede de apoio simbólica, essencial para reduzir o isolamento parental e prevenir rupturas familiares.

Apesar das contribuições relevantes, a pesquisa apresenta limitações. A amostra reduzida e predominantemente escolarizada restringe a generalização dos resultados, enquanto a aplicação online, embora ampliando o alcance geográfico, apresentou desafios de adesão e compreensão dos instrumentos. A ausência de acompanhamento longitudinal limita a análise da manutenção das mudanças observadas nas práticas parentais e no desenvolvimento infantil.

Como desdobramentos futuros, sugere-se: (1) a ampliação do número de encontros e aprofundamento de temas complexos, como violência, transgeracionalidade e sexualidade infantil; (2) a aplicação do TOPA no período pré-adotivo e em diferentes faixas etárias; (3) estudos com amostras mais diversificadas e acompanhamento longitudinal; e (4) adaptação do programa para diferentes configurações familiares e contextos institucionais.

Em síntese, o TOPA se consolida como uma intervenção psicoeducacional promissora, capaz de articular ciência, prática e políticas públicas, reconhecendo a parentalidade adotiva como um processo construído, atravessado por afetos, histórias e desafios reais. Investir em orientação e suporte contínuo às famílias adotivas não apenas fortalece vínculos e competências parentais, mas também constitui uma estratégia de proteção à infância e adolescência, reforçando a necessidade de políticas públicas intersetoriais que acompanhem a criança e a família para além da sentença judicial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS

ALVES, Jéssika Rodrigues; HUEB, Martha Franco Diniz. Um estudo de caso sobre adoção de uma criança mais velha. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 71-86, jun. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n1a7>>. Acesso em: 18 out. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMICHAH-HAMBURGER, Y.; KLOMEK, A. B; FRIEDMAN, D.; ZUCKERMAN, O.; SHANI-SHERMAN, T. The future of online therapy. **Computers in Human Behavior**, 41, p. 288-294, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.09.016>>.

AMORIM, A. F.; SKULNY, R. S. Compreendendo os filhos adotivos. In: PEREIRA, V. A. (Org.) **Parentalidade adotiva: estudos, diálogos e reflexões**. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Veronica-Pereira-11/publication/349855907_Parentalidade_adotiva_Estudos_dialogos_e_reflexoes/links/6048fa4445851543166b6ce1/Parentalidade-adotiva-Estudos-dialogos-e-reflexoes.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS BRASILEIROS. **Adoção Passo a Passo**. Cartilha da adoção de Crianças e Adolescentes no Brasil, 2014. Disponível em: <<http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/adocaopassoapasso.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

AVERY, R. J. **Strengthening and preserving adoptive families: a study of TANF-funded post adoption services in New York state**. Ithaca: Cornell University, 2004.

BALBINO, F. S.; YAMANAKA, C. I.; BALIEIRO, M. M. F. G.; MANDETTA, M. A. Grupo de apoio aos pais como uma experiência transformadora para a família em unidade neonatal. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 2, p. 297-302, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150040>>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BATISTA, Gabriella Ramalho. **Avaliação sobre vínculo e reinserção familiar em centros de referência especializada em assistência social na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2021.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology**, v. 4, n. 1, 1971.

BECK, J. S. **Terapia Cognitivo-comportamental: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BÉRGAMO, L. P. D.; BAZON, M. R. Experiências infantis e risco de abuso físico: mecanismos envolvidos na repetição da violência. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 24, n. 4, p. 710-719, 2011.

BOLSONI-SILVA, A.; LOUREIRO, S. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia**, v. 21, n. 48, p. 61-71, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100008>>.

BORGES, C. A. P.; SCORSOLINI-COMIN, F. As adoções necessárias no contexto brasileiro: características, desafios e visibilidade. **Psico-USF**, v. 25, n. 2, p. 307–320, abr. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-82712020250209>>.

BORGES, M. S.; SANTOS, M. B. C.; PINHEIRO, T. G. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 4, p. 609-616, 2025.

BORGES, R. S. P. C. **A religião em psicoterapia**: experiências de terapeutas com clientes religiosos – Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2015.

BOTELHO, E.; CAVALCANTE, L.; SILVA, F.; FERNANDES, R. Adoção de crianças negras: a visão de profissionais que atuam no sistema jurídico da infância e juventude. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**, v. 10, n. 19, p. 205-225, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.63595/rbhcs.v10i19.10681>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.873/2013. Dispõe sobre a licença maternidade em condições de adoção e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 out. 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12873.htm>. Acesso em: 20 dez. 2025

BRASIL. Lei nº 12.010, de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 ago. 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm>.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 mar. 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm>. Acesso em: 27 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024. Dispõe sobre a Parentalidade positiva e o direito de brincar. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, DF. 2024. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14826.htm>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 jun. 2024.

BREITENSTEIN, S.; GROSS, D.; FOGG, L.; RIDGE, A.; GARVEY, C.; JULION, W.; TUCKER, S. The Chicago Parent Program: comparing 1-year outcomes for African American and latino parents of young children. **Research in Nursing & Health**, v. 35, n. 5, p. 475-489, 2012.

BRITO, H. L. **Coping Religioso**: implicações para a prática clínica – Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

BRODZINSKY, D.; HUFFMAN, L. Transition to adoptive parenthood. **Marriage & Family Review**, v. 12, p. 267-286, 1988.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Making human beings humans**. Thousand Oaks: SAGE, 2005.

BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In: SMELSER, N.; BALTES, P. **International encyclopedia of the social and behavioral science**, 2001.

CAMPOS, N. **Reflexões a partir do grupo de preparação para adoção**: as angústias da espera e suas implicações na tarefa de luto pela infertilidade e pelo filho idealizado. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2012. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/informacoes/publicacoes-textos-e-artigos/textos-e-artigos/2013-a-2011/reflexoes-a-partir-do-grupo-de-preparacao-para-adocao-as-angustias-da-espera-e-suas-implicacoes-na-tarefa-de-luto-pela-infertilidade-e-pelo-filho-idealizado>. Acesso em: 22 jun. 2024.

CANTINI, A. A proteção dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. *Revista Sociais e Humanas*, v. 21, n. 2, p. 69-76, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/761/0>.

CARVALHO, A. M.; MALAGRIS, L. E.; RANGE, B. **Psicoeducação em terapia cognitivo-comportamental**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2019.

CECCONELO, A. M.; KOLLER, S. H. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de família em situação de risco. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 515-524, 2003.

COHEN, J.; MANNARINO, A. Preditores de resultado do tratamento em crianças abusadas sexualmente. **Abuso e Negligência Infantil**, v. 24, p. 983-984, 2000.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CONCEIÇÃO, Tatiana. **Acolhimento de crianças e adolescentes**: ausência de política pública ou negligência familiar? Um olhar do CREAS sobre o acompanhamento dessas

famílias. 7º Encontro Internacional de Política Social, 14º Encontro Nacional de Política Social, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/25831>>. Acesso em: 20 set. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Diagnóstico sobre devolução de crianças e adolescentes em estágio de convivência e adotadas**. Brasília: CNJ, 2024. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2024/11/diagnostico-devolucao-criancas-adolescentes-estagio-convivencia-adotadas.pdf>>.

DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as a context: an integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 3 p. 487-496, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>>.

DINIZ, E.; KOLLER, S. H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar**, n. 36, p. 65-76, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/rGkKHtMrZ4rRqJS8MT6WcHs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

DOLTO, F. **Dialogando sobre crianças e adolescentes**. Campinas: Papirus, 1989.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FIOROTT, J. G.; PALMA, Y. A.; ECKER, D. D. Conceito de grupo-dispositivo no apoio à adoção: desnaturalizando significados instituídos. **Ciências Psicológicas**, v. 13, n. 2, p. 390-397, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.22235/cp.v13i2.1895>>.

FIUZA, W.; LHULLIER, C. Possíveis aplicações da técnica de role-play no atendimento a famílias adotantes. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 2, p. 20-36, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2024.

FRIZZO, G.; MACHEMER, R. S.; SILVA, P.; COLOGNESE, S.; NADDEO, L.; SOARES, E. L. A metodologia IDEAS numa intervenção para a parentalidade por adoção. **Revista Brasileira de Avaliação**, v. 11, n. 3, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/rbaval202211024>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

GALHEIGO, Sandra. O abrigo para crianças e adolescentes: considerações acerca do papel do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 85-94, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13921>> . Acesso em: 22 jun. 2024.

GOES, A. **(Des)caminhos da adoção: a devolução de crianças e de adolescentes em famílias adotivas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014

GOES, A. E. D. Criança não é brinquedo! A devolução de crianças e adolescentes em processos adotivos. **(Syn)thesis**, v. 7, n. 1, p. 85-93, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/synthesis.2014.17350>>.

GOLDING, K. S. Developing prescriptive support for foster carers and adoptive parents. **Adoption & Fostering**, v. 31, n. 3, p. 39-48, 2007.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais – Modelo Teórico**: manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOMIDE, P. **Inventário de estilos parentais (IEP)**: fundamentação teórica, instruções de aplicação, apuração e interpretação. 4 ed. Curitiba: Juruá Editora, 2021.

GONDIM, A.; CRISPIM, C.; FERNANDES, F.; ROSENDO, J.; BRITO, T.; OLIVEIRA, U.; NAKANO, T. Motivação dos pais para a prática da adoção. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 161-170, 2008.

GUSMÃO, M.; CAMINHA, R. **Intervenções e treinamento de pais na clínica infantil**. 2 ed. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2022.

HARTINGER-SAUNDERS, R. M.; TROUTEAUAD, A.; MATOS JOHNSON, J. The effects of postadoption service need and use on child and adoptive parent outcomes. **Journal of Social Service Research**, v. 4, n. 1, p. 75-92, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01488376.2014.953286>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

HOFFMAN, M. Moral Internalization, parental power, and the nature of parent child interaction. **Developmental Psychology**, v. 11, n. 2, p. 228–239, 1975. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0076463>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

HOGHUGH, M. Parenting – An introduction. In HOGHUGH, M.; LONG, N. **Handbook of parenting**: theory and research for practice. Nova York: Sage Publications, 2004.

JOBE-SHIELDS, L.; MORELAND, A.; HANSON, R.; DUMAS, J. Parent–child automaticity: links to child coping and behavior and engagement in parent training. **Journal of Child and Family Studies**, v. 24, n. 7, p. 2060-2069, 2015. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-014-0007-4>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

JOHNSON, D. Adoption and effect on children’s development. **Early Human Development**, v. 68, p. 39-54, 2002.

KNIJNIK, D. Z.; KUNZLER, L. S. Psicoeducação e reestruturação cognitiva. In MELO, W. V. **Estratégias psicoterápicas e a terceira onda em terapia cognitiva**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

LEVY, L.; DIUANA, S.; PINHO, P. O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas. **Mudanças**, v. 17, n. 1, p. 39-42, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-645824>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

LIMA, M. C. **Monografia**: a engenharia de produção acadêmica. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MACÊDO, L. A dinâmica perversa na adoção: interrogando sobre filiação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, n. 17, v. 3, p. 696-705, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n3-Suppl.p696.11>>.

MARIN, A.; MARTINS, G.; FREITAS, A.; SILVA, I.; LOPES, R.; PICCININI, C. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 123-132, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MARINS, K. C.; MARINS, R.; ELOY, C. Grupo ELO: conversando sobre adoção: relato de experiência. **Anais da X Mostra de Iniciação Científica da CESUCA**, v. 10, 2016. Disponível em: <<https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/1161>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MATTOS, M.; HERNANDES, M.; ELOY, C. Adoção e devolução: a criança devolvida. **IV Congresso de Psicologia da UNIFIL**, 2011. Londrina: UNIFIL, 2011.

MEDEIROS, I.; RAMALHO, G.; ROMANO, E.; RAMALHO, L.; SOUZA, I.; PEIXOTO, A. C. Capacitação virtual da rede sócio protetiva de famílias em situação de vulnerabilidade. **Concilium**, v. 23, n. 18, p. 79-94, 2023.

MEDEIROS, I; PEIXOTO, A.C. Revisão integrativa da literatura sobre estilos parentais de famílias abusivas e violência intrafamiliar. In: FINELLI, L.; SOARES, W. **Revisão bibliográfica: o uso da metodologia para produção de textos**. Guarujá: Científica Digital, 2022.

MEDEIROS, I. **Violência intrafamiliar: um estudo a partir da perspectiva dos profissionais da rede socioprotetiva de Mesquita/RJ** – Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

MENEZES, J. A família na constituição de 1988 – uma instituição plural e atenta aos direitos de personalidade. **Novos Estudos Jurídicos**, v. 13, n. 1, p. 119-130, 2008. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2722.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **31º Censo da População Infantojuvenil Acolhida no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: MPRJ, 2023.

MOLINA-MUÑOZ, Lourdes Maria. **A psicoeducação aplicada a um caso de adoção de uma adolescente com TEPT decorrente de abuso sexual**. 2011. Monografia (Especialista em Psicoterapias Cognitivas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/6396c35b-b5b6-4c8b-a630-8cf92592fc7b/content>>. Acesso em: 18 out. 2025.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTEIRO, T. V. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa da literatura. **Psicologia Clínica**, v. 27, n. 1, p. 175-194. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100010>>.

MURTA, S. A prática de grupoterapia sob o enfoque psicoeducativos: uma introdução. In: MURTA, S. **Grupos psicoeducativos: aplicações em múltiplos contextos**. Goiânia: Porã Cultural, 2008.

NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva**. Barueri: Manole, 2015.

NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; LONGHINI, L. Z.; AMARAL, J. A. G. Estratégias de manejo terapêutico com adolescentes. In: NEUFELD, C. B. (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

NÚCLEO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM FAMÍLIAS COM BEBÊS E CRIANÇAS. **Vamos falar sobre adoção inter-racial?** 2023. Recuperado de: <<https://www.ufrgs.br/nufabe/cartilhas/>>.

NUTTALL, A.; VALENTINO, K.; BORKOWKI, J. Maternal history of parentification, maternal warm, responsiveness, and children's externalizing behavior. **Journal of Family Psychology**, v. 26, n. 5, p. 767-775, 2012.

OLIVEIRA, J.; ALVARENGA, P. Efeitos de uma intervenção com foco nas práticas de socialização parentais sobre os problemas internalizantes na infância. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 17, n. 2, p. 16-32, 2015. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-869611>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

OLIVEIRA, M. L. S.; MAGALHÃES, C. M. C.; PEDROSO, J. S. Família adotante: estudo de caso de adoção tardia. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 9, p. 22-36, 2013.

PACHECO, T.; REPPOLD, C. Terapia cognitivo-comportamental para os transtornos de comportamento disruptivo: modelo de treinamento parental. In: PETERSEN, C.; WAINER, R. **Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes: ciência e arte**. Porto Alegre: Artmed, p.152-169, 2011.

PAIM, K.; ROSA, M. O papel preventivo da terapia do esquema na infância. In: WAINER, R.; PAIM, K.; ERDOS, R.; ANDRIOLA, R. (Orgs.). **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PAIVA, L. **Adoção: Significados e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (Enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 1, p. 126-135, 2007.

PASIN, H. C.; FIOROTT, J.; HENSEL, B.; GIACOMOZZI, A. I.; BOUSFIELD, A. B. Grupos reflexivos sobre adoção de crianças e adolescentes: temas emergentes. **Revista da SPAGESP**, v. 23, n. 1, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100003>. Acesso em: 22 jun. 2024.

RABELLO, L. **O futuro da infância e outros escritos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

RASERA, Emerson F.; ROCHA, R. M. A atuação do psicólogo em grupos na atenção primária à saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 380-395, 2010.

RESMINI, G. F. **A construção da parentalidade na adoção tardia**: formação de vínculos e adaptação inicial na adoção de crianças entre três e cinco anos – Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

RIEDE, J.; SARTORI, G. Adoção e os fatores de risco: do afeto a devolução das crianças e adolescentes. **Perspectiva**, v. 37, n. 138, p. 143-154, 2013. Disponível em: <https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/138_354.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

RIZZINI, I. Crianças e menores do pátrio poder ao pátrio dever: um histórico da legislação para a infância no Brasil. In: RIZZINI, I.; PILOTTI, F. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Ed. 2. São Paulo: Cortez, p. 96-149, 2009.

RIZZINI, Irene.; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

ROBERTI JUNIOR, J.P. Evolução jurídica do direito da criança e do adolescente no Brasil. **Revista da UNIFEBE**, v. 1 n. 10, p. 105-122, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/7>>

ROCHA, M.; FREITAS, M. Intervenção para pais adotivos na perspectiva da análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, v. 13, n. 2, p. 33-45, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ROEMER, L.; ORSILLO, S. Uma terapia comportamental baseada em aceitação para o transtorno de ansiedade generalizada. In: BARLOW, D. **Manual clínico dos transtornos psicológicos**: tratamento passo a passo. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROSSATO, J.; FALCKE, D. Devolução de crianças adotadas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 18, n. 1, p. 128-139, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 fev. 2024.

SALAZAR, A.; DAY, A.; THOMPSON, J.; YOUNG, E.; PODSOBINSKI, J.; FOWLER, J.; VANDERWILL, L.; SPIERS, S.; KONGIRA, M. Avaliando a eficácia do currículo nacional de treinamento e desenvolvimento (NTDC) para a melhoria do conhecimento e habilidades dos pais acolhedores e adotivos, 2024. Disponível em: <<https://spaulding.org/wp-content/uploads/2023/09/avaliacao-do-NTDC-condensada-final-sem-bibliografia.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

SAMPAIO, D.; MAGALHÃES, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. Pedras no caminho da adoção tardia: Desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 311-324, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tpsy/a/Cx4bFKrqTrPzL3vHsbCZmD/>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SANTOS, C. P.; FONSÊCA, M. C. S. M.; FONSÊCA, C. M. S. M. S.; DIAS, C. M. S. B. Adoção por pais solteiros: desafios e peculiaridades dessa experiência. **Psicologia: teoria e prática**, v. 13, n. 2, p. 89-102, 2011.

SCHMIDT, B.; STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 1, p. 01-18, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100002>. Acesso em: 22 jun. 2024

SCHMITT, F.; ARPINI, D.; KOSTULSKI, C. Percepções de participantes de um grupo de apoio à adoção acerca desta experiência. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 1, p. 152-173, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMATO, L. M.; SANTOS, M. A. Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção: a espera compartilhada do futuro. **Revista da SPAGESP**, v. 7, n. 2, p. 40-50, 2006. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v7n2/v7n2a07.pdf>>.

SEABRA-SANTOS, M.; GASPAR, M.; AZEVEDO, A.; HOMEM, T.; GUERRA, J.; MARTINS, V.; LEITÃO, S.; PIMENTEL, M.; ALMEIDA, M. MOURA-RAMOS, M. Incredible Years parent training: what changes, for whom, how, for how long? **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 44, p. 93-104, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.04.004>>.

SEQUEIRA, V. C.; STELLA, C. Preparação para a adoção: Grupo de apoio para candidatos. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 1, p. 69-78, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193830151006.pdf>>.

SILVA, A. M.; KEMMELMEIER, V. S. Vivências de famílias que adotaram pré-adolescentes e o mito da adoção tardia. **Publicatio UEPG**, v. 18, n. 2, p. 97-112, 2010.

SILVA, J.; SILVA, E. Adoção: da idealização ao fracasso. In: **Anais do Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, Niterói: ANINTER, 2012, p. 1-17.

SILVA, L., NUNES, C.; ALMEIDA, A. S. Complexidade da concepção de parentalidade em famílias adotivas. **Revista Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 198-201, 2017.

SILVA, M.; ARPINI, D.; POLLI, R. Conversando sobre adoção: promovendo o diálogo através de uma cartilha. **Anais do XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão Responsabilidade socioambiental**. Santa Maria, 2010.

SILVA, P. S. **O processo de construção da parentalidade no contexto da adoção** – Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SILVA, P.; COMERLATO, L.; WENDILING, M.; FRIZZO, G. Fatores que influenciam a transição para a parentalidade adotiva: uma revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, v. 11, n.3, p. 319-334, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.4013/ctc.2018.113.04>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUSA, M.; CRUZ, O. A relação entre as representações acerca das figuras parentais e as competências sociais em crianças maltratadas e não maltratadas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, n. 2, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32224>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUZA, A. B. L.; BELEZA, M. C. M.; ANDRADE, R. F. C. Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 5, n. 5, 2012.

SOUZA, T.; SILVA, D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <<https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>>. Acesso em: 22 jun. 2024.

TABORDA, C. **Adoção: a família no processo adotiva**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014.

TAVARES, P. S. A Política de Atendimento. In: MACIEL, K. **Curso de Direito da Criança e do Adolescente: aspectos teóricos e práticos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lúmen Júris Editora, p. 297-351, 2010.

VAN LONDEN, W.; JUFFER, F.; VAN IJZENDOORN, M. Attachment, cognitive, and motor development in adopted children: short-term outcomes after international adoption. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 32, n. 10, p. 1249-1258, 2007.

VIEIRA, J. **Os filhos que escolhemos: discursos e práticas da adoção em camadas médias**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

WEBER, L. **Aspectos Psicológicos da Adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.

WEBER, L. **Filhos adotivos, pais adotados: depoimentos e histórias de escolhas**. Curitiba: Gráfica Capital, 2007.

WEBER, L. N. D.; SELIG, G. A.; BERNARDI, M. G.; SALVADOR, A. P.V. Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**, v. 16, n. 25, p. 407-414, 2006.

WEBER, L., N. D.; PEREIRA, C. L. Processo de revelação e busca pelas origens biológicas: perspectiva do filho por adoção. In LADVOCAT, C.; DIUANA, S. **Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família**. São Paulo: Roca, 2014.



APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Assinado pelos pais)

- 1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a autorizar sua participação (a) na pesquisa intitulada: T.O.P.A. Treinamento de orientação parental para pais no processo de pós adoção. Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ.
- 2) Nesta pesquisa pretendemos implementar um treinamento focado na orientação parental de pais que já estão com seus filhos adotivos. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o fortalecimento do vínculo familiar, desmistificando questões sobre a adoção e consequentemente auxiliando na não devolução de crianças para as casas de acolhimento.
- 3) O participante será convidado a participar de atividades individuais ou em grupo, de maneira híbrida, tendo um encontro de forma presencial e um de maneira online; os encontros de forma presencial acontecerão na Associação Vida Plena de Mesquita, enquanto os encontros online serão pela plataforma *meet*. Para participar desta pesquisa, você deverá autorizar por meio da assinatura deste termo. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A pesquisa tem previsão de duração de 3 meses, a ser realizada semanalmente em encontros de 90 minutos de duração.
- 4) Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, o participante sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos desta proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios, fortalecimento do vínculo familiar, acesso à desmistificação de

mitos sobre adoção, psicoeducação sobre desenvolvimento infantil e sobre a violência, formas de manejo com comportamentos disfuncionais da criança. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

5) Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. A pesquisadora tratará da sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,

declaro que fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro,, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante

Pesquisadora responsável: Ilanna Pinheiro da Costa Medeiros (Doutoranda do PPGPSI – UFRJ). Tel (22) 992242026 E-mail: ilanna.psi@gmail.com



APÊNDICE B

CARTA DE ANUÊNCIA

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **“T.O.P.A: Treinamento de orientação parental para pais no processo de pós adoção”**, a ser realizada na Associação Vida Plena de Mesquita- RJ, localizada na Av Coelho da Rocha, 2.146; Rocha Sobrinho, Mesquita, RJ, pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGSI- Ilanna Pinheiro da Costa Medeiros, sob orientação do Prof. Dr. Ana Claudia de Azevedo Peixoto. O referido projeto tem por objetivo implementar um programa psicoeducativo para pais adotantes que encontram dificuldades no manejo de sua parentalidade, vindo na devolução uma possibilidade. Para atingir este objetivo serão selecionados pais que possuem filhos adotivos dentro da primeira infância que participarão do projeto em três etapas: 01 respondendo um instrumento que visa avaliar estilos parentais ; 02 participando dos encontros semanais que terão por objetivo oferecer atividades que possibilitarão maior compreensão sobre sua parentalidade e maneiras de agir com questões do cotidiano familiar; 03 avaliando o programa através de um questionário de impacto imediato do encontro. Os encontros serão realizados de maneira híbrida, tendo a Associação Vida Plena de Mesquita como local presencial e a plataforma meet como local online. O estudo será conduzido pela doutoranda Ilanna Pinheiro da Costa Medeiros e sua equipe de pesquisa, devidamente identificada. Os encontros serão semanais, em dia e horário acordado com a Instituição e com os participantes, tendo 90 minutos de duração aproximadamente.

Para iniciar o estudo, será apresentado aos participantes o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido no qual serão explicados os objetivos da pesquisa, bem como serão informados os possíveis riscos: sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos desta proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso

se faça necessário. Serão orientados sobre os seguintes benefícios: fortalecimento da parentalidade, autoconhecimento como base de sua parentalidade, acesso a técnicas de manejo sobre comportamentos disfuncionais da criança, conhecimento sobre formas de violência e suas consequências no desenvolvimento.

Será informado aos participantes que a qualquer momento o mesmo poderá desistir da pesquisa sem prejuízo maior, sendo apenas informado de que não alcançará os possíveis benefícios que poderiam ser atingidos ao finalizar o processo. Caso haja alguma despesa relacionada ao deslocamento, a pesquisadora se compromete fazer o ressarcimento dos valores utilizados. Garantimos a todos os participantes a oportunidade de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação. No caso do não cumprimento dos itens acima, a instituição terá a liberdade de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Ressaltamos que os dados coletados serão tratados de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que versa sobre a Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo e a sua participação, agora ou a qualquer momento. Eu, pesquisadora, estou comprometida com o Código de Ética Profissional do Psicólogo e com a Resolução CNS 466/12 sobre Pesquisas com seres humanos, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Instituição, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Local

Data

(Carimbo e assinatura)

APÊNDICE C

CARTA CONVITE

É pai ou mãe adotivo?
Então, você precisa
participar dessa viagem!

- Possuem filhos entre 0 a 7 anos ?!
- Estão enfrentando dificuldades na parentalidade ou no manejo do comportamento com seu filho(a) ?!
- Se sentem sozinhos ou perdidos nos trilhos da parentalidade adotiva ??

o TOPA pode te ajudar!

O programa T.O.P.A - Treinamento de orientação para Pais Adotivos- está buscando por pais que desejam participar deste treinamento que objetiva instrumentalizar pais que adotaram seus filhos e estão no processo de construção da parentalidade.

Se vocês cumprem os requisitos para esta viagem,
preencha o link de triagem abaixo:

<https://forms.gle/LM51Eeb9eSb6oPED7>

Apoio e financiamento:



APÊNDICE D

TOPA

ENTREVISTA SOCIODEMOGRÁFICA

Somos o TOPA e estamos aqui para ajudá-los na busca de uma parentalidade respeitosa e na melhoria das relações entre pais e filhos. Parabéns por esse passo importante para a sua família, nós não nascemos sabendo ser pai e mãe, são papéis que demandam um aprendizado contínuo e estamos aqui para contribuir nesse caminho.

Dados Pessoais dos Responsáveis pela(s) criança(s):

Nome Completo:
Endereço:
Telefone:
Escolaridade:
Raça ☐ branca ☐ preta ☐ parda ☐ amarela ☐ indígena
Sexo ☐ feminino ☐ masculino
Identidade de gênero:
Estado civil:
Tem filhos biológicos? ☐ sim ☐ não

Dados Pessoais dos Responsáveis pela(s) criança(s):

Nome Completo:
Endereço:
Telefone:
Escolaridade:
Raça ☐ branca ☐ preta ☐ parda ☐ amarela ☐ indígena
Sexo ☐ feminino ☐ masculino
Identidade de gênero:
Estado civil:
Tem filhos biológicos? ☐ sim ☐ não

Dados pessoais da(s) criança(s):

Nome Completo:
Data de nascimento:
Raça ☐ branca ☐ preta ☐ parda ☐ amarela ☐ indígena
Sexo ☐ feminino ☐ masculino
Identidade de gênero:
Foi adotada com quantos meses/anos:
Possui irmãos consanguíneos? ☐ sim ☐ não
Se sim, foram adotados juntos?
Se não, possuem contato com seus irmãos?
A criança já fez ou faz psicoterapia? ☐ sim ☐ não
A criança já fez ou faz tratamento psiquiátrico? ☐ sim ☐ não
A criança é portadora de alguma deficiência? ☐ sim ☐ não

Se sim, qual? _____

Dados pessoais da(s) criança(s)

Nome Completo:		
Data de nascimento		
Sexo () feminino () masculino		
Identidade de gênero:		
Raça () branca () preta () parda () amarela () indígena		
Foi adotada com quantos meses/ anos:		
Possui irmãos consanguíneos?	() sim	() não
Se sim, foram adotados juntos?		
Se não, possuem contato com seus irmãos?		
A criança já fez ou faz psicoterapia?	() sim	() não
A criança já fez ou faz tratamento psiquiátrico?	() sim	() não
A criança é portadora de alguma deficiência?	() sim	() não
Se sim, qual? _____		

Dados sobre o processo de adoção

O processo adotivo foi sua primeira opção como forma de parentalidade? () sim () não		
Se sim, explique o motivo:		
Se não, explique o motivo:		
Houve direcionamento de preferências sobre a criança a ser adotada? () sim () não		
Se sim, explique o motivo:		
Se não, explique o motivo:		
A raça da criança, foi um fator pensado no processo adotivo? () sim () não		
Se sim, explique o motivo:		
Se não, explique o motivo:		

O sexo da criança, foi um fator pensado no processo adotivo?	() sim	() não
Se sim, explique o motivo:		
Se não, explique o motivo:		
A idade da criança, foi um fator pensado no processo adotivo?	() sim	() não
Se sim, explique o motivo:		
Se não, explique o motivo:		
Você teve acesso ao histórico prévio do seu filho?	() sim	() não
Você sabia das possibilidades de consequências emocionais que poderiam acompanhar seu filho?		
	() sim	() não
Você já pensou em devolver seu filho?	() sim	() não
Se sim, explique o motivo:		
Se não, explique o motivo:		
Houve algum apoio por parte da Vara da Infância e Adolescência no pós adoção?		
	() sim	() não
Se sim, qual tipo?		

Se não, o que você gostaria ou esperaria por parte da instituição?

De 0 a 5 sendo 0 “precisa melhor” e 5 “está muito bom”, como você classificaria:

Sono	
Alimentação	
Aquisições motoras	
Fala	
Questões escolares	
Relacionamento com outras crianças	
Relacionamento com outros adultos	
Comportamentos “problema”	

Por que decidiram participar do T.O.P.A?

Quais valores (valor pode ser entendido sobre aquilo que fazemos ou temos ou desejamos ter que gera sentido para nós) norteiam sua família?

Quais as maiores dificuldades na criação do seu filho(a)?

10) Quais potências você vê na relação com seu filho(a)

APÊNDICE E

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO IMPACTO IMEDIATO DA SESSÃO

O objetivo deste questionário é conhecer como você se sentiu na sessão de hoje. Leia com atenção e indique um “x”, para cada afirmação, como você está se sentindo em relação ao encontro de hoje. Para isso, você deverá dar a cada frase um valor, que varie de 1 a 3. Quanto mais forte a sua reação, maior será o número que você deve dar a esta frase.

Os números significam o seguinte:

- 1- Não aconteceu comigo.
- 2- Aconteceu comigo um pouco.
- 3- Aconteceu comigo bastante.

1. Me senti com vontade de cuidar mais do meu bem-estar.	1	2	3
2. Fiquei tenso.	1	2	3
3. Percebi melhor que problemas me desafiam.	1	2	3
4. Descobri algo sobre o que fazer para lidar com meus problemas.	1	2	3
5. Tive sentimento de culpa.	1	2	3
6. Descobri que faço tempestade em copo d'água em certas situações.	1	2	3
7. Percebi que cuido mais dos outros do que de mim mesmo.	1	2	3
8. Me senti relaxado.	1	2	3
9. Questionei se vir a estes encontros vale a pena.	1	2	3
10. Me compreendi um pouco mais.	1	2	3
11. Tive confiança no grupo.	1	2	3
12. Pensamentos desagradáveis me invadiram a cabeça.	1	2	3

13. Percebi que já tomei iniciativas para cuidar de mim mesmo.	1	2	3
14. Me senti aliviado.	1	2	3
15. Compreendi melhor algumas pessoas com quem eu me relaciono.	1	2	3
16. Me senti com mais coragem para enfrentar certos problemas.	1	2	3
17. Me senti distraído e “voando” em alguns momentos.	1	2	3
18. Me senti desanimado em cuidar mais de mim mesmo.	1	2	3
19. Desejei realizar projetos de vida.	1	2	3
20. Senti que o grupo me rejeitou.	1	2	3
21. Percebi que tenho forças para viver.	1	2	3
22. Tive vontade de desistir de participar destes encontros.	1	2	3
23. Me senti confiando mais em mim mesmo.	1	2	3

APÊNDICE F
CADERNO DE PAIS



APRESENTAÇÃO

Olá queridos pais,
Este caderno foi desenvolvido como forma de apoio e fonte de maiores informações para que o nosso caminho com o T.O.P.A fosse uma viagem possível.

O objetivo principal do T.O.P.A é instrumentalizar pais que adotaram seus filhos entre 0 a 7 anos e que talvez estejam passando por desafios na construção desta parentalidade.

Para isto, cada estação foi construída como forma de apoio em sua viagem; nelas serão encontradas informações importantes e baseadas em ciência sobre a parentalidade.

Além disso, também será um espaço de reflexão e construção de saberes para essa viagem.

**Sendo assim, está preparado
para viajar?**





Desenvolvimento infantil

● O desenvolvimento infantil é uma jornada incrível e cheia de descobertas.

● Por muito tempo a ideia de que “cada criança tem seu ritmo” foi propagada como uma verdade absoluta; porém, os cientistas do desenvolvimento se propuseram a entender através dos **marcos do desenvolvimento** que este ritmo não é algo individual.

● Para isto, os cientistas se baseiam em processos sistemáticos de estabilidade e mudança no desenvolvimento desde a concepção até a maturidade; observando o que se mantém e aquilo que é alterado.

● Logo, desenvolver-se é algo para a vida toda e este fenômeno pode ser olhado através de três domínios: físico, cognitivo e psicossocial (Papalia; Feldman, 2013).



Desenvolvimento infantil

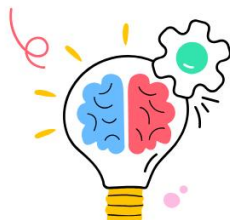
● **FÍSICO:**

Crescimento do corpo e do cérebro, capacidades sensoriais, habilidades motoras e a saúde



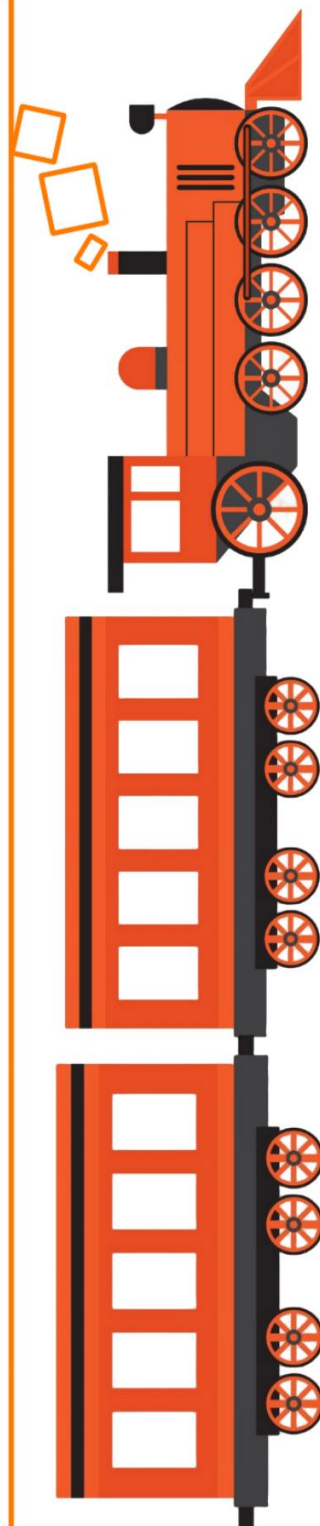
● **COGNITIVO:**

Aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade



● **PSICOSSOCIAL:**

Emoções, personalidade e relações sociais.



Sobre cada etapa

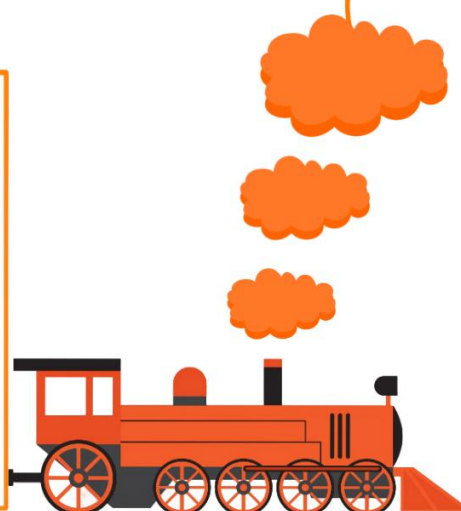
Abaixo você pode acompanhar um quadro com aquilo que é esperado por cada etapa.



PERÍODO PRÉ-NATAL (DA CONCEPÇÃO AO NASCIMENTO)

Desenvolvimento Físico	Desenvolvimento Cognitivo	Desenvolvimento Psicossocial
ocorre a fecundação.	Desenvolvem-se as capacidades de aprender e lembrar, bem como as de responder aos estímulos sensoriais.	O feto responde à voz da mãe e desenvolve a preferência por ela.
Desde o começo a dotação genética interage com as influências ambientais.		
Formam-se estruturas e os órgãos corporais básicos: Inicia-se o surto de crescimento do cérebro.		
O crescimento físico é o mais acelerado do ciclo de vida.		
É grande as vulnerabilidades às influências ambientais.		

(Papalia e Feldman, 2013)



- Bebês não choram para chatear os pais, o choro é a maneira dos bebês de dizer que algo vai mal.
- Quando os bebês choram precisam ser consolados e cuidados para se sentirem seguros e valorizados. Isso significa que estão recebendo o que precisam de afeto e proteção! Coloque ele em posição confortável em seu colo ou braços e tente acalmá-lo cantando uma canção bem baixinho, ou apenas fazendo com que ele se sinta seguro
- Não castigue ou sacuda um bebê que chora. Castigo e punição não resolvem as razões do choro e podem até causar dano cerebral. Além disso, reações severas assustam os bebês e pioram as coisas.
- Entenda que a rotina é a principal aliada neste início de vida. Dedique tempo a descobrir qual é o padrão de sono, fome e até mesmo brincadeiras do seu bebê. A rotina ajuda seu bebê a sentir-se seguro e confiante.

Abaixo você pode acompanhar um quadro com aquilo que é esperado por cada etapa.

PRIMEIRA INFÂNCIA (DO NASCIMENTO AOS 3 ANOS)

Desenvolvimento Físico	Desenvolvimento Cognitivo	Desenvolvimento Psicossocial
No nascimento, todos os sentidos e sistemas corporais funcionam em graus variados.	As capacidades de aprender e lembrar, estão presentes mesmo na primeira semana.	Forma-se vínculos afetivos com os pais e com outras pessoas.
O cérebro aumenta em complexidade e é altamente sensível à influência ambiental.	O uso de símbolos e a capacidade de resolver problemas se desenvolvem por volta do final do segundo ano de vida.	A autoconsciência se desenvolve. Ocorre a passagem da dependência para a autonomia.
O crescimento físico e desenvolvimento das habilidades motoras são rápidos.	A compreensão e o uso da linguagem se desenvolvem rapidamente.	Aumenta o interesse por outras crianças.



Sobre "birras"

Seu filho está crescendo e interagindo cada vez mais! Não espere que as crianças dessa faixa etária fiquem comportadas em lugares como igrejas, reuniões ou supermercados por muito tempo. Nesta fase, o mesmo brinquedo ou a mesma criança como companhia por muito tempo talvez gere conflitos; logo, se preparem para fornecer ajuda ou atenção.

As manhas e birras são típicas e normais nas cidades mas quando ocorrer manhas e birras são típicas e normais nessa idade. Precisamos nos lembrar que NÓS somos o cérebro maduro e precisamos conduzir a criança para fora desta tempestade emocional. Lembre-se: nesta idade podemos ajudar os filhos a nomear suas emoções, isso irá facilitar a comunicação familiar e com outras pessoas.



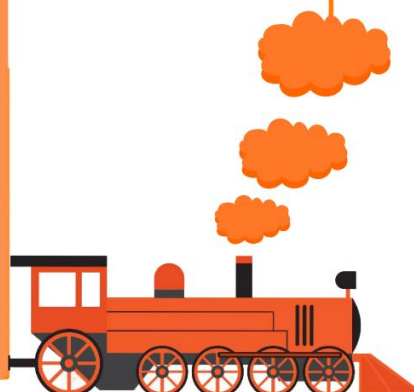
Sobre "birras"

As manhas e birras são típicas e normais nas cidades mas quando ocorrerAs manhas e birras são típicas e normais nessa idade. Precisamos nos lembrar que NÓS somos o cérebro maduro e precisamos conduzir a criança para fora desta tempestade emocional.

Lembre-se: nesta idade podemos ajudar os filhos a nomear suas emoções, isso irá facilitar a comunicação familiar e com outras pessoas.

SEGUNDA INFÂNCIA (3 A 6 ANOS DE IDADE)

Desenvolvimento Físico	Desenvolvimento Cognitivo	Desenvolvimento Psicossocial
O crescimento é constante, a aparência torna-se mais esguia e as proporções mais parecidas com as de um adulto.	O pensamento é um tanto egocêntrico, mas aumenta a compreensão do ponto de vista dos outros.	O autoconceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos, a autoestima é global.
O apetite diminui e são comuns distúrbios do sono.	A imaturidade cognitiva resulta em algumas ideias ilógicas sobre o mundo.	Aumentam a independência, a iniciativa e o autocontrole.
Surge a preferência pelo uso de uma das mãos, aprimoram-se as habilidades motoras finas e gerais e aumenta a força física.	Aprimoram-se a memória e a linguagem. A inteligência torna-se mais previsível.	Desenvolve-se a identidade de gênero.
	É comum a experiência da pré-escola: mais ainda a do jardim de infância.	O brincar torna-se mais imaginativo, mais elaborado e, geralmente, mais social
		Altruísmo, agressão e temor são comuns.
		A família ainda é o foco da vida social, mas outras crianças tornam-se mais importantes



Sobre as brigas!

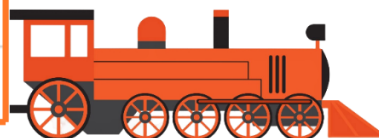
Ensine seus filhos a usar palavras para expressar seus sentimentos.

Quando acontecerem brigas, você pode:

- 1 Pare a briga e primeiro dê atenção à criança machucada para acalmá-la.
- 2 Imponha uma pausa para acalmar a criança agressora a pausa deve ser de um minuto para cada ano de idade da criança.
- 3 Depois de se acalmarem, converse sobre o que aconteceu e o que cada uma sente, vendo as soluções que elas propõem.
- 4 Sempre elogie quando resolverem suas brigas com soluções positivas.
- 5 Mostre seu amor e carinho com ações e palavras, mesmo que não aprove o comportamento da criança. (Exemplo: “ Eu não concordo com o que você fez, porém nunca vou deixar de te amar”), e dê um abraço nela.

TERCEIRA INFÂNCIA (DOS 6 AOS 11 ANOS)

Desenvolvimento Físico	Desenvolvimento Cognitivo	Desenvolvimento Psicossocial
O crescimento torna-se mais lento.	Diminui o egocentrismo. As crianças começam a pensar com lógica, porém concretamente.	O autoconceito torna-se mais complexo, afetando a autoestima.
A força física e as habilidades atléticas aumentam.	As habilidades de memória e linguagem aumentam.	A correlação reflete um deslocamento gradual no controle dos pais para a criança.
São comuns as doenças respiratórias, mas de um modo geral a saúde é melhor do que em qualquer outra fase do ciclo de vida	Ganhos cognitivos permitem à criança beneficiar-se da instrução formal na escola.	Os colegas assumem importância fundamental.
	Algumas crianças demonstram necessidades educacionais e talentos especiais	



- Ajude seu filho a desenvolver um sentimento de competência. Dê a ele oportunidades para desenvolver habilidades como: ajudar em casa, arrumar sua roupa e tocar um instrumento musical.

- Reforce constantemente o entendimento daquilo que é considerado certo ou errado na família de vocês; assim você vai trabalhar os valores da família.

- Mostre quais são as consequências quando obedecem e desobedecem. Demonstre que as ações e comportamentos têm consequências sobre todas as pessoas envolvidas em uma situação: se você fizer isso, ocorrerá o seguinte ou quando fizer isso, acontecerá aquilo.

- Reforce as habilidades como compartilhar, terem empatia, serem cooperativos.

Nesta idade seus filhos estarão constantemente colocando em prática as regras sociais; dê oportunidades a eles de praticarem com vocês através de jogos de mesa, ou brincando com amigos em casa, por exemplo.



Estação Pipoca

● Vamos deixar aqui uma série muito importante que trata do assunto desenvolvimento! Temos certeza que será uma ótima bagagem em sua viagem! A IMPORTÂNCIA DO CONTATO FÍSICO - O Começo da Vida (Geração Amanhã, 2019).



massagens são ótimas também.



*Atenção senhores
passageiros, este trem irá
passar por uma parte
importante de sua viagem*

● Muitos de vocês embarcaram nesta viagem com uma pergunta: O que têm mais peso, os fatores genéticos ou as influências do ambiente? Nos próximos minutos teremos esta resposta.



Personalidade

O que é e como é formada?

- Esse tema tão interessante nos ajuda a entender como cada criança apresenta sua forma de ver e compreender a vida, de como se relaciona com os outros, revela o modo como ela vai pensando sobre o que experiencia, sente e age. Logo, é o jeito de ser de cada uma. Trata-se de uma construção envolvendo fatores genéticos e biológicos, experiências vividas no ambiente em que estamos inseridos e as relações que estabelecemos com as pessoas ao nosso redor durante esses anos formativos.
- Ainda durante a gestação, recebemos dos nossos pais biológicos fatores genéticos que influenciam a nossa formação, algo que não podemos escolher ou evitar. Mas, o que são esses fatores genéticos? São características herdadas, inscritas em nossos genes, que podem, por exemplo, nos predispor a certas condições físicas ou mentais. Entretanto, apesar de influentes, os genes **não são determinantes para a formação da personalidade**. Embora possamos herdar tendências genéticas, estímulos ambientais desempenham um papel crucial na construção de nossas características pessoais.



●Portanto, a personalidade não resulta de um único fator; ela é o produto da interação entre influências genéticas e ambientais, que juntos esculpem nosso modo de ser. Logo, o papel de vocês é fundamental na formação da personalidade de seus filhos. Seu papel de pai ou mãe será decisivo para que eles encontrem sua melhor forma de estar nesta vida, de preferência, de forma saudável. Você sabia que a nossa personalidade começa a se desenvolver nas primeiras relações com nossos cuidadores? Logo, investir nos laços de afeto e vinculação fará a diferença na formação da personalidade.

●Um outro ponto importante na personalidade que precisamos destacar é o nosso **TEMPERAMENTO**, sendo este um conjunto de características individuais que tem uma base biológica; ele é uma espécie de “tempero” que cada um de nós apresentamos ao mundo. Compreender este fato é muito importante para conhecermos melhor nossos filhos e assim termos mais chances de atender as necessidades emocionais e desafios que eles poderão enfrentar.



● O temperamento também irá influenciar o quanto cada criança precisará se sentir vinculada, o quanto precisará de espaço para a autonomia, o quanto precisará receber de limites e a quantidade de reconhecimento, incentivo e validação que precisa, por exemplo. O atendimento dessas necessidades ocorrerá na relação com o cuidador. E, a depender do temperamento, pode ser necessário mais ou menos de cada uma dessas necessidades.

● Para entendermos melhor sobre esse temperamento, podemos começar pelo seu !! Acesse este link e realize esta testagem que é padronizada a nível mundial e fornecerá parâmetros confiáveis para o seu autoconhecimento.

Link do big five : <https://bigfive-test.com/pt>

● Esses traços podem ser medidos através de testagens psicológicas, mas aqui irei ajudar você a refletir sobre o nível de cada um desses fatores em seu filho, Destaco que esse exercício não substitui uma avaliação psicológica. É apenas para você refletir sobre como esses fatores aparecem no jeito de ser do seu filho, certo?



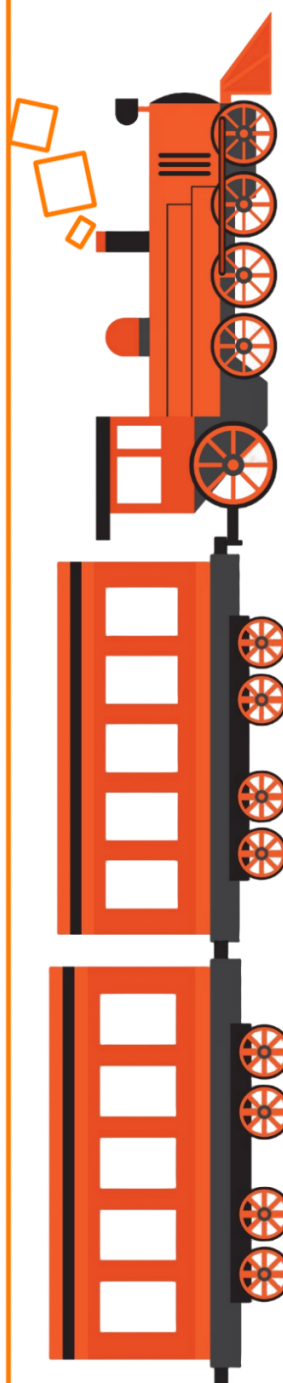


Nossa viagem já já seguirá para a outra estação... mas antes, vamos pensar juntos sobre algumas coisas ??

- 1 Quais aspectos do desenvolvimento do seu filho estão dentro do esperado para a idade?
- 2 O que eu preciso estimular ainda mais para o desenvolvimento ocorrer ? Como estimular?
- 3 Ainda pensa que a genética é o único fator determinante na personalidade do seu filho ?!
- 4 O que eu aprendi ?



Respostas

This image shows a vertical rectangular area filled with horizontal black lines, resembling a page from a notebook or a document template. The lines are evenly spaced and extend across the entire width of the frame. There are no margins, text, or other markings present.

Estação Pipoca

Além disso, recomendamos estes filmes e séries que vocês podem assistir.

- O Contador de Histórias – Youtube
- Três Estranhos Idênticos – Youtube
- Como Estrelas na Terra: Toda Criança é Especial – Google play
- This Is Us – Amazon Prime
- Parenthood – Amazon Prime
- A Estranha Vida de Timothy Green – Disney+



Próxima estação: violência e suas consequências. Essa será uma estação MUITO importante!!! Não somente pelo fato de conhecer situações de que seu filho possa ter passado; mas, de compreender que muitas vezes NÓS reproduzimos a violência. Mas antes, vamos fazer uma pequena transferência que irá te ajudar na viagem por completo.





Sexualidade

- Atenção senhores passageiros, talvez esta seja uma estação de transferência difícil para alguns; porém, podemos afirmar que a viagem está segura, e que conseguirão atravessar essa ponte para a compreensão de um assunto que não deveria ser tabu: a tal da sexualidade!
- A primeira coisa que você precisa entender é que falar sobre o desenvolvimento da sexualidade é um fator PREVENTIVO. Segundo Meyer, “a educação sexual refere-se ao processo que desenvolve ferramentas e conhecimentos relacionados à sexualidade, que se inicia desde antes do nascimento e se prolonga por toda a vida” (2017, p. 44).



- Não é necessário iniciar a educação sexual apenas na etapa adolescência ou na vida adulta. As crianças e adolescentes estão desenvolvendo constantemente sua sexualidade. E isso é saudável. A família tem um papel primordial nesta construção. A ela cabe o dever de transmitir o entendimento sobre o que é admissível ou não, o que é saudável ou não para cada idade. Quando este diálogo ocorre, as consequências são boas. Quanto maior e mais rico o diálogo e as informações providas, melhores e mais ricas serão as formas da criança ou do adolescente para identificação de possíveis situações de risco (Meyer, 2017).
- Tudo isto pode ser feito de forma lúdica e com a participação ativa de ambas as partes; para isso, deixamos aqui uma série de vídeos que tratam exatamente da temática. Assista com seu filho e faça deste um momento de conexão. Os vídeos mais indicados para este momento são do 1 ao 4 ; mas há outros vídeos e temporadas que podem ser usados em outro momento da viagem parental.

Estação Pipoca

▶ Que Corpo É Esse? Episódio 1 - Eu tenho um corpo

▶ Que Corpo É Esse? Episódio 2 - Privado e público

▶ Que Corpo É Esse? Episódio 3 - É de menino ou de menina?

▶ Que Corpo É Esse? Episódio 4 - O direito de dizer não



Estação Leiturinha

● Além deles há também livros que podem ser lidos como família; alguns dele são:

● **Pipo e Fifi**

● **Meu corpo, meu corpinho**

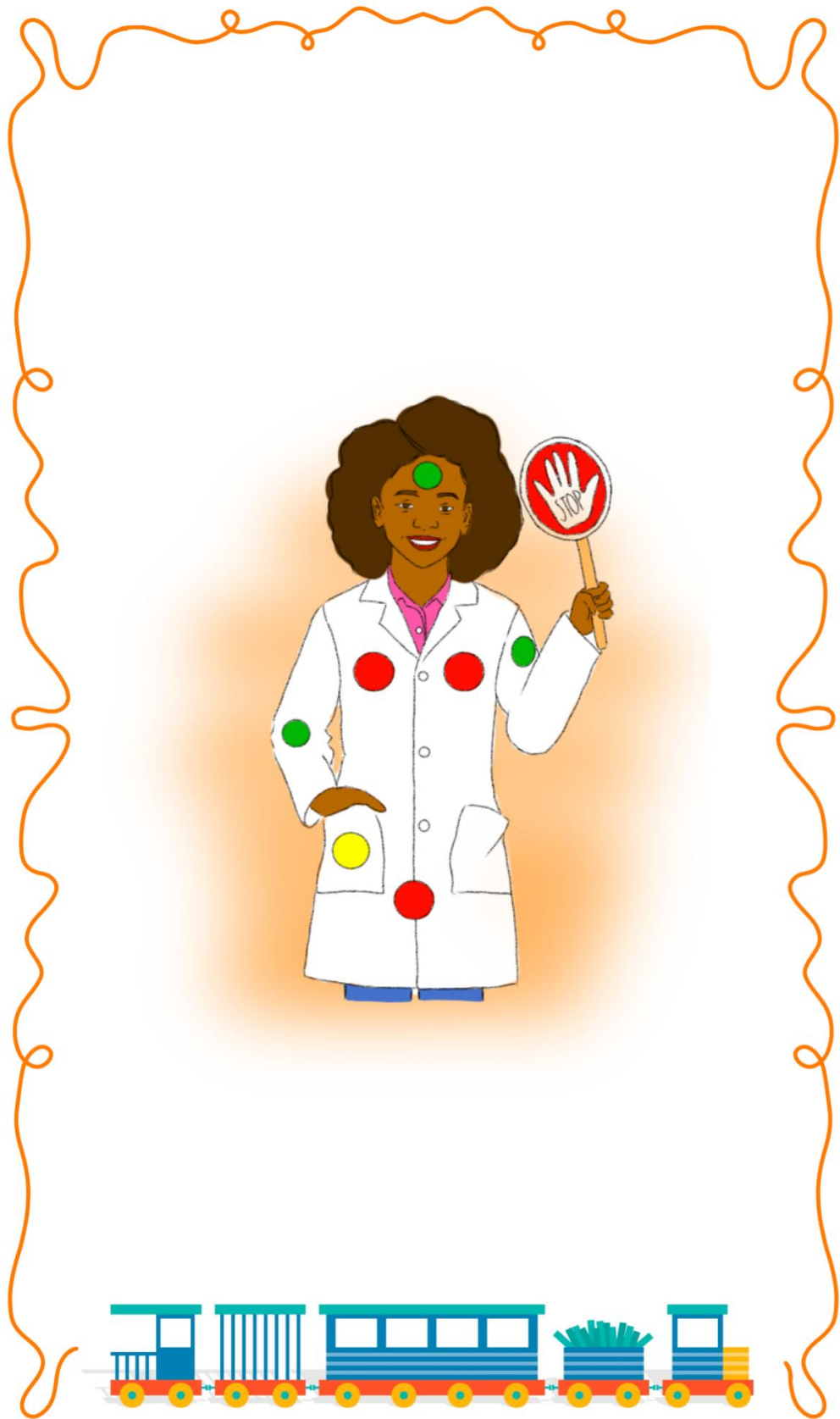
● **Eu me protejo!**

● **Não me toca seu boboca**



● Conversar é sempre o melhor caminho, é a melhor forma de se proteger. Crianças que passaram por situações de violência sexual podem acessar o corpo uma das outras por não compreenderem quais são os toques permitidos. Por suas vivências terem sido abusivas em suas famílias biológicas a reprodução deste comportamento é esperada pois foram desta maneira com que eles aprenderam. Logo, como família precisamos ensinar quais são os toques permitidos e as formas de carinho aceitas em sua casa. Caso veja ou perceba algum comportamento sexualizado por parte do seu filho não faça disto um motivo de brigas ou vexames. Se o comportamento estiver direcionado ao próprio corpo converse sobre o que é público ou privado, ajude-o com os nomes corretos e converse sobre os comportamentos. Se o comportamento estiver direcionado a outras crianças (aos seus irmãos, por exemplo) direcione aos toques que são permitidos, incentive novos comportamentos que serão ensinados por vocês. Mantenha sempre o diálogo aberto para o que NÃO é permitido na família de vocês e insira o que É PERMITIDO. Sabemos que parece assustador o fato dos comportamentos sexualizados estarem presentes; mas, eles são esperados em crianças vítimas de violência. Caso seja necessário, peça ajuda de profissionais que podem auxiliar neste manejo do comportamento.







Atenção senhores passageiros , mesmo sendo um assunto difícil e que mobiliza as emoções, precisamos entender o que é a violência: trata-se de qualquer ação que cause danos físicos, psicológicos, emocionais ou sociais. A violência pode ocorrer em qualquer contexto, dentro de casa, gerando uma violência intrafamiliar - aquela que ocorre quando o agressor é um familiar ou possui vínculo com a vítima.

Quais são os tipos de violências?

- **Violência física:** pode ocorrer como agressões em formas de: tapas, queimaduras, fraturas, beliscões, socos e pontapés, arremessos de objetos etc.
- **Violência psicológica:** pode surgir de ações que geram constrangimento, vergonha ou intimidação. Exemplos: dar nomes pejorativos, menosprezar as ações dela, rir dos defeitos em público, ameaçar que vai bater ou chamar a polícia, desdenhar dizendo que não é seu filho, trancafiar em um cômodo da casa para não sair ou fugir.



Um tipo específico de violência psicológica é a alienação parental - é uma campanha de desprestígio de um dos genitores que induz o afastamento de um dos responsáveis (Diário Oficial da União, Lei nº 13.431/2017).

● **Abuso sexual:** pode de dar pelo uso da criança ou adolescente para satisfação sexual do adulto, com ou sem contato físico. Pode acontecer de diferentes formas:

- Abuso com contato físico, quando há o toque nos órgãos genitais e tentativa de contato físico forçado com intenção sexual, como masturbação, penetração, sexo oral, por exemplo.
- Abuso sexual sem contato físico, ocorre através da exposição dos próprios órgãos ou praticar atos sexuais na frente da criança ou adolescente; observar relações sexuais ou órgãos genitais de outras pessoas sem o consentimento delas; disponibilização de conteúdos pornográficos para a criança ou adolescente.



- **Violência institucional:** pode apresentar-se dentro das instituições ou seus representantes, responsáveis pela criança ou adolescente, como em escolas, casas de acolhimento, centros de detenção juvenil etc.
- **Trabalho infantil:** pode decorrer quando crianças e adolescentes são obrigados, pressionados ou convencidos a realizar tarefas e assumir responsabilidades próprias de adultos, como prostituição infantil e turismo sexual
- **Negligência psicológica:** pode sobrevir da omissão de cuidados afetivos, emocionais e de segurança, deixando as crianças e adolescentes sem suporte emocional adequado. Exemplo: ausência da figura de referência, como pais e cuidadores.
- **Negligência física:** pode aparecer na ausência de atenção às necessidades de cuidados básicos como alimentação, saúde, segurança. É uma falha na supervisão que garante segurança ao filho. Por exemplo, deixar a criança passar fome ou ficar em perigo de risco de vida





Mas quem abusa?

Os abusadores podem ter perfis variados. Alguns mitos cercam o perfil do abusador infantil:

- Nem todo abusador sexual é pedófilo, ou seja, nem todos têm preferência sexual por crianças.
- Abusadores não são exclusivamente homens, embora a maioria seja do sexo masculino. Algumas são mulheres também.
- O abusador não pode ser identificado pela aparência, etnia, nível socioeconômico ou profissão. Eles estão em todas as classes, lugares e situações.
- O abuso nem sempre deixa marcas físicas, sendo importante observar a mudança de comportamento padrão da criança.
- Frequentemente, o abusador é alguém próximo da criança, como familiares ou pessoas com laços afetivos. Por isso, cuidado com as pessoas que frequentam suas casas e cuidam de suas crianças. (Pereira e Williams; 2014)



E quais são as possíveis consequências disso?

Veja o quadro abaixo:



ALTERAÇÕES COGNITIVAS	ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS	ALTERAÇÕES EMOCIONAIS	ALTERAÇÕES FÍSICAS
• Percepção de falta de valor • Percepção de culpa • Diferença em relação aos pares • Baixa concentração e atenção • Transtornos de memória • Desconfiança • Dissociação • Baixo rendimento escolar • Distorções cognitivas, tais como inferências arbitrárias, "tudo ou nada", rotulação inadequada	• Isolamento • Agressões físicas e verbais • Furtos • Fugas de casa • Comportamento hipersexualizado • Abandono de hábitos lúdicos • Mudanças em padrões de alimentação e sono • Comportamentos regressivos, tais como chupar o dedo e fazer xixi na cama • Comportamentos autodestrutivos, como machucar a si mesmo e tentativas de suicídio	• Vergonha • Medo • Ansiedade • Irritabilidade • Raiva • Tristeza • Culpa	• Hematomas e sangramentos • Traumas físicos nas regiões oral, genital e retal • Traumas físicos nos seios, nádegas, coxas e baixo ventre • Cocciceira, infecção e inflamação nas regiões oral, genital e retal • Odores estranhos na área vaginal • Doenças sexualmente transmissíveis • Gravidez • Dores e doenças psicossomáticas • Desconforto em relação ao corpo

Fonte : Habigzang e Koller

Você sabia que a experiência de ser DEVOLVIDO se configura como uma violência?

Mas, o que pode gerar a devolução de filho(a)s ?

Pais que não se preparam emocional e/ou socialmente; que não se estruturam; que não abrem mão das altas expectativas projetadas no filho que chegará; que aceitam crianças maiores só para acelerar a adoção ou por inúmeros outros motivos, muitas vezes não conseguem lidar com problemas que surgem no processo de adoção.



Em geral, se desesperam com a rejeição da criança, com o comportamento inadequado, ou não se consideram competentes para ajudar a criança ou adolescente. Daí acabam descobrindo que, quem precisa de ajuda primeiro são eles próprios. Podendo agir de maneira semelhante aos pais biológicos do adotando/adotado, colocando-o este em situação de rejeição, abandono, vulnerabilidade, causando o que se chama de revitimização - repetição do sofrimento que a criança já teve anteriormente.

Temos mais informações nesse vídeo:

Estação pipoca

AS DEVOLUÇÕES NA ADOÇÃO - por
Angélica Gomes da Silva



Mas, o que fazer se a revitimização já aconteceu? Como auxiliar meu filho neste processo?

A primeira coisa que precisam saber é que TODOS temos necessidades emocionais básicas - necessidades que precisam ser supridas para um desenvolvimento saudável. Logo, é muito importante que você conheça essas necessidades. Vamos lá?



•Vínculo seguro

Diz respeito a criança se sentir segura, aceita e pertencendo ao grupo familiar. Conforme nos relacionamos com nossos cuidadores construímos ideias e memórias emocionais de que podemos contar com os outros e de que somos amados e aceitos ou não. Assim, essa necessidade envolve a criança ter sensação de que tem com quem contar e de que há alguém para cuidar dela, mesmo em um momento de muita fragilidade e vulnerabilidade, sem julgamentos, sem um porém.

Esta necessidade emocional é muito prejudicada em crianças vítimas de violência; afinal elas passaram por violência no ambiente em que deveriam estar seguras; logo há uma tendência a não confiar nas pessoas, achando que vão abandoná-las de novo ou maltratá-las. Para estimular o vínculo seguro no seu filho, você pode: passar tempo de qualidade junto com ele; criar um cantinho de leitura para estarem juntos todas as noites; acompanhá-lo nas tarefas da escola; demonstrar afeto sempre. Lembre-se: **O afeto positivo nunca é demais!! Pois é uma necessidade básica.**



•Autonomia e competência

Diz respeito à sensação da criança de ser aceita e de ter um papel na sociedade, de se sentir valiosa e capaz, tendo uma identidade própria. O atendimento dessa necessidade depende de cuidadores que sejam capazes de dar suporte para a criança e oferecer muitas oportunidades para ela desenvolver habilidades, experimentando sozinha, tentando, errando e acertando.

Crianças vítimas de violência podem se sentir inseguras com as mudanças e novos desafios. Isso é resultado de falhas nas relações com os genitores biológicos ou outras pessoas que passaram pela vida delas impedindo seu crescimento. Para estimular a autonomia do seu filho você pode incentivar que ele resolva pequenos problemas sozinho; incentive a realização de pequenas tarefas em casa e na rua; proponha brincadeiras em que ele possa se expandir, como subir em uma pequena árvore. **É importante lembrar que antes de cobrar autonomia você precisa ENSINAR sobre autonomia.**



•Limites realistas

Diz respeito ao quanto a criança consegue ter autocontrole e adiar o prazer para se desenvolver dentro de uma realidade social, com respeito aos limites e espaço do outro. Limites realistas quer dizer estabelecer limites condizentes com a idade da criança e necessários para o desenvolvimento e estruturação dela. Se não oferecermos limites realistas, podemos ter uma criança com dificuldade de cumprir regras ou de adiar uma vontade imediata por um objetivo a longo prazo, por exemplo.

Crianças vítimas de violência vão apresentar dificuldades para atender os limites, pois não foram educadas até aqui para isso. Por isso, ela precisará de sua consistência e persistência nesta tarefa. Para dar limites realistas ao seu filho, você pode: comunicar de forma clara e simples quais são as regras (o que pode e o que não pode na família); explique sempre os motivos por trás dos limites; tenha o cuidado de estabelecer expectativas que a criança pode alcançar na idade em que está e também de acordo com o que viveu até aqui. Lembre que alguns ensinamentos precisarão de tempo para serem alcançados. **Tenha paciência!!**



•Liberdade de expressão

Envolve ter um cuidador que reconheça a criança como um ser com sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades comuns a todos os seres humanos. É preciso acolher, nomear e auxiliar na expressão dessas emoções, sem inibi-las ou rejeitá-las. Um ponto importante é que não apenas a gente demonstre, mas que a criança tenha a sensação de ser gostada, aceita, amada e pertencente à família do jeito que ela é. Isso quer dizer que a criança, sentindo raiva ou mesmo às vezes se comportando de maneira inadequada, ela será acolhida. Isso se chama amar e aceitar a criança de forma incondicional, sem condições e por inteiro.

Crianças que foram vítimas de violência, costumam ser mais inibidas emocionalmente. Para auxiliar seu filho a se expressar emocionalmente, sugerimos: demonstre seus próprios sentimentos, se permita demonstrar o quanto normal é se sentir triste ou com raiva sendo um modelo positivo. Acolha seu filho no momento de uma desregulação emocional, não fale nada na hora, apenas se comporte dando segurança para ele ou ela; valide os sentimentos do seu filho na hora em que aparecer e ajude-o a nomear o que sente, logo depois, façam um caminho para descobrir quais formas mais funcionais existem para demonstrar e emoção que desregulou.



Espontaneidade e lazer

Diz respeito a criança ter a sensação de que há um espaço para lazer além das preocupações de trabalho e responsabilidades. Envolve a sensação de ter um momento para desconectar das obrigações e poder se expressar de forma espontânea conforme sua realidade e situação no momento. Na verdade, essa necessidade se relaciona com a liberdade para que a criança mantenha sua leveza, sua criatividade e sua alegria. Os pais precisam abrir espaço para momentos de espontaneidade, leveza e diversão, participando ativamente deles.

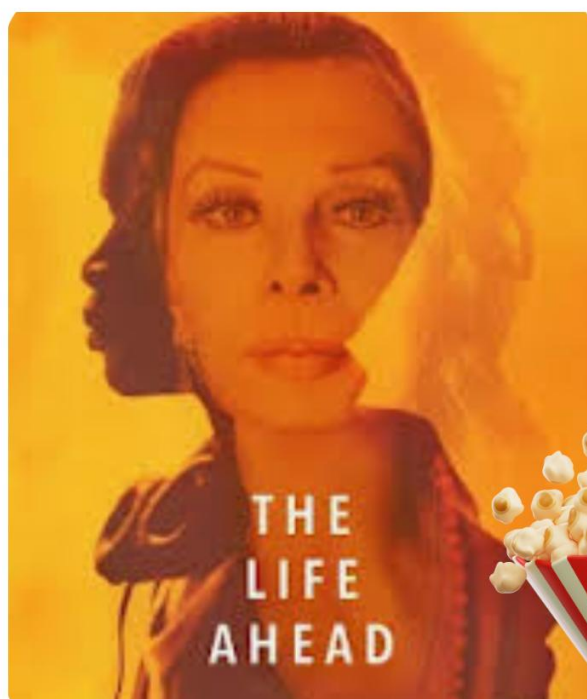
Crianças vítimas de violência muitas vezes acham que não são merecedoras do lazer, da diversão e felicidade. Por isso, para oportunizar lazer a seu filho, vocês podem planejar algumas atividades de lazer em conjunto, como noite do pijama ou da pipoca; estimule atividades ao ar livre dele; motive-o a fazer escolhas que envolvam diversão e elogie ele por isso. Para estimular, apresente um mundo divertido para o seu filho, onde ele é livre para ser CRIANÇA. Repita essas atividades rotineiramente.



Estação Pipoca

Além disso, recomendamos estes filmes e séries que vocês podem assistir.

- Rosa e Momo – Netflix
- Anne with an E – Netflix
- Eu Quero Ir Pra Casa – Youtube
- ReMoved – Youtube
- O Contador de Histórias – Youtube
- Todos Nós, Cinco Milhões – Youtube





RAÇA

Atenção senhores passageiros, esta estação de transferência é fundamental para prosseguirmos viagem. Ela por si só é uma viagem que como indivíduos devemos embarcar; mas, de forma específica, na parentalidade por adoção por muitas vezes desconsideramos a questão da raça. Logo, esta estação tem como objetivo demarcar que questões de raça devem ser compreendidas e debatidas em família.

- Como aprendemos na última estação, o seu filho passou por algum tipo de violência, e no Brasil, o racismo é um dos principais agentes de violência. Para isso, demarcamos o que é racismo através do olhar de Schucman(2010,p.44);a autora afirma que :

“Considero racismo qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça. Pois, mesmo que essa ideia não tenha nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à “raça” significa legitimar diferenças sociais a partir da naturalização e essencialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais”.



RAÇA

- Segundo dados do Centro de Desenvolvimento Infantil da Universidade de Harvard (IDOETA, 2020), há **quatro maneiras de crianças pretas sofrerem os efeitos do racismo**: “o corpo em estado de alerta constante; mais chance de doenças crônicas ao longo da vida; saúde e educação precária; e por último, os responsáveis fragilizados” (IDOETA, 2020, p.1)
- Logo, compreender esta dinâmica que envolve fatores do desenvolvimento, individuais e subjetivas e principalmente, se tornar fator de proteção e auxiliar na construção da sua identidade etnico racial é de extrema importância para um desenvolvimento saudável.
- “O racismo sofrido durante a infância impacta na autoimagem do indivíduo como no reconhecimento da identidade racial como negativa, na baixa autoestima e no sentimento de inferioridade perante seus pares, assumindo comportamentos de isolamento” (Ribeiro, Rabelo, Cunha, Almeida e Soares; 2021, p. 2877). O impacto disto no processo de desenvolvimento deixa estas crianças mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemas na saúde mental, por exemplo. Portanto, o fortalecimento no âmbito familiar é basal para o desenvolvimento minimamente saudável.



Nossa melhor ferramenta é a compreensão da temática e a execução de práticas anti racistas;

para isto, nesta estação teremos o apoio de uma outra ferrovia que construiu caminhos e alcançou novos horizontes ao falar de adoção e raça. Desta forma, você será redirecionado a cartilha construída pelo programa **Adoção início de novos vínculos (NUFABE,2023)**. Acesse a mesma para acompanhar informações sobre questões de RAÇA e adoções INTER RACIAIS.

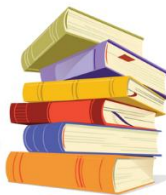
https://www.ufrgs.br/nufabe/wp-content/uploads/2023/11/Cartilha_-Adocao-Inter-racial-corrigida-4-2-1.pdf

Além disso, podemos construir saberes com nossos pequenos, realizando a troca de informações . Deixamos aqui alguns episódios que vocês podem assistir como família!

Lápis cor-da-pele |
Que Corpo É Esse? 3ª Temporada
Meu nome é Maalum!



Estação leiturinha



A leitura é uma outra ferramenta que além de gerar conexão e vínculo pode auxiliar nesta construção dando oportunidades para trocas de informações.

- Flávia e o bolo de chocolate :

[Flávia e o bolo de chocolate | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

- Da cor que eu sou

[Da cor que eu sou | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

- Olhe para mim

[Olhe para mim | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

- Sinto o que sinto

[Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Estação Pipoca



Além disso, recomendamos estes filmes e séries que vocês podem assistir.

He Even Has Your Eyes – Prime
 Lion: Uma Jornada Para Casa – Max ou Prime
 Um Sonho Possível – Max ou Prime
 Luce – Youtube
 Rosa e Momo – Netflix
 This Is Us – Amazon Prime
 Todos Nós, Cinco Milhões – Youtube
 O menino que não nasceu da barriga da mãe (curta) - Youtube
 Parenthood – Amazon Prime
 Modern Family – Netflix
 Eu Quero Ir Pra Casa – Youtube





Emoções

- Senhores passageiros, peço que entre nos seus vagões e encontrem seus lugares, pois vamos acelerar o trem com um assunto que pode ser polêmico e dúvidas podem surgir! Mas, nossa viagem está cada vez mais robusta e novas roupas e ferramentas estão agregadas à sua mala.
- Quando escutamos “são tantas emoções” não levamos a sério que sim, são MUITAS!
- Da mesma maneira que ensinamos a cuidar dos dentes ou tomar banho, podemos ensinar a lidar com as emoções! Uma criança que aprende a identificar suas emoções têm menos chance de adoecimento emocional na adolescência e na vida adulta. Logo, desenvolver a regulação das emoções auxilia em resultados mais favoráveis e maiores níveis de habilidades sociais (Caminha, Caminha; Benedetti, 2017).
- Para compreender a montanha russa emocional que podemos passar em alguns momentos da vida, precisamos entender alguns conceitos básicos:



- **Emoção:** fenômeno neurofisiológico, normalmente, sentido no corpo. É universal, todos possuem as mesmas respostas no corpo.
 - **Sentimento:** o significado que damos às emoções que sentimos, é muito pessoal.
 - **Regulação emocional:** É a capacidade que DESENVOLVEMOS (atente-se a isto) para sentir as emoções, sendo elas agradáveis ou desagradáveis e a maneira com que reagimos diante das situações e emoções ali ativadas (Caminha, 2019).
- É importante que os pais e cuidadores ajudem a criança a:
- **Identificar as emoções** - se conectar com elas, sentindo elas no corpo e na mente. Antes de você lidar com qualquer emoção, você precisa se conectar com ela; ajudando a nomear quando for possível. Este NÃO é o momento para procurar por explicações (isso pode vir depois). Ao invés de tentar dialogar e ser muito lógico, ACOLHA o seu filho. Em muitos momentos, aquilo que pode ser bobo para você é algo grandioso para o seu filho; portanto, não há problemas pequenos. A lógica não funciona neste momento. Então, pare e pense: qual a necessidade emocional meu filho está precisando? Exemplo: Filho, está doendo em algum lugar do seu corpo? Como você se sente? Como dói? (SIEGEL, BRYSON, 2018).



● **Nomear as emoções** - quanto menor é a criança menor é a capacidade de contar sobre o que aconteceu; logo, ajudar a nomear a emoção e descrever o ocorrido ajuda a lidar com o estado emocional. Vamos supor que seu filho está com muita raiva devido a um brinquedo que quebrou. Automaticamente você diz: “Não precisa chorar... É só um brinquedo”! Ao invés disso, você pode dizer: “Poxa, me parece que você está com raiva e até mesmo triste. Imagino que é muito chato ver o brinquedo quebrado. Você quer um abraço? Eu também me sentiria chateado se o meu brinquedo quebrasse”.

● **Regular as emoções** - ajude seu filho a processar a emoção sentida, dizendo que está tudo bem se sentir “triste” ou “raiva”. Você pode, depois, então, redirecionar a emoção buscando auxiliar a criança na construção do ocorrido e até mesmo na disciplina da situação. Quanto menor é a criança possivelmente haverá dificuldade em relatar o que aconteceu e, conseqüentemente, se ela não consegue relatar, não irá elaborar suas emoções. Caso ela não queira falar naquele momento, respeite e informe que posteriormente irão conversar sobre.



● **Birras podem existir nesse momento em que você busca a regulação emocional no seu filho**

● Ahhh as temidas birras!!! Na verdade, elas são consequência desta imaturidade cerebral e o processo para chegar na regulação emocional. A birra é uma explosão emocional que ocorre quando a criança não consegue expressar suas frustrações de maneira adequada. É uma forma de manifestação de uma emoção intensa, como frustração, raiva ou tristeza. Essa reação é uma parte normal do desenvolvimento, sendo um reflexo do processo de desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. As crianças ainda não têm as habilidades necessárias para regular suas emoções de forma eficiente e, muitas vezes, usam birras como uma forma de tentar comunicar suas necessidades não atendidas. **A birra pode ser desencadeada por diversos fatores:** cansaço, fome, tédio, desejo não atendido ou frustração por não conseguir o que querem. Além disso, são uma maneira de testar os limites e explorar o que é aceitável e o que não é.

● **Ao presenciar uma birra do seu filho, lembre-se que além de todo o processo de desenvolvimento já esperado, ele vivenciou situações traumáticas e difíceis ao longo da sua vida.** Elas podem não apenas reagir às frustrações comuns dessa faixa etária, mas também a inseguranças mais profundas relacionadas ao abandono, medo de rejeição e a busca por segurança emocional. Mesmo que agora esteja em um ambiente seguro e amoroso após a adoção, suas emoções podem ser mais difíceis de manejar devido a esses medos internos.



Logo, você pode agir em 04 passos neste momento:

1. **Mantenha a calma:**

As birras podem ser desafiadoras, e é natural que os pais sintam frustração ou até vergonha, especialmente se isso acontecer em público. Porém, é essencial que os pais mantenham a calma. A criança está observando como você reage à situação e, se os pais demonstrarem controle e paciência, isso ensina à criança a lidar com suas próprias emoções. Respire profundamente e, se necessário, afaste-se por um momento para se recompor.



2. Valide os sentimentos da criança:

Em vez de simplesmente corrigir o comportamento, é fundamental validar os sentimentos da criança. Dizer algo como "Eu entendo que você está muito chateado por não poder ter o que quer agora" ajuda a criança a sentir que seus sentimentos são compreendidos. Isso cria um ambiente de empatia e confiança, o que é essencial, principalmente para crianças adotadas, que podem ter vivido experiências que as tornaram mais sensíveis ao julgamento e à rejeição. Primeiro CONEXÃO depois CORREÇÃO.



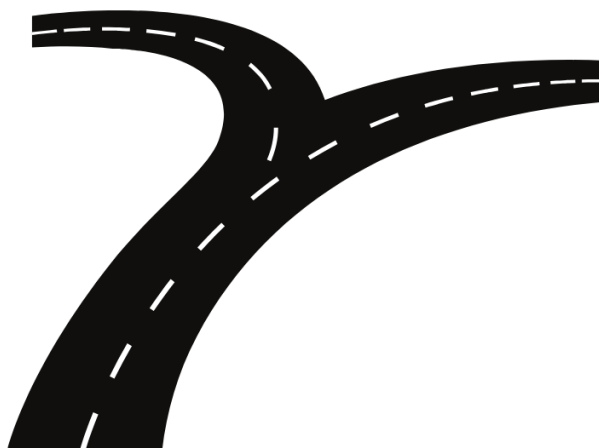
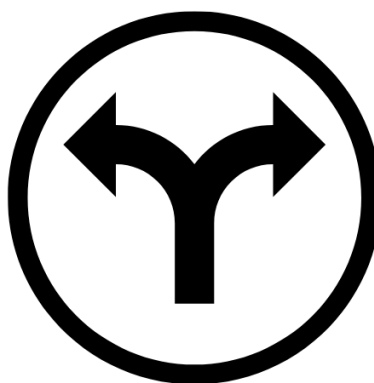
3. **Estabeleça limites claros e consistentes:**

As crianças adotadas podem precisar de mais clareza nos limites, pois podem ter experimentado inconstância ou imprevisibilidade nos cuidados anteriores. Portanto, ter regras claras e consistentes, e comunicar essas regras de maneira simples e direta, é essencial. Por exemplo, "Você pode brincar com seu brinquedo depois de arrumar seus brinquedos", ou "Nós não podemos comprar um doce agora, mas podemos fazer um lanche mais tarde".



4. **Ofereça alternativas:**

As birras muitas vezes acontecem porque a criança não consegue o que deseja naquele momento. Oferecer uma alternativa pode ajudar a criança a se sentir no controle e diminuir a frustração. Por exemplo: "Você não pode brincar com seu celular agora, mas que tal jogar um jogo com a gente?"



É difícil lidar com este momento, mas, sabia que ele pode servir como aprendizado e conexão? Através da birra você pode:

● **Se conectar emocionalmente com seu filho(a):**

Mesmo quando a criança está fazendo birra, ela precisa sentir que tem um vínculo seguro com seus pais. Em momentos de crise, tente estabelecer contato físico (se a criança aceitar) ou olhe nos olhos dela, dizendo algo reconfortante. Isso pode ajudar a criança a se sentir mais segura e a reduzir a intensidade da birra. Não subestime o poder de um abraço ou de palavras tranquilizadoras.

● **Reafirmar seu amor para ele(a):** Após a birra, é importante que a criança saiba que o amor dos pais não está condicionado ao comportamento dela. Reafirme o seu carinho e o compromisso de estar ao lado dela, independentemente do que aconteceu. "Eu te amo e, embora você tenha ficado chateado, sempre estaremos juntos, e podemos passar por isso juntos."

● **Refletir sobre a situação com ele(a):** Quando a criança se acalmar, será importante discutir sobre o que aconteceu. Pergunte como ela se sentiu durante a birra; e explique de forma tranquila o motivo pelo qual o comportamento dela não era aceitável. Essa reflexão não deve ser punitiva, mas educativa, para ajudá-la a entender suas próprias emoções e as consequências de seus atos.



Estação Pipoca



Além disso, recomendamos estes filmes e séries que vocês podem assistir.

- De Repente Uma Família - Telecine ou Prime
- A Estranha Vida de Timothy Green – Disney+
- Parenthood – Amazon Prime





Atenção senhores passageiros, esta estação tem como objetivo entender a importância de:

1. Como colocar regras e limites
 2. Como aplicá-los no dia a dia
- Como vimos na estação 3, um dos fatores que devem estar envolvidos no desenvolvimento infantil é a imposição de regras e limites às crianças. Há diversas práticas educativas que podem ser classificadas como práticas coercitivas e práticas não coercitivas.
 - As **práticas coercitivas** podem gerar sentimentos negativos nas crianças devido à ansiedade gerada por elas mesmas ou por sua ameaça. São caracterizadas pela aplicação direta da força, incluindo punição física, privação de privilégio e afeto, ou pelo uso de ameaças. Essas técnicas produzem emoções intensas tais como medo, raiva e ansiedade, que tendem a reduzir a possibilidade de a criança compreender a situação, bem como a necessidade de modificação do comportamento. Exemplos de punição física. “ Se você não me obedecer eu vou embora agora”; “Se não descer daí eu vou te bater”; “Se você comer tudo irá ganhar sobremesa”



As **práticas não coercitivas** são a utilização de regras que descrevem consequências naturais no controle do comportamento das crianças. Alguns exemplos de práticas não coercitivas são: podem ser definidas como o uso de reforçadores positivos como a negociação, comandos não coercitivos e mudança nos hábitos da criança. Exemplos:

- Explicar os efeitos dos comportamentos da criança para ela. “Se você jogar o brinquedo longe, ele pode quebrar e você ficará chateado”
- Mostrar aos filhos que eles podem fazer as pessoas felizes através da gentileza. “Obrigada por dividir seu brinquedo com o amigo filha! Você foi gentil e bondosa”
- Explicar o porquê comportamentos prejudiciais machucam e aborrecem as pessoas. “Quando gritamos com alguém não estamos sendo respeitosos e esta pessoa pode ficar chateada e gritar conosco... isto pode gerar uma grande discussão, você não acha? O que podemos fazer ao invés de gritar ?”
- Oferecer sugestões para corrigir as falhas: “Você brigou com o amigo e agora ele não quer mais brincar; temos alguns caminhos: você pode pedir desculpas a ele ou pode brincar um pouco sozinho. O que você quer?”



Existem 3 principais estratégias que os pais adotam para educar seus filhos (Del Prette e Del Prette; 2002)

- **Consequências (recompensas e punições).**
 Recompensa: Uma criança ajuda a arrumar a casa sem que os pais peçam. Como reconhecimento, os pais elogiam e permitem que ela escolha um filme para assistir à noite.
 Punição: Um adolescente desrespeita o horário de chegar em casa. Como consequência, perde o direito de sair no próximo final de semana.
- **Estabelecimento de normas, explicações e estímulos.** Os pais ensinam à criança que é importante guardar os brinquedos após brincar. Eles explicam que isso mantém o ambiente organizado e evita que alguém tropece e se machuque. Além disso, elogiam e incentivam quando a criança segue essa regra
- **Modelação.** Um pai sempre agradece quando alguém lhe faz um favor, como um garçom trazendo o pedido. A criança, ao observar esse comportamento frequente, aprende a dizer "obrigado" naturalmente.



Como pais, vocês têm um papel essencial em ensinar comportamentos adequados aos seus filhos, e isso começa com o exemplo. Demonstrar atitudes respeitadas e socialmente habilidosas, em vez de reações agressivas ou descontroladas, ajuda muito no desenvolvimento emocional e social das crianças.

Quando os filhos apresentarem comportamentos inadequados, é importante lidar com isso de maneira clara e respeitosa. Por exemplo, você pode dizer:

- "Eu não gostei do que você fez" (mostrando como se sentiu e apontando o comportamento).
- Em seguida, explique: "Eu prefiro que você faça dessa outra maneira" (indicando o comportamento esperado).
- Finalize mostrando o benefício: "Assim, a gente pode se entender melhor."

Essa forma de comunicação ajuda a criança a entender o impacto de suas ações e a aprender como se comportar de forma mais positiva.



Dicas

- **CRIE UMA ROTINA na ROTINA:** Estabelecer previsibilidade através de um quadro onde a criança tenha a noção do que é esperado naquele dia ou semana faz com que a mesma consiga dar prosseguimento às regras e limites. Fora isto, a construção desta rotina - através de um quadro com desenhos, por exemplo - é uma forma lúdica e afetuosa de criar vínculos e memórias familiares.
- **FAÇA UM ALINHAMENTO COM SEU COMPANHEIRO(A):** É fundamental que a parentalidade esteja alinhada nas decisões. Quando um pai diz "sim" e o outro "não", a criança pode aprender a manipular a situação, pedindo sempre para quem cede mais. Conversar sobre como educar juntos é essencial!
- **PEÇA DESCULPA:** Desculpar-se com os filhos também é um ponto importante na educação deles. Quando os pais admitem os próprios erros e pedem desculpas, eles estão ensinando os filhos a se comportarem da mesma maneira por modelação (pais como modelo de comportamento). Com paciência e consistência, essas práticas podem fazer toda a diferença na relação entre pais e filhos e na formação de crianças mais seguras e responsáveis.



- **ESTABELEÇA LIMITES DE FORMA EFICIENTE:** Dizer "não", negociar e criar regras, são habilidades importantes para estabelecer limites de forma saudável. Se seu filho fizer um pedido que pareça exagerado, reserve um momento para pensar: "Esse pedido é realmente impossível ou só difícil no momento?" Caso precise negar, explique com paciência o motivo e, se possível, ofereça uma alternativa. Por exemplo: "Agora não dá para brincar, mas podemos brincar depois do jantar." Regras são importantes porque ajudam as crianças a saber o que se espera delas. Porém, elas devem ser ajustadas à idade e às capacidades de cada criança. Mas se a criança não cumprir uma regra, converse para entender o motivo, explique novamente e, se necessário, ajude-a a cumprir. Abaixo está uma tabela com possíveis tarefas que seu filho pode desenvolver em casa que irão auxiliar na construção de sua autonomia e na percepção das regras e limites:

CRIE UMA ROTINA



Peça desculpas

FAÇA ALINHAMENTO COM COMPANHEIRO



Estabeleça limites



- De 2 a 3 anos
- Por volta dessa idade, os pequenos já conseguem realizar tarefas simples como guardar seus brinquedos e calçados, levar as roupas sujas para o cesto, limpar pequenas superfícies e tirar seu prato da mesa.



- De 4 a 5 anos
- Nessa faixa etária, você já pode incentivar o seu pequeno a arrumar a mochila da escola, tirar pó de alguns móveis, organizar itens da casa como livros e revistas, regar as plantas, ajudar a arrumar a cama e seu próprio quarto, colocar as roupas na máquina de lavar, guardar parte das louças e acompanhar a preparação de algumas refeições.

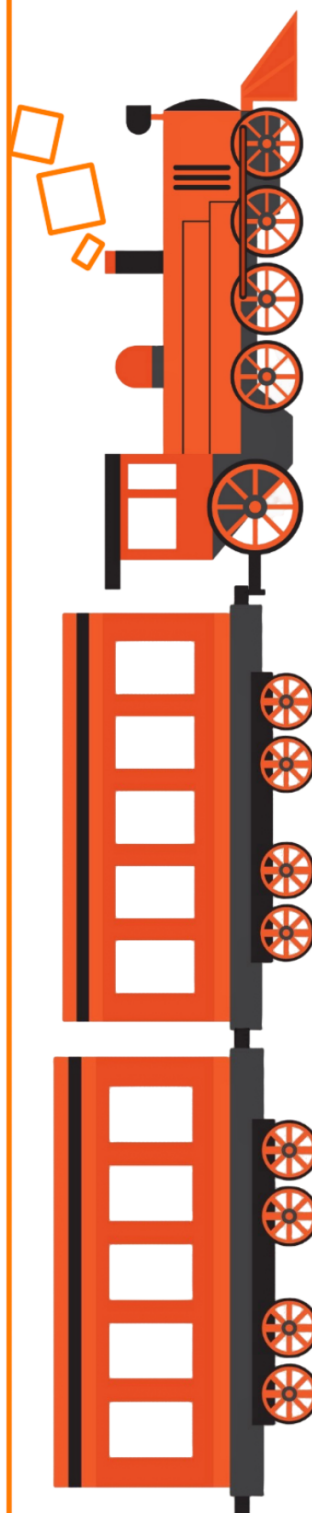


- De 6 a 8 anos
- Aqui, a criança já começa a entender melhor as noções de responsabilidade e cuidado. Então, você pode orientá-la a esvaziar o lixo do banheiro, ajudar a estender e retirar roupas do varal e a lavar as louças, varrer e passar pano em certos cômodos da casa, lavar o quintal, guardar as compras, ajudar a organizar armários e a preparar algumas refeições.



Perguntas disparadoras:

- Por que as práticas não coercitivas são mais eficazes no desenvolvimento infantil do que as coercitivas?
- Que estratégias vocês podem usar para evitar o uso de punições físicas e ainda assim estabelecer limites claros?
- Se uma criança está demonstrando comportamentos inadequados, como vocês podem usar práticas educativas positivas para redirecionar a situação?
- Quais alternativas podem ser oferecidas para uma criança em vez de simplesmente negar um pedido?

[illegible]

Estação pipoca

Além disso, recomendamos estes filmes e séries que vocês podem assistir.

- A Fabulosa Gilly Hopkins – Compra pelo Mercado Pago
- Capitão Fantástico -Youtube
- Anne with an E – Netflix
- Parenthood – Amazon Prime



Estação final?

Senhores passageiros, não chegamos ao final da nossa viagem, afinal, ela é para o restante da vida! Porém, acreditamos que ao longo deste percurso fomos adquirindo experiências para a caminhada na educação de filhos. Certamente, você não tem todas as ferramentas e informações necessárias; mas, esperamos que através desta viagem você possa ter encontrado um caminho; então, siga a todo o vapor!

Como a nossa pretensão é que esta viagem seja para sempre, recorra a este material como norte. As informações aqui passadas têm como objetivo principal auxiliar no desenvolvimento de sua parentalidade, com informações que ajudem na compreensão dos desafios de educar seu filho.

Lembrem-se que o maior recurso de uma família é o amor; sobre isto, não aprendemos através de livros, filmes ou palestras. É necessário que este seja colocado em prática todos os dias através de aceitação incondicional dos membros, compromisso e proteção dos vínculos familiares e compreensão de que todos nós estamos vivendo e aprendendo. Nossos encontros terminam por aqui, mas o vínculo é para sempre.

Um abraço carinhoso,

Equipe do TOPA.



APÊNDICE G

CADERNO DO APLICADOR

O treinamento de orientação para pais adotivos- T.O.P.A, é resultado de diversos estudos da autora e do laboratório que faz parte (LEVICA/UFRRJ), seja através de sua prática clínica e acadêmica. O T.O.P.A surge como uma tentativa de amparo às famílias adotantes, e sobretudo, como o resultado de um coração que pulsa por famílias e vê nelas um propósito. A pretensão do T.O.P.A é oferecer estratégias para pais descobrirem sua parentalidade através da adoção e que enfrentam os desafios inerentes a esse lugar de forma saudável. Compreende-se que não existe um único fator que mude o cenário da população investigada de forma rápida e fácil, no entanto, espera-se que o formato do T.O.P.A. preencha lacunas existentes e possibilite a estimulação do bem-estar e saúde no contexto familiar, oferecendo uma estratégia de transformação e mudanças.

Os objetivos do T.O.P.A se organizam neste modelo:

1. Acolher pais adotantes em relação às dificuldades na parentalidade e propiciar um espaço de reflexão e fortalecimento de suas potencialidades como pais;
2. Gerar sensibilização e/ou reflexão nos pais adotantes para que compreendam sobre as temáticas que perpassam a vida dos filhos e a sua própria parentalidade adotiva;
3. Psicoeducar pais adotantes sobre o desenvolvimento na primeira infância e como a violência pode afetar este o desenvolvimento pleno;
4. Auxiliar pais adotantes com estratégias funcionais que versam sobre educação e cotidiano de interação familiar;
5. Aplicar pré e pós testes através do Inventário de Estilos parentais (IEP) e avaliar o impacto de cada sessão através do Instrumento de avaliação do impacto imediato da sessão;
6. Avaliar os resultados da aplicação do treinamento.

A intervenção está baseada em 03 eixos que foram estruturados a partir do embasamento teórico aqui discutido. O **eixo 01, desenvolvimento infantil, o que podemos esperar?** - refere-se a psicoeducar pais sobre o desenvolvimento infantil na fase da infância, assim como discutir temas, como: que é violência, quais os tipos e suas consequências ao longo do desenvolvimento. Além de tratar sobre temáticas que foram apontadas como triviais como o impacto do trauma no desenvolvimento da criança, que pode culminar em comportamentos que

precisam de direcionamento, afora possivelmente dificultar a vinculação familiar. Facilitar esta compreensão, pode gerar o entendimento sobre a complexidade da história pregressa dessa criança e consequentemente subsidiar aos pais uma compreensão sobre o que é ou não esperado no desenvolvimento do seu filho. Ademais, serão desmistificados os mitos envolvidos na adoção, tanto por parte da própria família quanto daqueles que de alguma maneira são rede de apoio.

O eixo 02 - parentalidade, como é a minha? - objetiva apresentar os estilos parentais, como são efetivados no dia a dia e quais são as consequências destes nas relações familiares; com foco em como a parentalidade dos pais ocorre e foi construída, e qual o impacto dela na educação parental dos filhos.

Eixo 03 - e aí, T.O.P.A.? - tem por objetivo principal fortalecer a parentalidade através de técnicas e atividades práticas como *role play*, dramatizações e estudos de caso. Os temas estão ligados às principais dificuldades dos pais e serão trabalhados de forma prática; as temáticas versam sobre: emoções, birras, sexualidade, como colocar regras e limites e questões raciais. Neste eixo os pais estarão direcionados a praticar o que aprenderam ao longo dos encontros e poderão treinar em um ambiente seguro a forma de conduzir as questões aqui apresentadas.

Para a execução do treinamento, haverá o encontro zero, sendo este realizado de forma *online*, tendo em vista que o objetivo do mesmo é para a entrega de termos, aplicação do Inventário de Estilos Parentais e entrevista sociodemográfica; cabe ressaltar que todos estes instrumentos podem ser executados exclusivamente de maneira *online*.

Os encontros do treinamento foram direcionados através de eixos. Cada eixo será composto por dois encontros de até 90 minutos, sendo executado de forma híbrida, tendo um encontro presencial e um *online*. O objetivo da execução desta modalidade é poder facilitar a permanência dos participantes, sem interferir na vinculação entre os mesmos tendo um grupo ou não; caso haja o grupo, o mesmo será formado por até 8 participantes. Ao final de cada encontro, serão propostas atividades para serem realizadas ao longo da semana pelos participantes. Após o treinamento é sugerido um encontro final para momentos de *feedback* e um lanche, onde os participantes possam compartilhar vivências e vínculos. Abaixo está a estrutura de cada encontro .

EIXO 1

Encontro 1- presencial

O objetivo deste encontro é facilitar a vinculação inicial dos pais com os demais participantes e também com os facilitadores, além de dar início a psicoeducação sobre o desenvolvimento infantil, direcionando sobre o que é ou não esperado.

Apresentação

O facilitador organiza o encontro, sendo este de forma online ou presencial. Logo, iniciamos com a apresentação da pesquisa, sua equipe e as regras (desligar o celular, não falar ao mesmo tempo, evitar discussões paralelas, sigilo das informações, uso do gravador) e as atividades que serão realizadas. Além disso, explica o que é o Topa e reforçar a essência do treinamento, pautada em uma conversa fluida, tranquila, sem julgamentos.

- **Atividade Inicial**

Dinâmica de apresentação: “Crie sua camiseta” (adaptada de Lynn Lott, Jane Nelsen, 2018).

Objetivo: Esta é uma dinâmica para que possamos conhecer melhor os participantes, a mesma auxilia que os mesmos se conscientizem sobre suas diferenças e semelhanças ao entrarem em contato com a singularidade de cada um.

Materiais: folhas A4, canetinhas e lápis de cor.

Passo a passo:

1. Após entregar uma folha de papel para cada participante, peça que o mesmo construa a sua camiseta da maneira que lhe for agradável;
2. Alguns pedidos possíveis para estarem na camiseta são:
 - Conter suas características;
 - Interesses especiais;
 - Uma coisa que ninguém dali sabe sobre você;
 - Algo que você deseja aprender no T.O.P.A.
3. Após um tempo, havendo um participante ele poderá trocar com o facilitador. Caso haja mais pessoas elas poderão falar de sua camiseta e encontrar outras com mesmos gostos e/ou interesses.

- **Aquecimento para atividade central**

“É mito ou verdade?” (Elaborada para a pesquisa).

Objetivo: compreender as informações que os pais possuem e sensibilizar sobre a temática.

Material: frases dispostas de forma soltas que contenham mitos e verdades sobre o desenvolvimento infantil.

Passo a Passo:

1. Os participantes serão convidados a lerem todas as frases dispostas;
 2. Em comum acordo, devem selecionar o que é mito e o que é verdade;
 3. Após este momento, haverá uma breve discussão dos motivos que levaram a escolha de cada mito ou verdade e o facilitador poderá auxiliar nas dúvidas;
- Ex. “Toda criança adotada tem problemas”; “Um dia ela vai querer ir embora”; “Sabe que o sangue sempre fala mais alto né?”; “E quando perguntarem se você é pai/mãe?”; “O amor é o mesmo?”; “O sangue dele é ruim, por isso ele é assim”; “É difícil amar essa criança?”.

- **Atividade principal**

Psicoeducação através de *slides* e vídeos sobre desenvolvimento infantil. O objetivo é informar aos pais sobre como o desenvolvimento acontece e como os primeiros anos são triviais para toda nossa vida. Um ponto focal desta discussão é como a personalidade se forma, pois um dos grandes mitos é que a genética é o fator principal. Como sugestão, será assistido em conjunto o vídeo sobre neurodesenvolvimento infantil². Ao utilizar os vídeos veja a faixa etária prevalente no grupo e assista em conjunto.

- **Aplicação do questionário de avaliação do impacto imediato da sessão**

O questionário será disponibilizado como *link* a ser preenchido.

- **Atividade de pós encontro**

Leitura do caderno de pais com foco em mais informações sobre a personalidade e atividades práticas como conhecer mais a sua através do teste *Big Five* disponível no *site*.³

² Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLdctaWFAO0WMzbq5XDr-Z3cyolDoksbpQ>

³ Disponível em: <https://bigfive-test.com/pt>.

EIXO 1

Encontro 2- online

O objetivo deste encontro é fortalecer o vínculo, além de trazer a temática da violência, suas formas e consequências no desenvolvimento infantil, focando no trauma. Além disso, apresentar fatores de proteção à família e como podem desenvolver as necessidades emocionais básicas.

Ponte entre encontros: conversar sobre o material que foi entregue a eles, como se sentiram lendo e realizando as tarefas e se há alguma dúvida.

- **Atividade Inicial:**

Influência positiva (adaptada de Lott; Nelsen, 2018).

Objetivo: fortalecer o vínculo dos participantes e direcionar para a ideia de que comportamentos nos marcam de maneira positiva ou negativa.

Materiais: não há

Passo a passo:

1. O facilitador pedirá que os participantes pensem sobre alguém que influenciou de forma positiva a sua vida e conte quem é através de uma breve história;
2. Após todos terem contado, ele levará a reflexão de que pessoas deixam marcas que podem ser positivas ou não e que principalmente quando as marcas são de violência elas geram consequências;

- **Aquecimento para atividade central**

Apresentação do vídeo: Vida Maria⁴

Objetivo: Sensibilizar os pais sobre a temática e trazer a temática da violência.

Materiais: vídeo.

Passo a passo:

1. O facilitador irá conduzir o momento e pedir que os participantes acompanhem o vídeo, sendo atentos aos detalhes;
2. Posteriormente, fará o convite para que possam compartilhar:
 - Seus sentimentos ao ver o vídeo;
 - Se reconhecem algum tipo de violência;

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4.

- Se em algum momento pensaram sobre o fato da violência ser algo ensinado como comportamento.

- **Atividade principal**

Psicoeducar através de slides e vídeos sobre a violência, suas formas, causas e consequências no desenvolvimento. O objetivo é informar aos pais sobre como a violência deixa marcas que justificam muitos comportamentos de seus filhos, mas que agora como família, eles podem desenvolver fatores de proteção. Um ponto focal desta discussão é auxiliar os pais a identificar as possíveis violências que eles mesmos podem estar reproduzindo; além de focar no TRAUMA e na possibilidade de DEVOLUÇÃO. Faremos uso da dinâmica “qual foi a marca deixada?”

Objetivo: Sensibilizar os pais sobre a temática e trazer a temática da violência.

Materiais: papel 40k com desenho de uma criança ou quando online, o desenho de uma criança sendo projetada. Um lápis ou caneta

Passo a passo:

1. Os participantes serão convidados a refletir sobre o quanto a violência gera marcas, lembrando talvez, as violências que eles mesmos vivenciaram e onde esta dor se localiza.
2. Eles serão convidados a se dirigir ao desenho e marcar naquele corpo o local que a violência foi praticada. Quando a atividade for online, poderá ser marcada através de uma caneta virtual pelo meet.
3. Após todos terem deixado a marca no desenho, serão direcionados a refletir sobre o fenômeno da violência.

- **Aplicação do questionário de avaliação do impacto imediato da sessão**

O questionário será disponibilizado como *link* a ser preenchido.

- **Atividade de pós encontro**

Leitura do caderno de pais com mais informações sobre violência e com foco principal nas necessidades emocionais básicas como fator de proteção.

EIXO 2

Encontro 3-presencial

O objetivo deste encontro é trazer aos pais a noção de que a parentalidade é construída e que, sua história impacta na forma com que educa.

Ponte entre encontros: conversar sobre o material que foi entregue a eles, como se sentiram lendo e realizando as tarefas e se há alguma dúvida.

- **Atividade Inicial:**

“Do meu ou do seu jeito?” (Elaborada para a pesquisa).

Objetivo: Mostrar aos pais que existem formas diferentes de fazer a mesma coisa, inclusive educar; sensibilizar que assim como aprendemos de uma forma, ensinamos da mesma.

Materiais: não há

Passo a passo: Se a atividade estiver acontecendo com um pai ele fará a troca com o facilitador; caso contrário, o grupo trará outros desdobramentos.

1. O facilitador convida alguém a falar qual é a sua forma de lavar a louça, pedindo que diga: como faz, por onde começar, se usa mais de uma esponja, se há ordem em como lavar;
2. Após a pessoa falar o facilitador pergunta se alguém faz diferente e essa pessoa compartilha através das mesmas perguntas sua forma.
3. O facilitador pode convidar mais pessoas, trazendo outras atividades diárias como varrer a casa ou lavar o banheiro;
4. Após perceber que se esgotou, o facilitador convida os participantes a pensar sobre como executamos questões de forma diferente, inclusive a educação.

- **Aquecimento para atividade central**

Objetivo: demonstrar a eficácia e/ou ineficácia dos diferentes estilos parentais

Materiais: não há

Passo a passo: Se houver mais participantes, você poderá pedir que 6 deles sejam voluntários; caso haja menos ou apenas um, a encenação poderá ser feita entre o participante e facilitador.

1. Peça que escolham quem será o pai/mãe e quem será a criança;
2. Diga que haverá 3 rodadas e que em cada uma as crianças farão a mesma coisa;
3. Diga às crianças que na primeira rodada elas terão comportamentos desafiadores como bater, xingar, fazer birra, tacar coisas;
4. Na primeira rodada os pais abordarão as crianças da mesma forma, e ao mesmo tempo, dizendo coisas “controladoras” como: “você vai fazer do meu

jeito!"; "vai ficar de castigo", "vou te bater"; podendo até mesmo fingir um tapa ou agressão;

5. Peça que os pais caminhem em direção às crianças com esses comportamentos e falas. Avise que quando for a hora de parar você dará um sinal;
6. Após parar, reflita com as crianças primeiro: "o que vocês estavam pensando? E como estavam se sentindo? E o que elas estavam decidindo com aquela atitude dos seus pais?";
7. Após compartilharem, diga que a outra rodada irá começar;
8. Durante a segunda rodada, quando as crianças caminharem em direção aos seus pais dizendo as mesmas palavras ou tendo os mesmos comportamentos, os pais devem falar e fazer outras coisas, por exemplo, olhar para seus celulares ou colocar a mão sobre as orelhas virar de costas para simular pais que tendem a lidar com a situação negando e fugindo do problema;
9. Reflita perguntando às crianças primeiro, depois aos pais: "o que eles estavam pensando? Como estavam se sentindo? O que eles estavam decidindo?". Você também pode perguntar às crianças o que elas estavam aprendendo com aquele comportamento;
10. Inicie a terceira rodada, a medida que as crianças caminham em direção aos pais, com os mesmos comportamentos e palavras, os pais devem olhar nos olhos de sua criança, abaixar a sua altura enquanto dizem: "eu estou aqui com você e quero entender mais sobre o que está acontecendo, você precisa de ajuda?";
11. Reflita perguntando às crianças primeiro, depois aos pais: "o que eles estavam pensando? Como estavam se sentindo? O que eles estavam decidindo?". Você também pode perguntar às crianças o que elas estavam aprendendo com aquele comportamento;
12. Certifique-se de dizer aos pais que não estamos sugerindo que o terceiro estilo seja o único eficiente para resolver todos os problemas de comportamento no entanto pergunte qual dos três estilos ao menos pode favorecer uma abertura para a comunicação e influência positiva;
13. Convide aos participantes a discutir o que aprenderam com esta atividade.

- **Atividade principal**

Escrita sobre sua própria história de vida, suas lembranças tristes e felizes, o que impactou e como percebe a parentalidade de seus pais e a sua hoje. Após a escrita, abrir para o debate sobre a temática.

- **Aplicação do questionário de avaliação do impacto imediato da sessão**

O questionário será disponibilizado como *link* a ser preenchido.

- **Atividade de pós encontro**

Leitura do caderno de pais com mais informações sobre estilos parentais.

EIXO 2

Encontro 4-online

O objetivo deste encontro é facilitar conceitos sobre estilos parentais e como eles estão exercendo os seus.

Ponte entre encontros: trazer a história de vida deles e como foi escrevê-la; conversar sobre o material que foi entregue a eles, como se sentiram lendo e realizando as tarefas e se há alguma dúvida.

- **Atividade Inicial:** “ As duas listas” (Lott; Nelsen, 2018)

Objetivo: Ajudar os pais a refletirem sobre o que eles realmente querem para os seus filhos. Ao ouvir problemas e sonhos de outros pais, eles percebem que não estão sozinhos.

Materiais: Quando presencial, pode ser utilizado um quadro para escrever. Quando *online*, uma janela onde os participantes possam ver o que está sendo escrito.

Passo a passo:

1. Informe os participantes que, juntos, vocês farão duas listas que irão criar diretrizes (ou um mapa) para onde querem ir, e alguns desafios que irão ajudá-los a chegar lá;
2. Peça a um voluntário para escrever no quadro ou na janela do google meet enquanto convida aos demais a fazer um *brainstorm* de uma lista de desafios do comportamento que eles têm com seus filhos. Normalmente, as pessoas mencionam: choramingar, retrucar, não escutam, brigas, morder, birras, falta de motivação, não fazem dever de casa, sair de casa atrasado, problemas para dormir, entre outros. Se perceber que algum desafio está faltando, você pode acrescentar.

3. Pergunte ao grupo: "quais as características e habilidades de vida vocês acham que as crianças precisam para serem felizes e para se tornarem membros significativos na sociedade?". Ponto peça a um voluntário para escrever enquanto o grupo faz um *brainstorm* de uma lista que pode incluir: autoestima, responsabilidade, gentileza, compaixão, respeito por si e por outros, habilidades de resolução de problemas, senso de humor, resiliência, honestidade, entre outros. Se perceber que alguma habilidade está faltando você pode acrescentar;
4. Pontue que todos os desafios de comportamento podem ser usados para ajudar as crianças a desenvolverem as características e habilidades de vida que os ajudarão a se tornar membros contribuintes da sociedade e serem felizes, começando em suas próprias casas. Por exemplo: quando a criança faz birra e se desregula eu posso ensinar sobre regulação emocional, o que pode auxiliar no processo de construção de um adulto emocionalmente estável. Outro exemplo: quando ela não respeita o horário eu posso ensinar sobre responsabilidade e compromisso;
5. Podemos utilizar do humor com os participantes, podemos falar: agora vocês podem ficar animados toda vez que enfrentar um desafio, porque o desafio oferece uma oportunidade para ensinar habilidades como: resolução de problemas, responsabilidade e cooperação;
6. Peça que todos os participantes anotem ou printem a tela com as duas listas para que as mesmas sirvam como lembrete sobre o que estamos construindo dentro da parentalidade.

- **Aquecimento para atividade central:** “E aí, topa ser qual bicho?” (Elaborada pela pesquisa)

Objetivo: mostrar de forma descontraída que podemos agir de forma passiva, assertiva e agressiva.

Materiais: fotos de diversos animais ou animais em miniatura.

Passo a passo:

1. Os participantes devem observar as fotos ou miniaturas e escolherem características para cada animal (Exemplo: leão é bravo, cavalo é educado, rato é medroso...);
2. Após um tempo, em comum acordo devem escolher um animal que representa: agressividade, passividade e assertividade;

3. após a escolha serão escolhidas pessoas para a representação de cada animal nas situações que serão sorteadas (exemplo: meu filho derramou algo no chão, meu filho bateu no amigo, alguém bateu no meu filho);
4. Ao sinal, a pessoa que está representando deve agir como aquele animal poderia se comunicar;
5. Pode haver diversas trocas de papéis e também de animais;
6. Após se esgotar as possibilidades, abre-se um espaço para discussão sobre como foi observar a forma de comunicação de cada um, como se sentiram diante da dramatização, qual animal eles seriam;

Atividade principal

Psicoeducação através de *slides* e vídeos sobre estilos parentais, quais são e como deixam consequências em nossa educação. O objetivo é informar aos pais sobre o seu estilo parental está formando o seu filho e que sua forma de agir impacta na forma de agir do seu filho. Opção de material a ser utilizado segue em *link* disponível no *youtube*⁵.

- **Aplicação do questionário de avaliação do impacto imediato da sessão**

O questionário será disponibilizado como *link* a ser preenchido

- **Atividade de pós encontro**

Escrita da história de vida do meu filho(a) e as consequências para ele(a) ao longo da vida até aqui; podendo ser em formato de carta para que ele(a) leia um dia ou em forma de relato.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CDZjUIp-InU>

EIXO 3

Encontro 5-presencial

O objetivo deste encontro é através de vídeos e/ou *role play* auxiliar os pais com demandas do cotidiano.

Ponte entre encontros: abrir um debate sobre a história de vida dos seus filhos e como foi pensar e escrever sobre.

- **Atividade Inicial:** “Faça o que digo” (Loot; Nelsen, 2017).

Objetivo: demonstrar aos pais como as crianças prestam mais atenção ao que você faz do que você diz.

Materiais: não há.

Passo a passo:

1. Não revele às pessoas o objetivo dessa atividade. Deixe que elas cheguem a essa conclusão;
2. Dê as seguintes instruções: coloque ambas as mãos nos joelhos. Respire fundo e expire. Faça um círculo com seu dedo indicador. Demonstre isso. Agora, diga "Coloque seu círculo no seu queixo" (enquanto você coloca seu círculo em sua bochecha alguns segundos antes de dizer "queixo");
3. Observe quantas pessoas fizeram o que você fez em vez do que você disse. Peça ao grupo que olhe ao redor da sala e veja o que eles perceberam (normalmente, eles riem quando vêem alguns com o círculo na bochecha). Pergunte: "quantos de vocês ouviram o que eu disse?"; "quantos de vocês fizeram o que eu fiz em vez do que eu disse?";
4. Pergunte o que eles aprenderam com essa atividade. Caso eles não tenham mencionado o objetivo, então pergunte: "O que é mais poderoso, o que dizemos ou o que fazemos?".

- **Atividade central:** Pais ajudam pais (adaptada de Lott; Nelsen, 2018).

Objetivo: facilitar a coesão do grupo e mostrar que todos possuem dificuldades e que podem desenvolver habilidades.

Materiais: hipóteses de situações

Passo a passo:

1. Previamente escreva situações que podem ocorrer na dinâmica entre pais e filhos; como este encontro aborda temáticas específicas, você pode pensar em questões voltadas para : emoções, birras e sexualidade.

2. Informe aos participantes que precisaremos de toda a sinceridade possível e que nos comprometemos a não julgar a atitude dos demais;
3. Peça que alguém possa ler e compartilhar sua situação e após a leitura solicite que se alguém vivenciou algo parecido, ou se sentiu como aquele participante levante a mão;
4. Nesse momento, podemos montar o *role play* e pedir que o participante haja conforme acredita que agiria.
5. Pergunte como aquele participante se sentiu na situação vivenciada;
6. Pergunte ao grupo: nessa situação, como vocês agiriam? O que poderiam fazer de diferente ou igual?
7. O grupo precisa escolher em conjunto a melhor forma de conduzir a partir do que foi compartilhado para que seja encenado através do *role play*.
8. Ao final, reflita sobre pensamentos, sentimentos e decisões.

Sugestão a serem apresentadas aos pais:

situação 1 : É o primeiro dia da criança na escola. Ela foi adotada recentemente e ainda está se adaptando à nova rotina e ao vínculo com os pais. **Cena:** A mãe ou o pai está no carro com a criança. Ela está vestida com uma mochila nova, mas o olhar é inseguro. Ao chegarem à escola, a criança hesita. Seus olhos começam a lacrimejar. **Criança** (voz trêmula): "*Você vai voltar pra me buscar, né?...*"

Situação dois: A criança tem uma crise de birra em público. Grita, se joga no chão. Pessoas olham. Comentários são feitos. O pai/mãe fica entre a vontade de sumir e o desejo de proteger a criança. **Cena:** No supermercado, a criança vê um brinquedo e pede. O pai diz "não". A criança começa a gritar e se joga no chão. **Criança** (aos berros): "*Você não me ama! Eu quero voltar pra minha outra casa!*" As pessoas olham. Um senhor murmura algo como "essa geração de pais...".

Situação 3 : Durante um momento tranquilo (como um banho ou antes de dormir), a criança solta uma pergunta inesperada sobre sua origem ou sobre a mãe biológica. **Cena:**

É fim do dia. O pai seca o cabelo da filha com a toalha. Ela olha no espelho e diz, com naturalidade: **Criança** (olhando o reflexo): "*Por que eu não fiquei com a minha outra família? Eles não me queriam?*" O pai congela. O coração dispara. Ele sabia que esse momento viria, mas não sabia quando — nem o quanto doeria.

Situação 4 : A criança está em casa e começa a brincar de ficar pelada ou mostrar partes do corpo na frente de adultos ou visitas. Isso incomoda os pais, que não sabem como reagir sem

constranger.**Cena:** Durante uma visita de familiares, a criança tira a roupa e começa a brincar no chão, rindo e dizendo: **Criança:** "Olha meu bumbum! Olha minha barriga!" Os adultos riem nervosos...

Situação 5 : A criança reproduz, em brincadeiras, comportamentos ou falas com conotação sexual. Pode ter vindo de vivências anteriores, mídia ou outras crianças.**Cena:** Durante a arrumação dos brinquedos, os pais percebem que a criança está "brincando de médico" de forma invasiva com um boneco. **Criança:** "Agora eu vou ver o que tem dentro da calcinha dela!" Os pais se olham...

- **Aplicação do questionário de avaliação do impacto imediato da sessão**

O questionário será disponibilizado como *link* a ser preenchido.

- **Atividade de pós encontro**

Material psicoeducativo sobre emoções, birras e sexualidade.

EIXO 3

Encontro 6-online

O objetivo deste encontro é através de vídeos e/ou *role play* auxiliar os pais com demandas do cotidiano.

Ponte entre encontros: discussão sobre o material do último encontro.

- **Atividade central:** Pais ajudam pais (adaptada de Lott; Nelsen, 2018).

Objetivo: facilitar a coesão do grupo e mostrar que todos possuem dificuldades e que podem desenvolver habilidades.

Materiais: folha A4.

Passo a passo:

1. Previamente escreva situações que podem ocorrer na dinâmica entre pais e filhos; como este encontro aborda temáticas específicas, você pode pensar em questões voltadas para :como dar regras e limites, como auxiliar meu filho na compreensão de sua raça.

2. Informe aos participantes que precisaremos de toda a sinceridade possível e que nos comprometemos a não julgar a atitude dos demais;
3. Peça que alguém possa ler e compartilhar sua situação e após a leitura solicite que se alguém vivenciou algo parecido, ou se sentiu como aquele participante levante a mão;
4. Nesse momento, podemos montar o *role play* e pedir que o participante haja conforme acredita que agiria.
5. Pergunte como aquele participante se sentiu na situação vivenciada;
6. Pergunte ao grupo: nessa situação, como vocês agiriam? O que poderiam fazer de diferente ou igual?
7. O grupo precisa escolher em conjunto a melhor forma de conduzir a partir do que foi compartilhado para que seja encenado através do *role play*.
8. Ao final, reflita sobre pensamentos, sentimentos e decisões.

Sugestão a serem apresentadas aos pais:

Situação 1 : A criança está contrariada porque foi chamada a guardar os brinquedos. Ela grita, bate o pé, e solta: **Criança (brava):** “*Você não é minha mãe de verdade! Não manda em mim!*” O pai ou mãe sente a frase como uma facada. A raiva tenta tomar conta. Mas, ao mesmo tempo, há tristeza — o vínculo ainda está sendo construído, e a criança testa os limites da nova relação.

Situação 2: Todo fim de dia é uma luta: a criança não quer dormir na hora certa, inventa desculpas, faz birra. Os pais se sentem esgotados, mas querem evitar recorrer a gritos ou ameaças. **Criança (chorando):** “*Não quero dormir! Se você me obrigar, eu vou fugir!*”

Situação 3: A criança mente dizendo que escovou os dentes, mas a escova está seca. Ao ser confrontada, nega várias vezes.

Situação 4: A criança negra ou parda foi adotada por uma família branca. Um dia, ela se olha no espelho e pergunta: **Criança:** “*Por que minha pele é escura e a de vocês não?*”

Situação 5: A criança tem cabelo crespo e diz que não gosta dele. Viu uma propaganda na TV com crianças brancas, de cabelo liso, sendo elogiadas. **Criança (revoltada):** “*Quero cortar meu cabelo! Quero que fique igual ao da fulana!*”

- **Aplicação do questionário de avaliação do impacto imediato da sessão**

O questionário será disponibilizado como *link* a ser preenchido.

- **Atividade de pós encontro**

Material psicoeducativo sobre como dar regras e limites de forma autoritativa e envio da cartilha de adoção interracial⁶.

Encontro final - presencial

Este encontro pode ser mais livre ou direcional; ao decorrer do grupo o aplicador pode ver o que faz mais sentido. Caso seja algo mais livre, será destinado a uma roda de conversa com *feedback* sobre os encontros e como foi estar ali para cada participante. Além disto, será reaplicado o Inventário de Estilos Parentais e será fornecido um lanche para confraternização dos participantes.

Se o desejo for algo mais estruturado teremos a aplicação da seguinte maneira:

- **Dinâmica inicial - Raízes e asas**

Objetivo: Promover um momento de encerramento significativo, valorizando a trajetória do grupo e o crescimento de cada participante.

Duração: 30 a 40 minutos

Materiais: Cartões em formato de folha ou borboleta (ou os dois, se quiser simbolizar raízes e asas); canetas coloridas; uma árvore desenhada em cartolina ou papel pardo colado na parede (pode ser só o tronco e galhos). No caso do grupo ocorrer **online**, há o slide que pode ser usado como material visual; peça que os participantes desenhem em suas folhas ou até mesmo imaginem.

- **Passo a passo:**

⁶ Disponível em: https://www.ufrgs.br/nufabe/wp-content/uploads/2023/11/Cartilha_-Adocao-Inter-racial-corrigida-4-2-1.pdf. Acesso em: 24 de fev. de 2024.

1. Introdução (5 min):O facilitador explica o objetivo da dinâmica:“Hoje encerramos um ciclo importante. Como todo processo de crescimento, plantamos sementes, criamos raízes e agora seguimos com asas mais fortes. Esta dinâmica é para marcar esse momento e levarmos conosco tudo o que construímos aqui.”

2. Escrita dos cartões (10-15 min):Entregue a cada participante uma folha (representando raízes) e uma borboleta (representando asas).Na folha, a pessoa escreverá: "O que levo de aprendizado deste grupo?"Na borboleta, a pessoa escreverá: "O que desejo para os outros pais aqui presentes daqui para frente?" Incentive que escrevam de forma sincera, sem necessidade de compartilhar ainda.

3. Compartilhamento (10-15 min):Cada participante é convidado a colar sua folha na árvore (representando as raízes que criou) e depois a borboleta ao redor (representando os novos voos).Quem se sentir confortável, pode ler o que escreveu em voz alta. No caso do grupo estar ocorrendo **online**, você pode anotar no slide o que foi a folha e o que foi voo.

4. Fechamento simbólico (5 min):

Finalize com uma fala de agradecimento. Exemplo:“Cada folha colada aqui é uma raiz que se aprofundou, cada borboleta é um voo que começa. A adoção é um ato de amor corajoso, e vocês mostraram isso em cada encontro. Que essa rede continue viva, mesmo após o fim deste ciclo.”

Dica Extra:Você pode tirar uma foto da “Árvore das Raízes e Asas” e mandar para o grupo (se houver um grupo de WhatsApp, por exemplo) como lembrança do caminho trilhado.

- Dinâmica : nuvem de palavras

Objetivo: ver quais foram os conceitos e sentimentos que ficaram nos participantes

Passo a passo: sendo online, você pode utilizar do site para fazer a nuvem; caso seja no presencial, tenha uma cartolina .

1- peça que os participantes digam palavras ou emoções que sejam a primeira coisa quando eles pensam no TOPA.

2- incentive palavras diferentes; mas, caso hajam palavras repetidas destaque as mesmas.

3- mostre como ficou a nuvem e que ela representa o treinamento.

- Dinâmica: “ e o troféu vai para...”

Objetivo: mostrar aos participantes que eles merecem um troféu pela parentalidade, participação no treinamento e compromisso com o grupo.

1-Pergunte aos participantes qual troféu eles dariam a si mesmos dentro da sua parentalidade . No caso do online, utilize o slide. Deixe que haja um momento de compartilhar

2- Explique que muitas vezes não nos parabenizamos pelo trabalho bem feito e destacamos apenas o que está ruim ; mas que este momento é algo para lembrar o que foi feito de bom e legal.

3-Apresente os troféus que a equipe foi elaborando a cada participante; este momento precisa ser construído ao longo do grupo, observando características que cada participante demonstra. Por exemplo : tem sempre comentários a fazer ; compartilha suas emoções com facilidade, é comprometido com o horário.

4- finalize falando sobre o quanto o prêmio é de todos por terem finalizado o treinamento.

APÊNDICE H

SLIDES DA PSICOEDUCAÇÃO

Encontro 1

Desenvolvimento infantil



O que é desenvolvimento para você?

*“A infância é o chão que se
pisa durante toda a vida”*

domínios do desenvolvimento

físico

Crescimento do
corpo e do
cérebro,
capacidades
sensoriais,
habilidades
motoras e a
saúde

cognitivo

Aprendizagem,
atenção,
memória,
língua, pensamento,
raciocínio e
criatividade

psicossocial

Emoções,
personalidade
e relações
sociais

eles se **INTERRELACIONAM** e se **AFETAM**

É esperado x não é esperado

*Qual desses dois fatores causam maior impacto
no desenvolvimento?*

A genética ou o Ambiente?

- Pesquisas vão apontar para a combinação de hereditariedade e experiência.
- Ex: inteligência



como funcionam juntas ??



O que é personalidade?

Conjunto de traços psíquicos, consistindo no total das características individuais, em sua relação com o meio, incluindo fatores biológicos, socioculturais.

Em resumo: **personalidade é o modo característico como uma pessoa sente, pensa, reage, se comporta e se relaciona com as outras pessoas.**

temperamento

Para Buss e Plomin (1984) o temperamento é o conjunto de traços de personalidade que são observáveis desde os anos iniciais da nossa vida, sendo influenciados pela genética e estáveis a longo prazo.

- Não é algo que nasce pronto; pode ser moldado ; porém , **NÃO DRASTICAMENTE.**
- O temperamento é relativamente estável, esta relacionado com as influências biológicas. O temperamento parece ser em grande parte inato, provavelmente hereditário.

Quem aqui é:

Melancólico

colérico

sanguíneo

fleumático

Big Five

1. **Neuroticismo:** é a tendência ao mal-estar e ao comportamento impulsivo.
2. **Extroversão:** refere-se à participação em situações sociais.
3. **Abertura:** isto é, ser curioso ou motivado por novas ideias.
4. **Agradabilidade:** refere-se ao grau em que sentimos compaixão e mostramos empatia pelos outros.
5. **Conscienciosidade:** é o compromisso com os objetivos.

Para o pleno desenvolvimento da personalidade

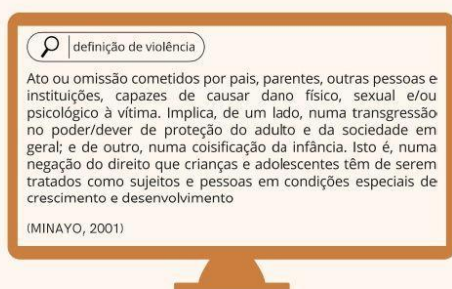


Encontro 2



O que é Violência?

Violência é o uso da **força física, do poder ou de ameaças** (contra si mesmo, outra pessoa ou um grupo) que pode causar sofrimento, ferimentos, morte, danos emocionais, atrasos no desenvolvimento ou privação de necessidades básicas.



Quais são os tipos de violência? Quais são suas consequências no desenvolvimento infantil?



Aconteceu, e agora??

FATORES DE RISCO

variáveis ambientais que aumentam a probabilidade de que ocorra algum efeito indesejável no desenvolvimento

FATORES DE PROTEÇÃO

influenciam ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis



Devolução é violência?

Estilos parentais



*Como você descreve seu
jeito de ser pai ou mãe??*

*Como você descreve seu
jeito de ser pai ou mãe do
SEU pai ou da SUA mãe?*

*Será que eles se
parecem?
Será que são
completamente distintos?*

O nosso jeito de ser pai e de ser mãe envolve um conjunto de comportamentos que utilizamos como **estratégias para orientar e educar** os nossos filhos. Esses diferentes jeitos são conhecidos como **ESTILOS PARENTAIS**.



Todo pai e toda mãe tem um estilo de ser pai e de ser mãe. isso quer dizer que você tem um estilo de interagir com o seu filho

Autoritário

Pais autoritários são aqueles que **controlam rigidamente** o comportamento dos filhos, impondo regras **rigidas e absolutas**, sem espaço para negociação. A comunicação costuma ser unilateral (só o adulto decide) e punitiva, focada em obediência total, o que pode levar a criança a se sentir subjugada e sem voz.



Regras inflexíveis
Diálogo impositivo
Punições severas

"É ASSIM PORQUE EU ESTOU MANDANDO, SEM DISCUSSÃO!"

Negligentes

Pais negligentes são aqueles que demonstram **baixo envolvimento** na vida dos filhos, tanto no aspecto emocional quanto no desenvolvimento geral. Eles costumam:

- **Atender apenas às necessidades básicas** (como comida e abrigo), mas não acompanham o crescimento social, afetivo e intelectual da criança.
- **Não monitoram o dia a dia**, como estudos, amizades ou sentimentos.
- **Priorizam suas próprias necessidades**, deixando a criança em segundo plano.

Diga uma frase típica de pais negligentes

Indulgentes

Pais indulgentes costumam evitar punições e frequentemente atendem aos desejos dos filhos sem impor muitos limites. Eles tendem a ser **pouco envolvidos na orientação** da criança, **não estabelecem regras claras** e têm **dificuldade em dizer "não"**. Como consequência, a criança acaba precisando se autorregular sozinha, o que pode levar a desafios comportamentais e dificuldades em lidar com frustrações (Maccoby e Martin, 1983).



Diga uma frase típica de pais indulgentes

Autoritativos

Pais autoritativos (ou "com autoridade") são aqueles que equilibram firmeza e afeto. Eles:

- Ouvem os filhos e consideram suas opiniões.
- Deixam regras e expectativas claras, explicando o porquê delas.
- Mantêm limites consistentes, mas sem deixar de lado o carinho e o apoio emocional.

Segundo a autora, esse estilo parental é o mais eficaz, pois une **orientação e acolhimento**.

Diga uma frase típica de pais autoritativos



Efeitos	Auto imagem	Emoções	Habilidades sociais	Acadêmico
AUTORITATIVO	- Auto estima alta - Assertivo	- Confiar nas emoções - Regulam-se bem - Auto controle	- Socialmente responsáveis - Menos pressão dos pares - Se dão bem com os outros - Empáticos	- Aprendem bem - Mais confiantes - Alto desempenho
AUTORITÁRIO	Auto estima baixa	- Não confiam nas emoções - Comportamento fraco	- Não se dão bem com os outros - Habilidades sociais rebaixadas	- Dificuldade de concentração - Desempenho médio

Efeitos	Auto imagem	Emoções	Habilidades sociais	Acadêmico
PERMISSIVO	- Auto estima alta - Auto confiante - Menos responsivos - Impulsivos	- Irregular - Manifestam as emoções	Dificuldade em manter amigos	Pouco interesse na escola
NEGLIGENTE	- Auto estima baixa - Pouco confiante - Odeia a si mesmo / outros	- Escondem as emoções - Emoções irregulares - Evitam as emoções	- Rebaixados - Desrespeitosos - Desconfiados	- Baixo desempenho - Solitários

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO FINAL

Avaliação de Finalização do T.O.P.A.

Olá, juntos, trilhamos uma jornada importante, e chegou o momento de pararmos para celebrar o percurso e projetar o futuro, sendo a sua perspectiva o nosso melhor guia. Por isso, de forma confidencial e segura, convidamos você a compartilhar a sua experiência: conte-nos qual foi o seu aprendizado mais valioso, onde há margem para melhorias e o que podemos fazer diferente, e qual é o legado que você carrega deste ciclo de encontros. Sua sinceridade é muito bem-vinda e apreciada.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome *
2. Como foi sua experiência no treinamento online?
3. Como foi sua experiência com as outras pessoas que fizeram parte do grupo? *
4. Como foi sua experiência com a Facilitadora do treinamento Ilanna? *
5. O que mais te marcou no treinamento? *
6. Considerou algum conteúdo difícil, confuso ou que poderia ser diferente? *
7. Qual foi o encontro que considerou mais interessante e importante? *
8. Que tipo de mudança indicaria nas aulas do treinamento? *

9. Você sente que os conteúdos e discussões foram úteis para sua realidade? De que forma?*

10. Como você descreveria o impacto do treinamento na sua jornada como mãe/pai?!*

11. Já começou a colocar em prática — ou pretende colocar — a partir do que aprendeu aqui? Qual conteúdo? *

12. De 1 a 5, como você avalia o treinamento das aulas como um todo? *
(1 = Muito insatisfeito | 5 = Muito satisfeito)

Marque todas que se aplicam.

- 1- muito insatisfeito
- 2- insatisfeito
- 3- indiferente
- 4- satisfeito
- 5 - muito satisfeito

13. De 1 a 5, como você avalia o material disponibilizado como um todo? *
(1 = Muito insatisfeito | 5 = Muito satisfeito)

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

14. Se quiser, deixe um comentário sobre essa nota:

15. O que aprendeu de mais importante? *

16. Qual a maior dúvida que ainda ficou para você sobre o conteúdo do treinamento?